# Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 346
Janeiro 1984
Terça-feira

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**


# Conhecidas novas condições para crédito à habitação

Acesso mais fácil à habitação própria por parte dos casais mais jovens e distribuição menos diversificada dos encargos mensais dos empréstimos por todos os compradores de andares independentemente do número de pessoas no agregado familiar são os traços dominantes da legislação aprovada em Conselho de Ministros sobre crédito à compra ou construção de habitação própria.

A nova lei divide os empréstimos em quatro classes (A, B, C, D, consoante o valor do prédio seja até 2800 contos, de 2800 a 4000, de 4000 a 5000 ou mais de 5000 contos) e aplica as taxas de amortização e concede bonificações e subsídios do seguinte modo:

**pág. 20**

**EMPRÉSTIMOS: 95 por cento nos andares até 2800 contos; 85 por cento nos andares entre 2800 e 4000; 75 por cento entre 4000 e 5000 contos.**

**BONIFICAÇÕES: entre 5,25 (nos empréstimos até 2800 contos) e 1,5 por cento (nos empréstimos até 5000).**

**SUBSÍDIOS: 8 por cento da prestação mensal aos agregados de 550 contos de rendimento; 5 por cento aos agregados de rendimento anual de 700 contos; 3 por cento aos rendimentos até 900 contos.**

**PROGRESSIVIDADE: 12 por cento ao ano até 2800; 15 por cento acima desse valor.**

*Crime de Montechoro chega a tribunal*

## Julgamento de Al-Auad marcado para amanhã em Albufeira

**No Tribunal de Albufeira, rodeado desde há dias da «máxima segurança», terá início amanhã pelas 9 e 30, o julgamento do palestiniano Youssouf Al-Auad, membro do Grupo Abu Nidal, acusado de ter assassinado a tiro, na manhã de 10 de Abril do ano passado, no Hotel de Montechoro, o dirigente da OLP, Issam Sartaui, que, na altura, participava numa reunião da Internacional Socialista. Como testemunha presencial irá depor então o secretário de Sartaui, Anwar Abu Elshen, que foi ferido durante o atentado. Fátima Pontes, uma advogada de 32 anos, nomeada defensora oficiosa após a enigmática renúncia de Manuel João da Palma Carlos, afirmou «estar longe dos ideais de Al-Auad», mas que irá desenvolver uma «acção escrupulosamente profissional». No pleito participarão dez jurados (oito efectivos e dois suplentes) sorteados entre 40 apurados de um grupo de 700 eleitores daquele concelho algarvio.**

**Pág. 8**

O corpo de Issam Sartaui no «hall» do hotel de Montechoro

*Em causa o "porta-aviões insubmersível"*

## "Pravda" critica acordo das Lajes

O jornal soviético «Pravda», na sua edição de ontem, critica o recente acordo luso-americano sobre a base açoriana das Lajes afirmando que o Pentágono aspira a «obter autorização para os bombardeiros estratégicos norte-americanos com armas nucleares a bordo poderem aterrar» naquela base.

Para a «Pravda», a base das Lajes constitui um «elo importante na cadeia americana de bases militares e pontos de apoio no estrangeiro que dão corpo à concepção de mobilidade estratégica» das forças dos EUA.

Destacando que no Pentágono se designam os Açores como «porta-aviões insubmersível», o jornal soviético acrescenta tratar-se de um «trampolim para a agressão», designadamente «para o transbordo de unidades da Força de Intervenção Rápida, equipadas com armas nucleares para a Europa, Médio Oriente e zona do Golfo Pérsico».

Deste artigo, citado pela agência soviética Novosti, ressalta a ideia de que a URSS poderá vir a considerar a base das Lajes como parte do dispositivo estratégico nuclear norte-americano e, nesta hipótese, torná-la em alvo dos seus próprios mísseis nucleares.

Nestes termos, e dado que a «Pravda» não afirma categoricamente que a passagem de aviões portadores de armamento nuclear esteja incluído na parte do acordo luso-americano já assinado, o artigo poderá ser interpretado como um «aviso» ao Governo português. Neste sentido, o jornal soviético faz questão em afirmar – citando a Embaixada dos EUA em Lisboa – que «novas conversações com as autoridades portuguesas»

Continua na pág. 20

*Lino de Carvalho ao "DL"*

## PS vai mais longe que a AD no ataque à Reforma Agrária

**Pág. 5**

*1500 franceses e italianos retirados do Líbano*

## Assad entrega piloto dos EUA preso na Síria ao reverendo Jesse Jackson

O reverendo Jesse Jackson, candidato democrata à Casa Branca, obteve hoje a sua primeira vitória com a libertação do piloto americano detido na Síria desde princípio de Dezembro. Jackson, que se deslocou a Damasco para obter a liberdade do piloto, encontrou-se ontem com o presidente sírio Hafez Assad (Foto UPI/NP/DL).

**Págs. centrais**

*A guerra em Angola (6)*

# "Livro branco" revela que Pretória já matou em Angola três mil pessoas

Entre Março de 1976 e Dezembro de 1981, cerca de três mil pessoas foram mortas pelas forças regulares e especiais do exército sul-africano.

Um «Livro Branco» sobre as agressões sul-africanas, distribuído pelas autoridades angolanas, informa que pelo menos 2278 pessoas morreram durante ataques terrestres e aéreos das tropas sul-africanas entre 27/3/76 e 31/12/81. O governo angolano calcula que várias centenas mais tenham sido mortas nas áreas ocupadas pelo exército de Pretória no Cunene, após Julho de 81.

A invasão sul-africana de 1975 a Angola terminou a 27/3/76 com a retirada do exército invasor para a Namíbia. Porém, pouco após essa data recomeçaram os ataques sul-africanos na província do Cunene, que faz fronteira com a Namíbia.

Dos 2278 mortos registados até finais de 81, cerca de 330 eram militares, alguns dos quais cubanos. 1981 foi um ano em que mais militares pereceram (206) em combate contra o exército sul-africano, indicando uma política deliberada de guerra directa contra as **FAPLA** e as forças cubanas.

### Grande prejuízos materiais

Dos civis mortos, a maioria era angolana, mas 612 eram refugiados namibianos vitimados durante o massacre de Cassinga de 78.

No dia 4 de Maio desse ano, 200 pára-quedistas sul-africanos atacaram Cassinga, apoiados por 2 aviões-cargueiro C-130, 14 helicópteros Alouette SA-330 e Puma, 9 caças Mirage-III e vários Cessna de reconhecimento tipo F.1 e F.2.

O ataque ao campo de Cassinga durou cerca de seis horas e meia. A primeira experiência neste tipo de operação de aniquilamento em massa de civis, havia sido feita em Nyazonia, Moçambique, por tropas rodesianas.

Entre 1976 e 79 houve igualamento em massa de civis e havia sido feita em Nyazonia, Moçambique, por tropas rodesianas.

Uma pequena parte era provávelmente constituida por guerrilheiros da ZAPU.

O «livro branco» informa que entre 76 e 81 foram feridas 2728 pessoas, 600 dos quais zimbabweanas e 611 namibianas (em Cassinga). O número de militares feridos (angolanos, namibianos, zimbabweanos e cubanos) foi de cerca de 600.

O «Livro» indica que em 1981 desapareceram 1086 militares. Esse ano foi dos mais violentos na guerra em Angola. Só a «operação protea», lançada pela África do Sul em Julho de 1981, provocou o desalojamento de 160 000 pessoas.

De Janeiro a 23 de Agosto de 81, com grande incidência nos meses de Julho e Agosto, as tropas sul-africanas efectuaram 1617 voos de reconhecimento dentro de Angola, 100 bombardeamentos aéreos, 50 metralhamentos aéreos, 26 reconhecimentos terrestres, 67 concentrações militares, 4 lançamentos de pára-quedistas, 30 ataques terrestres, 7 bombardeamentos terrestres e 9 minagens de vias de comunicação.

Aos mortos, feridos e desalojados há a adicionar prejuízos materiais astronómicos. Cálculos recentes estimam que os prejuízos totais desde 75 ascendem a 12 biliões de dólares.

O «Livro Branco» afirma que entre Março de 76 e Dezembro de 81 os prejuízos materiais foram de 964 536 105 dólares (americanos). Na invasão de 75/76, Angola havia sofrido prejuízos no valor de 6 700 000 000 dólares.

Os prejuízos incluem a destruição de sementeiras agrícolas, comboios, linhas férreas, equipamento rolante dos caminhos-de-ferro angolanos, unidades industriais e agro-industriais, barragens, instalações petrolíferas, viaturas militares e civis, armazéns de comida, postos de saúde, hospitais, escolas e outros edifícios.

Incluem, também, perdas por paralisações e acções não desenvolvidas, assim coo o abate de gado. Em 1981 as forças de ocupação sul-africanas abateram gado no valor de 17 000 000 dólares.

### Pretória patrulha Cunene

Na primeira metade de 1982, diz o «Livro Branco», «as tropas sul-africanas realizaram 375 voos de reconhecimento, 16 bombardeamentos e metralhamentos aéreos, 85 desembarques de tropas helitransportadas, 2 bombardeamentos terrestres, 5 reconhecimentos terrestres e 37 concentrações de forças e meios».

Nesses seis primeiros meses de 82, houve 10 civis mortos e 14 feridos. Entre os militares, 23 soldados angolanos e 1 cubano perderam a vida, e 53 soldados das FAPLA foram feridos. Um soldado cubano e 16 das FAPLA foram dados como desaparecidos. Houve, pelo menos, 14 operações contra posições das FAPLA e cubanas.

Para as autoridades angolanas, estes números indicam o prosseguimento de uma política de confronto directo com as forças angolanas e cubanas.

Neste período, as FAPLA abateram 2 helicópteros e 4 caças Impala MK-2 sul-africanos. Os 4 caças foram abatidos nos bombardeamentos de Cahama a 16 de Maio de 82.

Também neste período prosseguiram as acções contra alvos económicos. Por exemplo, no dia 14 de Maio 10 aviões sul-africanos bombardearam o município de Jamba e arredores, destruindo uma central eléctrica.

Por outro lado, de Dezembro de 81 a Março de 82, Angola perdeu 36 550 000 dólares por ter deixado de exportar 40 mil toneladas de produtos petrolíferos por mês, devido à sabotagem parcial da refinaria de Luanda em Novembro de 81.

A ocupação do Cunene tem sido acompanhada por ataques regulares a localidades civis e posições das FAPLA e cubanas nas províncias do Kuanda-Kubango, Moçâmedes e Huíla. As duas primeiras fazem fronteira com a Namíbia.

As quatro províncias totalizam uma área de 401 373 quilómetros quadrados (cerca de 30 por cento do território) com 1 050 000 angolanos e alguns milhares de refugiados namibianos.

O «Livro» informa, igualmente, que o exército sul-africano mantém sob um patrulhamento sistemático toda a área do sul do Cunene.

O patrulhamento é feito pela «aviação e unidades ligeiras apoiadas pela cavalaria e por cães polícias», havendo também «emboscadas e minagens de todos os acessos para impedir qualquer tentativa de recuperação da região pelo exército angolano.»

**(Carlos Cardoso, AIM, «DL»)**

# Património arquitectónico-Macau

**Pedro Vieira de Almada**

Promovido pelo Departamento do Património Cultural do Instituto Cultural de Macau, está neste momento na Galeria Almada Negreiros, uma exposição sobre o património arquitectónico daquele território.

Exposição de grande frescura de montagem ela é marcada por uma ausência de grandes meios, por uma quase modéstia de processos que nunca a diminuem; pelo contrário, na medida em que essas ausência e modéstia são tomadas como dados e características do problema e não como entraves exteriores à procura de uma solução adequada, elas deixam de ser estorvos para passarem a ser tomadas como motivações e desafios acabando por constituir um factor, um dos factores, da qualidade da exposição.

Além disso, aquela ausência de meios e modéstia de processos, aproximam logo a exposição de quem a vê, tornam-na surpreendentemente aberta e simpática para um qualquer visitante, farto que está, e todos estamos, de excessos grandiloquentes, que as mais das vezes cobrem (mal) as insuficiências do que se quer tratar.

Acresce a esta modéstia de meios a eficácia que os mesmos revestem, criando uma situação discursiva que é sempre difícil defender (a documentação fotográfica de qualquer coisa), um ritmo e uma vivacidade próprios que aligeiram e desacademizam a exposição, conferindo-lhe até um carácter de divulgação e brinquedo, com que a iniciativa só ganha: refiro-me aos vários modelos de exemplares de património, construídos em cartolina, quer os incluídos na própria exposição quer os postos à venda em folhas para armar.

O uso hábil dessas maquetas simples que dão a entender um volume, ou o contraponto do grafismo de fundo que numa escala diferente dos elementos documentados, remete para aspectos da herança art-deco, ou para a herança chinesa, permitem um melhor entendimento do clima de contraste e colagem formal, que de certa maneira caracteriza Macau como ambiente arquitectónico. Pode supor-se, e eu soponho, fazer ali falta a documentação mais propriamente referente a temas espaciais, aos contrastes entre as noções de um habitar chinês e um habitar europeu, que se reflecte quer na organização de alguns espaços colectivos e privados, quer na estrutura de formas de apropriação desses espaços, que tudo isto é também património.

Tratando-se no entanto de uma primeira exposição, que se tem a si própria mais como **uma apresentação** de Macau, «sem preocupações sistemáticas nem exaustivas», há que reconhecer que ela cumpre com este objectivo de maneira equilibrada, dando-nos um pouco do ambiente geral, sem demasiadas particularizações, que ou não seriam entendidas convenientemente, ou exigiriam uma exposição muito mais vasta, usando de muito maior profundidade e rigor, que certamente seria ainda difícil imprimir, dado que o Instituto Cultural de Macau tem práticamente apenas um ano de vida.

O catálogo — de que se dispôs logo no primeiro dia, o que não é indiferente — acompanhar o corpo da exposição, constituindo uma peça bem organizada que reveste os créditos daquela.

Nele é pena no entanto que se não avance um pouco mais para além dos limites da exposição propriamente dita.

Se é de aceitar que esta se pretenda e se defina, como primeira apresentação não exaustiva nem sistemática de Macau, já seria legítimo esperar que no catálogo houvesse qualquer coisa, ainda que fosse apenas ao nível de esboço, como uma primeira tentativa de enquadramento crítico do que se documenta e do que fica necessariamente por documentar.

E o que terá ficado por documentar é ainda material significativo. Diria eu desde já, e para além de outros aspectos, que na exposição falta aquilo que se poderia considerar como o reverso da medalha do que é apresentado. Atendendo às características do território e a algumas práticas de promoção e projecto já relativamente conhecidas, esse reverso da medalha terá de ter dimensão de peso, e seria necessário a sua documentação simultânea, para um claro entendimento da dinâmica própria e das pressões que localmente se desenvolvem em sentido contrário ao sentido que a exposição defende, que é o sentido que justifica afinal a existência do Instituto Cultural de Macau.

Nem tudo ali serão rosas para a salvaguarda patrimonial.

De facto na exposição ficamos a ter uma ideia das notáveis características formais de linguagem desenvolvida, particularmente na dobra do século, ficamos a conhecer alguns aspectos ainda passíveis de uma decidida acção de salvaguarda, mas falta na exposição a indicação do que mais recentemente se tem levado a cabo como atentados locais ao património existente. Atentados não só pelo que é destruído, mas atentados também pelo que é construido.

Ficamos assim com a documentação por exemplo sobre o Grande Prémio da PATA 83 justificadamente atribuido, mas falta-nos documentação sobre os detalhes da transformação das panorâmicas de Macau de 1950 a 83, bem como os edifícios de espalhafatosa e interesseira «modernidade» que as vistas da Colina do Monte deixam entender. Em resumo, de Macau é-nos dado a conhecer o que aí pode constituir o prémio laranja, mas nada por enquanto nos é dito do que em Macau constitui o prémio limão.

E a defesa do património implica também o apontar dos casos amargos. Percebe-se que numa primeira apresentação, esses aspectos tenham sido um pouco diluidos, mas importa voltar a eles em futuras oportunidades.

Pretendendo chamar-nos a atenção para o problema patrimonial em Macau, esse objectivo é largamente conseguido e por isso mesmo esta exposição constitui um desafio. Para nós e para o Instituto Cultural de Macau. De facto a atenção ficou desperta não só para a qualidade do património, mas para a responsabilidade da sua defesa e salvaguarda.

Esperamos que esta seja apenas a primeira de uma série de exposições em que progressivamente se venha a dar conta do que em Macau se vai fazendo, relacionando o património construido com os modos de vida e actividades, investigando a origem do vocabulário formal/espacial, estabelecendo critérios correctos de salvaguarda, procurando as alternativas adequadas, promovendo levantamentos e registos, assegurando um desenvolvimento do território em que o património construido seja peça-base de critérios de intervenção. É para tudo isso que a nossa atenção ficou desperta.

Não sendo excessivamente presente a cultura e até a língua portuguesas em Macau, a participação das populações (necessária em qualquer acção de salvaguarda) deverá encontrar caminhos próprios para se definir e concretizar. E talvez que aqui o caminho venha a ser o inverso: pelo património se chegará à participação.

A criação do Instituto Cultural de Macau, terá sido um primeiro passo de um caminho difícil mas promissor, um segundo passo será a anunciada legislação contendo disposições que tendem a viabilizar economicamente a preservação, junto de particulares e proprietários.

Estão assim lançadas algumas bases instrumentais; outras virão a ser precisas à medida que o trabalho progrida.

E esta progressão terá de ser feita em todos os planos e logo na definição correcta de métodos adequados.

Pelas características próprias do meio, agressivamente competitivo, pela individualidade e riqueza da situação cultural que ali se verifica, pela própria dimensão do território que não deixa escamotear o facto e de que tudo passa pelo planeamento territorial, Macau pode ser um cadinho de uma exigente experimentação neste campo.

E com essa experimentação todos teremos a aprender.

O caminho está aberto e há evidente a vontade de o percorrer com firmeza. Valerá assim a pena estar atento ao que em Macau se venha a passar no plano dos métodos e da legislação, e para já valerá a pena uma visita à Galeria Almada Negreiros, como forma de obter uma primeira informação sobre o interesse do património construido em Macau.

Direi que seria mesmo imperdoável não o fazer.

*Uma carta*

*do dr. António de Barros Machado*

# Em desagravo do presidente Bernardino Machado

Do Dr. António Barros Machado recebemos a seguinte carta que enviada ao semanário «Expresso», em Outubro de 1983, segundo nos informa, não foi publicada. A pedido do Dr. Barros Machado, neto do Presidente Bernardino Machado e como contribuição para um perfil exacto do Professor, do Homem Político e do último Presidente da República antes do «28 de Maio», publicamos hoje, a carta que aguardava a publicação reparadora.

**Sr. Director do «Expresso»:**

Como descendente, que muito me honro de ser, de Bernardino Machado, sinto-me na obrigação de vir rectificar as afirmações dúbias, erradas ou malévolas contidas num livro em preparação do Sr. José António Saraiva, que o «Expresso» transcreveu no seu número de 1 do corrente, precisamente em vésperas da homenagem nacional prestada em Vila Nova de Famalicão àquele homem público, com a presença do Presidente da República e a participação do Governo.

«Bernardino Machado era mundano», escreve o Sr. Saraiva. Se fosse no sentido de «sociável», estaria certo, porque Bernardino Machado, o era no mais alto grau, sendo essa mesmo uma das suas maiores virtudes. Mas como não é aquele o significado mais comum da palavra, que é o de amante das vaidades e prazeres do mundo, o leitor, à luz de tudo o que o Sr. Saraiva, em tom deprimente, diz a seguir, é levado naturalmente a crer que o sentido rebaixante é o que deseja exprimir. Mundano, Bernardino Machado! Esse trabalhador infatigável, toda a vida dedicado a servir os outros, pelo estudo, pela acção altruísta constante, que o seu feitio sociável e cordial facilitava, austero e frugal, simples e afável nas suas relações com toda a gente, de todas as classes e sobretudo com as pessoas mais humildes, não buscando nunca o deleite egoísta e fútil! É evidente que o Sr. Saraiva não conhece a vida de Bernardino Machado — e melhor seria que a estudasse, para não incorrer em tão descabidas faltas de respeito.

Outro passo e pior ainda, porque aqui é que não há qualquer ambiguidade: «Gostava do poder pelo poder — e não deixava de o confessar». Como é que se pode afirmar tal coisa de quem nunca exerceu qualquer poder que não fosse por escolha expressa dos seus concidadãos e para os servir e que não hesitou jamais em renunciar aos cargos que exercia, quando a permanência neles implicasse o mínimo entorse dos princípios que defendia e pelos quais tanto se sacrificou? Não se pode ser mais injusto. O Sr. Saraiva repete aqui uma calúnia pérfida que os detractores de Bernardino Machado muitas vezes usaram. O próprio Bernardino Machado lhes respondeu nestes termos: «Ocupo tanto de vontade os postos em que tenho de cumprir o meu dever, que muita gente imaginará que acedo menos ao desejo dos outros do que ao meu próprio. Mas o facto é que nunca os solicitei». Este era aliás o entendimento público da isenção de propósitos de Bernardino Machado desde os tempos da Monarquia. Na medalha mandada cunhar pelos organizadores da imponente manifestação popular que lhe foi prestada em Lisboa, em Julho de 1907, quando se demitiu, num gesto de rara coragem, de profes-

Continua na pág. 18

*Crónica de economia política*

# As economias do mundo lusófono

**Mário Murteira**

A recente cimeira de Bissau e as propostas do governo português sobre um possível espaço tricontinental de cooperação, reunindo todos os países de expressão oficial portuguesa, vieram uma vez mais chamar a atenção para a ligeireza (chamemos-lhe assim) da política externa do actual Governo. Mas para entrarmos no assunto desta crónica convém olhar primeiramente o QUADRO I.

Encontramos nesse quadro alguns dados básicos sobre os países em questão, referidos a 1978 ou ano próximo. Esses dados foram extraídos de publicações da ONU, mas convém acentuar que as informações estatísticas sobre as economias africanas aí referidas são muito precárias e apenas valem como grosseiras estimativas. Atendendo ao nível do PIB (Produto Interno Bruto) por habitante estas economias ou são subdesenvolvidas ou intermédias, mas nenhuma pertence em rigor ao primeiro dos três «mundos» em que habitualmente se agrupam as economias do planeta, isto é, capitalismo desenvolvido, economias de planificação central e economias subdesenvolvidas.

Duas dessas economias (Guiné e Cabo Verde) pertencem ainda ao grupo dos «menos desenvolvidos (Least Developed Countries), segundo a classificação das Nações Unidas, onde se situam os países mais pobres do mundo. Por outro lado, é evidente o gigantismo do Brasil no conjunto: conta para 89% do PIB e para 82% da população do total dos países considerados. Ainda assim, no entanto, o produto das economias lusófonas no seu conjunto não representa mais do que cerca de 11% do produto global da CEE ou 10% dos EUA. Considerando apenas as economias africanas de expressão oficial portuguesa, a população anda pelos 18 milhões e o produto do conjunto é inferior a 1/3 do PIB português.

Temos pois um espaço fortemente desequilibrado nas suas proporções, de características predominantes de subdesenvolvimento em que nenhuma economia nacional se pode classificar globalmente de industrializada. É todavia patente que classificações sumárias deste tipo são simplistas e podem revelar-se enganadoras. Uma outra classificação que atendesse aos **recursos naturais** da área (por exemplo em matérias-primas, determinados produtos minerais, recursos alimentares) e às **potencialidades de desenvolvimento**, permitiria conclusões bastante diferentes. Também é desnecessário sublinhar o valor estratégico e político de determinados territórios incluídos neste mundo lusófono.

O Quadro I, todavia, permite-nos uma primeira leitura que se nos afigura útil na sua simplicidade e evidência: Portugal, ainda que politicamente o ambicionasse, nunca

| | População milhares | Área (milhares k2) | PIB (milhões dólares) | PIB p. habitante (dólares) |
|---|---|---|---|---|
| Portugal | 9685 | 92 | 17795 | 1837 |
| Brasil | 119 461 | 8512 | 193 282 | 1618 |
| Cabo Verde | 314 | 4 | 71 | 226 |
| Guiné Bissau | 777 | 36 | 103 | 134 |
| Angola | 6 732 | 125 | 2 741 | 407 |
| Moçambique | 9 935 | 783 | 2 380 | 240 |
| S. Tomé e Príncipe | 83 | 1 | 39 | 470 |

poderia constituir o pólo cultural e economicamente dinamizador dum tal espaço – um tal papel só poderia talvez ser desempenhado pelo Brasil e não se vê por que necessitaria de apoio português se tal projecto fosse praticável. E cremos estar ao alcance de qualquer inteligência mediana reconhecer que a língua – só por si – não é factor decisivo de cooperação económica, técnica e política a menos que exista real convergência de interesses e projectos em objectivos precisos das diferentes políticas nacionais dos Estados considerados. Parece, aliás, que a história das relações luso-brasileiras mostra isso.

Essa convergência existe ao nível dos Estados africanos de expressão portuguesa. Existiu, na época colonial, durante a luta contra o inimigo comum — o Estado colonial português. Existe, depois das independências, no afrontamento do Estado racista sul-africano e nos caminhos de cooperação entre Estados do Terceiro Mundo envolvidos na luta contra o subdesenvolvimento e as injustiças e anomalias da ordem económica internacional existente. Já em 1980, no Maputo, as cinco ex-colónias portuguesas haviam subscrito uma convenção que apontava diversos domínios de cooperação – indo-se até ao ponto de configurar uma futura zona de trocas livres entre esses países. Foi o conflito que surgiu entre a Guiné e Cabo Verde, depois do golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980 em Bissau, que impediu o prosseguimento dessa cooperação. Normalizadas as relações entre os Estados da Guiné Bissau e Cabo Verde (e também desfeito o sonho de Amílcar Cabral sobre a unidade política dos dois países liderada pelo PAIGC) estava reaberto o caminho para um linha de cooperação «horizontal», isto é, entre nações do Sul, que agora aparece de novo na ordem do dia no encontro de Bissau.

Uma tal cooperação pode manifestar-se de várias formas: nos domínios comercial monetário e financeiro; nos transportes e seguros; na formação de quadros; no lançamento de projectos comuns de investigação científica e tecnológica, etc.

Nos aspectos estritamente económicos, essa cooperação oferece naturalmente perspectivas mais significativas para as três economias de menores dimensões, mas no terreno político interessa a todos. Na realidade, creio não exagerar se reconhecer que o desenvolvimento dos laços entre estas cinco nações africanas será, ao mesmo tempo, apoio ao desenvolvimento da sua identidade nacional. A língua portuguesa, além doutros factores! funciona neste plano como afirmação duma solidariedade e identidade próprias e só tem a ver com Portugal por força duma história passada e não duma história a refazer-se no futuro.

Mas nada disto significa afirmar que entre os cinco jovens Estados lusófonos de África e Portugal não possam e devam desenvolver-se relações de cooperação de interesse mútuo. Mas, para tanto, há condições primordiais de natureza política a satisfazer. Têm a ver, como é óbvio, com os factores predominantes de convergência entre as nações em causa e que já referi: determinado e inequívoco posicionamento nos conflitos da Africa Austral; posicionamento também claro no debate Norte-Sul, isto é, no terreno de luta que tem a ver com a instauração da Nova Ordem Económica Internacional. Forçoso é reconhecer, porém que duma maneira geral a política externa dos chamados governos constitucionais nem sempre tem primado nestas matérias pela clareza e convicção. E, neste Governo, chega a ser penoso o tom demagógico e oportunista dalgumas declarações oficiais, nas bocas do Primeiro-Ministro, do ministro da Defesa ou dos Negócios Estrangeiros, todos aparentemente irmanados na mesma falta de princípios (profundos) quanto à nossa política externa. E é de recear que, numa daquelas saloias espertezas típicas de certo tipo de personalidades, o crepúsculo do mito CEE dê lugar ao renascer do mito atlantista, ou seja, do mero alinhamento político pleos EUA nos pontos cruciais de política externa, a troco dalgumas migalhas de ajuda financeira.

Assim sendo, não é de estranhar que os cinco Estados africanos procurem cada vez mais noutras paragens os apoios de que necessitam na sua dura luta pela sobrevivência. E, noutro plano, que empresas nacionais debatendo-se num ambiente de crise económica generalizada vejam mais cerceadas oportunidades de penetração em mercados externos, como agora sucede em Angola.

# De portucalensis progroms

**Rui Zinc (*)**

«Morra o Herulano, morra. Pim!» (anónimo séc. XX, balneário de uma escola secundária da área de Lisboa)

AS cheias, as escolas sem condições, as faltas de professores, os milhares de alunos sem aulas, etc., não se devem a erros humanos mas sim a fatalidades do destino, ninguém o ignora. Por isso, não pretendendo vilipendiar o ministério por azares que transcedem a sua competência — «a fama que vem de longe» —, optei por falar de algo que, isso indubitavelmente, está nas mãos de quem de direito: a fazedura dos programas disciplinares.

(Repare-se que falo de fazedura e não de cumpridura, isso seria uma outra tanta história).

Referirei pois três casos concretos, todos no âmbito do ensino do Português: os conteúdos programáticos dos dois 11.ºs anos, «humanísticas» e «científicas», e do 12.º ano de Língua portuguesa como disciplina nuclear.

1. «Como primeiro objectivo, deverá fazer-se um esforço no sentido de atenuar **as reais deficiências no uso da língua e a notória falta de cultura** que apresentam os alunos do ensino secundário ao chegarem à universidade». (1) Conforme se pode verificar neste trecho da sua introdução, o programa do 12.º ano de Língua Portuguesa quer-se **realista.** Intenção louvável a corroborar e sublinhar.

Quanto aos 11.º anos, embora já não tão claramente apontadas as lacunas dos alunos (que, não o esqueçamos, **são** as do sistema de ensino), creio ser possível considerar que nem a situação se altera (seria um fenómeno curioso) nem a posição ministerial é outra. Enfim, fala-se em **substracto,** em **fomentar o gosto pela leitura, em sementes do futuro,** etc.

2. Isto no plano das considerações gerais, **claro.** este «claro» sempre me pareceu uma das mais tristes expressões portuguesas, porque faz sempre a inércia e a incompetência soarem **naturais**. Aparece este «claro» e já sabemos que o que o antecedeu era apenas fogo de vista, paleio barato que toda a gente **sabia** de antemão não ser para ter em conta. Discurso eleitoral.

Passa-se então à realidade, isto é, ao programa propriamente dito, e então é que são elas. Exemplos pontuais: no 12.º «A Sibila» de Agustina Bessa Luís (1.º período); no 11.º de estudos humanísticos, «Eurico, o Presbítero»; no 11.º científicos, os **oito séculos** inteirinhos de literatura portuguesa, não mais.

(Claro, convém não esquecer que o nível de profundidade na abordagem da matéria é, no 11.º ano de ciências exactas, muito menor. A intenção é boa: que os alunos fiquem com uma noção geral do que é a **sua** literatura, etc. e tal. Só que aqui entram as tragédias referidas no início deste artigo, mais as dificuldades apontadas pelo próprio Ministério quanto ao verdadeiro estado das coisas. Para começar, NUNCA SE CHEGA AO SÉCULO XX. Mesmo que as condições fossem as melhores já seria difícil levar a cabo um programa tão extenso, tão **irrealista.** E todos sabemos o que acontece: os alunos desmobilizam-se, porque ao longo de todo o seu ensino secundário só lhes leccionaram matéria que lhes era **estrangeira.)**

3. Ora o gosto da literatura não nasce tentando enfiar Herculano a metro pelas goelas abaixo do criançame. A ideia de literatura com que a maioria dos alunos sai do ensino secundário é a de uma coisa que só existiu até ao século XVI, ao século XIX ou, na melhor das hipóteses, até 1920, quando

**A Escola António Arroio, um triste exemplo de instalações degradadas**

(gloriosamente) se conseguiu referir que Fernando Pessoa era um senhor com três **entrónimos.**

Herculano é importante, não discordo. Mas Cardoso Pires também o é e há muitos alunos que passam sem ele. E, já que estamos a falar em termos de formação do indivíduo — o português é, no meuentender, mais uma **disciplina de formação** do que de informação —, **Madame Bovary** ou **Os Irmãos Karamazov** não serão mais pertinentes para o desenvolvimento do aluno como homem e cidadão do que o Cancioneiro Geral ou **Uma Família Inglesa?**

4. A inteligência, sabemo-lo hoje, está estreitamente relacionada com a afectividade. Não se trata de facilitar excessivamente as coisas aos «idiotas dos miúdos», de os induzir no vício de apenas fazer aquilo que dê prazer imediato. Trata-se, isso sim de enfrentar a realidade, e a realidade é que — **por motivos que lhes são inteiramente alheios** — a formação dos alunos do ensino secundário é bastante deficiente.

E continuará a sê-lo, enquanto, a acrescer as tragédias paralelas, os Fazedores de Programas disserem uma coisa no capítulo das considerações gerais e outra no da aplicação prática.

Ler, já de si, não é fácil, exige um acto de vontade. Fácil é ver a telenovela (brasileira...) nopequeno ecrã. Porque não então dar obras mais interessantes e... agradáveis? Uma, pelo menos, já os alunos encontraram: **Os Maias»** de Eça de Queirós, esse matação de 500 páginas que um aluno do 11.º ano de escolaridade lê — passado o primeiro medo — com um prazer e um interesse imensos.

Herculano (martirizamo-lo aqui como exemplo apenas porque é **muito exemplar)** há-de ser livro de cabeceira de muita sensível gente, objecto de muitas teses apaixonantes. Mas assim, aviado a seco a alunos indefesos, limita-se — contrariado decerto, se fosse vivo — a ser uma subtil máquina de tortura cujo resultado é curar os estudantes de um eventual gosto pela literatura... para todo o sempre.

5. **Já** com vinte e tal anos e a meados do meu curso universitário, tentei ler «A Sibila» e ainda assim fui vencido pela fadiga a 50 páginas do fim. (E no entanto no mesmo ano li o «Ulisses», de Joyce.) Daí que me pareça uma injustificada crueldadezinha» o ter sido essa a obra escolhida no âmbito da narrativa para o 12.º ano de língua Portuguesa, cujos alunos têm, em princípio, entre 17 a 18 anos.

Ora a questão é essa: não interesse se «A Síbila» é uma obra muito importante ou não, se «Eurico, o Presbítero» é ou não indispensável para compreender o Ser-se Português — o importante é interrogarmo-nos sobre se são ou não próprias para a estrutura mental de uma pessoa com a idade x.

(E ainda para mais com **aquela** formação mutilada de tantos e tantos «incidentes» ao longo dos anos).

Consideremos pois, se preferirem, que estamos num **estado de emergência** e que quando a situação for **normalizada** (daqui a quantos séculos? Quando deixarão de haver cheias, cortes orçamentais, faltas de professores tardia e debilmente «resolvidas», instalações precárias ou outras Fatalidades do Destino?) poder-se-á, então, leccionar as pérolas de cultura que são «Eurico, o Presbítero», «A Síbila» e, em última instância, a «História da Literatura Portuguesa a Metro» no 11.º ano de estudos científicos.

6. O programa do 12.º ano de Língua Portuguesa adverte os professores para **«fazer um esforço no sentido de atenuar** as reais deficiências no uso da língua» (1) por parte dos alunos que, muitos deles, irão para cursos de letras. Mais flagrantes são, logicamente, as «reais deficiências dos alunos dos 11.ºs anos de «estudos científicos» que, essas, afianço-vos são de facto muitas, tantas que lhes prejudicarão o exercício de qualquer carreira (e não só universitária), por mais distante das literaturas que esta seja e, consequentemente, a sua COMPETÊNCIA FUTURA como cidadãos produtores do **nosso** mundo.

Ora num só ano o ministério pretende que os professores apliquem matéria para pelo menos três: a hist. da lit. port. (aquilo que se conseguiu dar) hist. lit. port. (que ficou por dar) e a preparação dos alunos para o manejo minimamente fluente da ferramenta base que é o Português.

Talvez que este último ponto devessem os alunos trazê-lo já dominado do ciclo preparatório ou do 7.º ano de escolaridade. O FACTO é que não trazem e é essa lacuna que é necessário, urgente colmatar antes que seja demasiado tarde. Para milhares, dezenas de milhares de jovens já o é.

A incultura literária ainda não fez mal a ninguém, os nossos dirigentes governamentais que o digam. Para quê então tanto escabeche com os alunos?

7. A disciplina de Português, como está, **espaço de articulação** das diferentes disciplinas do saber e do aprender, da cultura geral e específica do estudante? Não me façam rir...

(*) Professor do ensino secundário

**(1) Sublinhado meu.**

# Golpe de Estado parece não afectar interesses portugueses na Nigéria

A empresa de construções que participou na construção de um hotel na futura capital federal da Nigéria, não será afectada nos seus interesses pelo golpe de Estado ocorrido naquele país.

A «Soares da Costa» trabalhou em regime de subempreitada com uma empresa alemã, mas o hotel já está concluído e todo o pessoal português foi retirado há bastante tempo.

De momento aquela importante empresa de construção civil, que presentemente opera em vários países estrangeiros, não tem nenhuma obra na Nigéria, mercado de que aliás praticamente se retirou por não corresponder às expectativas.

Entretanto, segundo declarações à ANOP do vice-presidente e secretário-geral da Associação de Amizade e Cooperação Portugal-Nigéria, estão temporariamente cancelados os planos para uma deslocação àquele país, em meados deste mês, de três dezenas de empresários portugueses.

Segundo a mesma fonte, empresas portuguesas dos ramos farmacêuticos, salsicharia, conservas, mármores e pré-fabricados, têm planos para começar a laborar naquele país.

O embaixador da Nigéria em Portugal, Peter Udoh, que se encontra em funções desde Outubro de 1981, deslocou-se ao seu país e deverá regressar dentro de algumas semanas, se entretanto não for substituído no seu cargo.

A embaixada encontra-se presentemente a cargo de Salau Lawal, que não comentou os acontecimentos ocorridos no seu país, adiantando porém que a política externa da Nigéria continua a ser a mesma e que hoje mesmo deveria ser divulgada a lista do novo Governo.

Sabe-se que há alguns portugueses a trabalhar na Nigéria, designadamente no sector da exploração e prospecção petrolífera, mas nada leva a crer que os acontecimentos venham a alterar a sua situação.

*Em mensagem enviada a José Eduardo dos Santos*

# Eanes repudia e condena agressão sul-africana à RPA

O Presidente Ramalho Eanes, manifestou ontem, em nome do povo português, «repúdio e viva condenação dos actos de agressão presentemente em curso contra a República Popular de Angola».

Tais actos, «ao violarem a soberania do Estado angolano, contrariam claramente m direito internacional» – disse Eanes, numa mensagem ao presidente José Eduardo dos Santos.

«A amizade entre o povo português, e o povo angolano, cimenta-se numa história comum, que não poderá ser esbatida por civissitudes conjunturais» – acrescentou o Presidente, na mensagem enviada para Luanda.

**Visita a Álvaro**

O general Ramalho Eanes visitará brevemente a localidade de Álvaro, no concelho de Oleiros. A data, embora ainda não oficialmente marcada, deve ser durante todo o mês de Março.

Antunes Correia, presidente da Junta de Freguesia de Álvaro, lembrou que o Presidente da República tinha sido convidado para assistir á inauguração da ponte local, que se realizou no Verão passado. Eanes, que não pode então concretizar a visita, manifestou o desejo de se deslocar a Álvaro noutra altura. Tudo indica – disse ainda Antunes Correia – que tal se verifique no decorrer do mês de Março.

# Ultimas medidas do Governo "nada auguram de bom"

## — considera o MDP/CDE

«Nada auguram de bom quanto ao ano que agora se inicia», assim comenta o MDP-CDE as medidas tomadas pelo Governo no último Conselho de Ministros de 1983. Para o MDP, os valores para que o Governo actualizou os salários mínimos nacionais, irão traduzir-se numa «quebra ainda mais acentuada nas condições de vida das famílias de mais fracos rendimentos».

O MDP-CDE defende a actualização dos salários mínimos pelos níveis indicados pela CGTP bem como a respectiva indexação — tanto para salários mínimos como para pensões — pelo índice de preços no consumidor.

O comunicado contesta ainda o «golpe desferido na EPAC» com a liberalização, decidida pelo Governo, da comercialização dos cereais.

Segundo este partido, esta medida irá ter repercussões «gravíssimas» nos circuitos de abastecimento e nos preços dos produtos de primeira necessidade, como pão, farinhas, massas e arroz.

O MDP-CDE afirma que, ao contrário do Governo, defende «a intervenção activa» das empresas públicas no sector comercial e dos organismos de coordenação económica nas áreas essenciais de abastecimento.

# "Transferências" diplomáticas concluídas em Março

O movimento diplomático proposto por Jaime Gama ao Presidente da República deverá estar concluído dentro de dois meses – confirmou esta manhã ao «DL» o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Almeida Fernandes.

A mesma fonte indicou que esse «movimento», em boa parte já em marcha quando o novo titular do MNE tomou posse, foi apresentado a Belém em fins de Setembro. Eanes começou por dar luz verde imediata às designações relativas às capitais africanas e ao Vaticano, processando-se mais lentamente, as nomeações seguintes.

Assim, seguirão em breve para os respectivos postos os embaixadores Freitas da Cruz (Madrid), Walter Rosa (Paris), Tomás Anderson (Roma), Álvaro Guerra (Kinshasa), All Themido (Londres), Vaz Pereira (NATO), Villas Boas (Pretória) e Botelheiro Cavaco (Oslo).

Confirma-se, por outro lado, a designação de José Cutileiro para embaixador de Portugal na Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, cuja próxima reunião decorre já nos próximos dias 17 e 18.

José Fernandes Fafe, convidado por Jaime Gama para embaixador itinerante para os Assuntos Culturais, junto de países africanos de expressão portuguesa, aceitou igualmente o convite, admitindo-se que tome a curto prazo, várias iniciativas no âmbito das novas funções.

A mesma fonte do MNE, admitiu, por outro lado, ser a falta de verbas outro dos «óbices» para a concretização mais rápida do movimento diplomático. A deslocação de cada embaixador orça em média, os mil contos, prevendo-se uma despesa de cerca de 20 mil contos, para o total das transferências.

A nomeação de Walter Rosa para Paris, a título de embaixador político, tem sido contestada pela generalidade dos diplomatas de carreira, dado ainda o facto de o antigo embaixador em Caracas ter de abandonar o lugar, dentro de um ano, por limite de idade. A explicação do MNE, para tal nomeação prende-se com o facto de a França assumir, este ano, a presidência da CEE, interessando a Soares a presença em Paris de um diplomata da sua inteira confiança política.

**Iraque e Koweit**

Entretanto, Jaime Gama, parte sexta-feira para Bagdad, para uma visita oficial de uma semana que o levará ao Iraque e ao Koweit a convite dos seus homólogos naqueles países.

Relativamente à posição do MNE sobre a invasão de Angola por tropas sul-africanas – fortemente denunciada por Ramalho Eanes em mensagem pessoal ao presidente Eduardo dos Santos – o porta-voz de Jaime Gama lembrou a posição do Ministério, do passado dia 28 de Dezembro, a qual considerava que a acção de Pretória «não se coaduna com as regras de convivência pacífica que devem pautar as relações entre os Estados».

*Ainda o caso Coimbra Martins*

# Fundação Gulbenkian esclarece

A propósito da notícia publicada na nossa edição de 28 de Dezembro sob o título «Ministro da Cultura recebe ordenado da Gulbenkian... e pede parecer à Procuradoria», escreveu-nos o dr. José Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, dando-nos conhecimento do teor da carta por si enviada ao director do «Semanário», que dias antes tinha abordado o mesmo tema.

Nessa carta, o dr. Azeredo Perdigão presta o seguinte esclarecimento:

«1 – O dr. António Coimbra Martins é funcionário do Centro Cultural Português em Paris, da Fundação Calouste Gulbenkian, desde 1963.

2 – Do seu domicílio naquela cidade advêm-lhe, como é óbvio, consideráveis encargos financeiros de natureza permanente.

3 – Tendo em atenção este facto, deliberou o Conselho de Administração, por unanimidade, não interromper o pagamento, àquele funcionário da Fundação, do respectivo vencimento.

4 – Todavia, a fim de evitar a acumulaçõ de remunerações, o dr. António Coimbra Martins entrega mensalmente, à Fundação Calouste Gulbenkian, o seu vencimento de Ministro.

5 – Ao tomar aquela deliberaçõ, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian teve em conta não só as circunstâncias de facto acima referidas, mas também os textos legais que considera aplicáveis.

– Entretanto o senhor ministro Coimbra Martins informou o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian de que, suscitada a questão, acaba de solicitar um parecer à Procuradoria-Geral da República.»


CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

CONCERTO
DE ANO NOVO

**BANDAS:**

**Ateneu Artístico Vila franquense**
**Soc. Euterpe Alhandrense**
**Soc. Filarmónica Alverquense**

CINE-TEATRO — DIA 4
DE JANEIRO — ÀS 21.30H

**ENTRADAS LIVRES**

**Organização da Câmara e da Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira**

**FIRMA-TECTOS FALSOS E DIVISÓRIAS**

**ACEITA**

Operários, com vista à possibilidade de sociedade, de acordo c/as qualidades de execução e orientação profissional

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 2101

PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DO PORTO
Notário: Dr. Domingos Portela
Rua de Sá da Bandeira, n.º 69-2.º

«AUTORIZAÇÃO PARA USO DE FIRMA»

Certifico, que por escritura de 15 de Dezembro corrente, lavrada de fls. 100 a 2 dos livros 163 e 164-D de escrituras diversas deste cartório, António Fernando Pinto Bandeira, em consequência de cedência que faz da sua quota, deixou de fazer parte da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «Nogueira, Bandeira e Gonçalves, Limitada», pessoa colectiva número 501 279 776, com sede em Alcântara-Mar, cidade de Lisboa, tendo, porém, dado o seu assentimento para que a firma social continuasse sem alteração.

Extraída em conformidade com o original para efeito de publicação, declarando que na parte omitida nada há em contrário ou além do que nesta se narra e transcreve.

Porto e Primeiro Cartório Notarial, aos dezassete de Dezembro de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante do Cartório
Modesta da Conceição Ferreira

D.L. — 3/1/84

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**

**17.º JUÍZO**

**ANÚNCIO**

Proc. n.º 440/82-2.ª Sec.

O Doutor António Correia de Abranches Martins, Juiz de Direito da Segunda Secção do 17.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que por este Juízo e segunda secção, nos autos de Acção Sumária que a COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede e domicílio em Lisboa, na Rua Garrett, 56, move contra SANTOS & GASPAR, LD.ª, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando a ré SANTOS & GASPAR, LD.ª, cuja última sede conhecida foi em Melga, comarca de POMBAL e actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de DEZ DIAS, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, aquela acção, na qual a autora pede o pagamento da quantia de 106 262$90, de prémio e juros vencidos, bem como os juros vincendos à taxa legal, sobre a quantia de 86 451$20, acrescida de custas e procuradoria, proveniente de um contrato de seguro do ramo Acidentes do Trabalho, titulado pela apólice n.º 10/101 096.

Para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1983
O Juiz de Direito,
a) António Correia de Abranches Martins

O Escrivão-Adjunto,
a) João Luís Zurzica Teixeira

D.L. — 3/1/84 — 1.ª Publ.

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

## A BARCA sem os CORVOS

# A literatura decadentista da decadente Lisboa

A novela, o conto e o romance sobretudo de escritores novos, em Lisboa, (e é em Lisboa que inegavelmente se situa o grosso do fabrico literário nacional) tendem para o «decadente». É curioso. E até com certa constância.

A gente lê agora um magazine que esteja bem envelhecido, p. ex.º um «Notícias Ilustrado» aí de 1925, tem o enorme gozo de vêr nos textos uma certa Lisboa Literária, e diverte-se à brava: é uma Lisboa cheia de perversões requintadas, ópio, cocaína, belas e enigmáticas espias eslavas seduzindo banqueiros e nobres, poderosos e incógnitos detentores de temíveis segredos, por entre langores de olheiras bistre e perfumadas cigarettes «bout-doré» orientais, futurísticos raios da morte, e viagens rapidíssimas de aeroplano e «express» de Paris. Champagne, automóveis «De Dion» e monóculos. Casacas. Palácios. Garçonniéres. Casinos.

Mas do outro lado da página, é uma outra Lisboa que nos aparece, com anúncios de chapeleiros e remédios para os calos, fotografias de ruas mal calçadas com poucos figurantes ridículos e pomposos; – como notícias de grande impacto cósmico e mundial, pouco mais longe se vai do que uma sacada na Rua do Patrocínio que caiu, matando um cão.

Talvez João Gaspar Simões, com um daqueles espantosos períodos do tamanho de uma coluna de jornal em que consegue sempre falar da «Presença» nem que seja numa crítica a um tratado de pesca desportiva, possa explicar bem isto: o que é que faziam Pessoa e Régio e Almada jovens no meio daquilo tudo, naqueles jornais nomes e nomes que hoje já esqueceram de todo (já esqueceram? Qual! Já não existem, de todo!). Ele viveu bem essa época – deve saber.

Quando eu estava na tropa, num tempo em Abrantes com outros milicianos chateados na pequena cidade parada, graciosa, antiga e pequena, costumava ir a um café onde havia um criado – rapaz novo, magro e olheirento – e todos nós o espicaçava-mos para o ouvir. Era uma maravilha! Falava de modo a dar entender que estava ali apenas de passagem, por contrariedades temporárias da vida. O seu verdadeiro mundo era Paris e Berlim. Era familiar dos ambientes luxuosos, fatalmente perversos e deliciosamente corruptos do «Sphynx» e de outros altos templos do vício internacional. Bebia (idealmente), champagnes raros por sapatos de «cocottes» nos intervalos de loucas corridas a Deauville e a Biarritz. Escolhia o seu ópio de entre os que lhe ofereciam príncipes orientais amigos, em fumoirs reservados e coultos.

É claro que o mais longe que tinha ido era a Lisboa; champagnes, talvez escorropichando o resto de algum espumantezinho ordinário dos brindes dos casamentos de província que o café servia. «Cocottes», só imagino que conhecesse as tristes mulheres pintadas e boçais dumas casas que atendiam ao fim de semana a soldadesca concentrada em Sta. Margarida. O resto era Paulo de Kock, Max du Veuzit, «et al».

Era patético.

E era simbólico.

Também o são, para mim, os inevitáveis decadentistas de serviço a cada uma das gerações alfacinhas: cosmopolitas, vividos, cínicos, já irremediavelmente «blasés» – verberando e denunciando a corrupção infernal e terminal de uma Lisboa irrecuperavelmente podre, a um tempo Sodoma e Gomorra, e Babilónia ainda por cima (mas contida substancialmente entre o Chiado, o Cais do Sodré e a Avenida de Roma). Mostram assim toda a sua inquietante e perturbadora modernidade.

O que é, é que avançam firmemente compactamente, para a Academia das Ciências (Classe de Letras), os lugares de Director-Geral, os conselhos de administração dos órgãos de Comunicação Social, as embaixadas. Lá chegarão, sem pestanejar nem hesitar, como outros lá têm chegado – e não há mal nenhum nisso, ou pelo menos, já é hábito. Apenas, para quem se der ao trabalho de seguir certos percursos pessoais, pregressos e presentes, aparece o fascinante espectáculo do autor que se vai transformando na sua personagem: – e esse é um espectáculo digno de ser descrito pelo checo (não o Listopad; – o outro, o do «Processo»).

Mas o que continua, imperturbável e imperturbada, é uma Lisboa nem mais nem menos corrupta do que outras cidades, quotidiana, cheia de bons malandros, refilona, heteróclita, parrana, golpista e pobretana, a ver passar os «angry young men» literatos de cada geração, – e borrifando-se para eles.

J. P. Martins Barata

## ao telefone com

*Lino de Carvalho*
*(UCP's de Évora)*

# "Governo não cumpre a lei na zona da Reforma Agrária"

**Silenciosamente, com os órgãos de informação generalizadamente distraídos, o Governo PS-PSD intensificou nas últimas semanas a ofensiva contra a Reforma Agrária, chegando nalguns casos a ir mais longe, nos actos e nas ameaças, do que a falecida AD.**

**Ao telefone com Lino de Carvalho, do secretariado das UCP's e cooperativas do distrito de Évora, falámos sobre a situaçfo que se vive na zona da Reforma Agrária.**

«Nos últimos tempos assistiu-se à retomada da entrega de reservas e bens da Reforma Agrária, claramente ilegais» — começou Lino de Carvalho.

*Ilegais porquê?*

«Olhe, são tão ilegais que até membros de governos anteriores, designadamente o secretário de Estado Goulão, tinha despachado negativamente.»

*Pode dar exemplos concretos?*

«É fácil. É o caso da família Barahona Cruz e Silva, a quem Goulão tinha despachado uma reserva mínima de 35 000 pontos por ser absentista, e que agora recebeu 500 hectares e 83 752 pontos. Este caso é tanto mais escandaloso quanto esta família tem já em sua posse diversas herdades que totalizam 724 hectares e 100 000 pontos.»

*Além desta que agora lhe foi atribuída?*

«Claro, além desta. Mas há muitos outros exemplos. Aponto-lhe o caso de reservas e bens avaliados em cerca de 30 000 contos agora entregues ao agrário José António Colares Pereira Fernandes Soares afectando seis cooperativas, reserva que o próprio Goulão não tinha concedido por a considerar ilegal.»

*Ao que julgo saber, esta ofensiva do Governo PS-PSD não se limita à entrega de reservas ilegais...*

«Pois não. Simultaneamente o Governo procura criar novas dificuldades financeiras exigindo o pagamento das dívidas das UCP's ao Crédito Agrícola de Emergência, com ameaça de execuções fiscais a partir desta semana. O curioso é que se recusa por sua vez a pagar as dívidas do Estado às cooperativas, as quais ascendem a mais de 17 milhões e 500 mil contos. Isto é: o Governo recusa-se a fazer o acerto de contas há muito reclamado por nós. E já agora, deixe-me que lhe dê um exemplo concreto: o Governo exige à Cooperativa Boa Esperança, do Lavre, o pagamento de 35 895 contos quando o Estado é devedor àquela cooperativa de 43 439 contos...»

***Mas o Estado deve isso porquê? Ou melhor: essa dívida é referente a quê?***

**«Cortiça e Trigo já entregue ao Estado pela Cooperativa, subsídios de gasóleo e motomecanização a que legalmente tem direito, frutos pendentes em áreas entregues como reservas, etc., etc.»**

***Mas não houve mudança na política do governo actual em relação ao da AD?***

**«No fundo o que se está a passar é a confirmação do que dizíamos:** a política do actual governo PS/PSD, no que se refere à Reforma Agrária, nada alterou em relação à política de governos anteriores, antes a agravou. E esta política de destruição da Reforma Agrária é tanto mais grave quanto se permite que, por exemplo, só no distrito de Évora se encontrem mais de 200 herdades completamente abandonadas, retiradas à Reforma Agrária, com cerca de 40 000 hectares. É triste vê-las assim: quando estavam nas mãos dos trabalhadores produziam, e agora estão ao abandono».

*Quais as consequências desta política do governo?*

«Olhe, o mínimo que posso dizer é que a política seguida é a razão fundamental, por um lado, da quebra de produção agrícola, e por outro, do aumento do desemprego. Só aqui no distrito de Évora atinge já cerca de 8000 trabalhadores agrícolas».

*«Entretanto o Supremo Tribunal Admistrativo tem pronunciado acórdãos favoráveis aos trabalhadores no que toca a processos de entrega de reservas...»*

«Isso é outro escândalo. O governo continua a recusar-se a cumprir os acórdãos do STA favoráveis às UCP's e Cooperativas. E são já 211!»

*«O governo tem dado alguma justificação para a política que vem seguindo?»*

«Mas que justificação é que pode dar? Nós temos vindo a dizer que esta política que conduz à quebra de produção e o aumento de desemprego não é uma política inevitável. Já em 1978 as organizações dos trabalhadores da zona da Reforma Agrária apresentaram ao governo um plano a curto e médio prazo para a agricultura, assente no apoio à Reforma Agrária e aos pequenos e médios agricultores, que, a ser seguido, faria com que em 4 anos a produção de cereais aumentasse em mais de um milhão e 800 mil toneladas, e a produção de carne em mais de 12 milhões de contos – o que em certos casos dispensaria as importações».

**Ribeiro Cardoso**

## em duas palavras

### Reforma Agrária quer CCT

Trabalhadores agrícolas do distrito de Évora repudiaram este fim-de-semana «a lentidão do Ministério do Trabalho referente à publicação do contrato colectivo para o sector». Num documento distribuído à Imprensa os rurais referem que o contrato foi negociado a 29 de Setembro de 1983 e foi entregue na delegação de Évora do Ministério do Trabalho no dia 6 de Novembro do ano findo. Depois de se interrogar do porquê da demora da sua publicação, o comunicado, pergunta: «Qual é a autoridade legal ou moral que tem o Ministério do Trabalho para estar a boicotar a publicação do contrato?»

### Cultura distingue artistas nortenhos

O pintor Armando Alves e o escultor João Machado foram distinguidos, «ex-aequo», com o 1.º prémio no concurso de cartazes promovido pela delegação regional do Norte do Ministério da Cultura, no âmbito da Mostra de Artes Gráficas Grafiporto. «Ilha de Moçambique», de Armando Alves, e «Romaria do Rosário», de João Machado, foram as obras premiadas. Na secção de ilustrações para livros, o 1.º prémio, como o anterior no valor de 50 mil escudos, foi atribuído ao conjunto da obra do escultor João Machado. Foram seleccionados 22 cartazes e 17 livros entre as obras concorrentes para figurarem na Grafiporto.

### CM de Nordeste tem Plano/84

O plano de investimentos da Câmara Municipal de Nordeste, na ilha de S. Miguel, para este ano, atinge cerca de 24 milhões de escudos — revelou fonte autárquica. Abastecimento de águas, saneamento básico, comunicações e transportes e habitação e urbanismo são áreas onde vai incidir o investimento camarário no decurso do ano. O concelho de Nordeste, situado no extremo Leste de S. Miguel, é o mais afastado de Ponta Delgada, capital da ilha.

### «A Comarca de Arganil» já tem 83 anos

O trissemanário «A Comarca de Arganil» completou no domingo 83 anos de existência. Fundado em 1 de Janeiro de 1901 por José Rodrigues e Eugénio Moreira, o jornal tem sido publicado ininterruptamente naquele concelho do distrito de Coimbra, às terças, quintas e sábados. «Ao longo deste quase século de vida, foi sempre norma dos responsáveis deste trissemanário defender os interesses da região onde se insere e estende a sua acção, praticando um regionalismo construtivo, aberto, fraterno e legal, sem bairrismos estreitos ou egoístas» — diz o jornal em editorial da sua edição de domingo, distribuída segunda-feira em Coimbra.

### Porto mosta calçado

A 12.ª mostra de calçado português decorrerá no Palácio de Cristal, no Porto, nos dias 12, 13 e 14 — anunciou a organização. Denominada MOCAPA/12, a mostra conta com a participação de cerca de nove dezenas de empresas do sector, que são responsáveis por mais de 75 por cento das exportações de calçado. No decorrer do certame, organizado pela Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos, e apoiado pelo Instituto do Comércio Externo de Portugal, será abordada a actual situação do sector.

### BV de Ovar: 87 anos

Os Bombeiros Voluntários de Ovar assinalaram domingo os seus 87 anos de existência. O programa comemorativo incluiu uma sessão solene, o hastear da bandeira, uma romagem ao cemitério e uma celebração eucarística em sufrágio da alma dos bombeiros já falecidos. Segundo o relatório de actividades de 1983, os Bombeiros Voluntários de Ovar efectuaram nesse ano cerca de mil saídas para acorrer a sinistros e acidentes vários, tendo percorrido cerca de 200 mil quilómetros.

### «Festa da Mimosa» já elaborada

O programa da tradicional «Festa da Mimosa», que se desenrola em toda a região do Alto Minho nos meses de Fevereiro e Março, encontra-se praticamente elaborado — disse à Anop Francisco Campaio. O presidente da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho disse ainda que o vasto programa desta edição da «Festa da Mimosa» se destacam o 1.º Congresso de Gastronomia do Alto Minho e as Segundas Jornadas de Folclore e as Primeiras de Turismo Minho/Galaicas.

# Mota Amaral não é candidato à liderança do PSD

Mota Amaral não se vai candidatar a nenhum cargo no PSD, segundo anunciou ontem à RDP.

O presidente do Governo Regional dos Açores disse especificamente que não tenciona candidatar-se nem à presidência da Comissão Política Nacional do seu partido, nem a qualquer cargo de liderança.

Mas ressalvou, também, que ainda é cedo para se tomarem quaisquer decisões sobre as presidenciais devendo o Congresso de Braga definir apenas o perfil do candidato do PSD.

Entretanto, também nos Açores, o secretário-geral do PSD-/Açores afirmou em declarações à NP que seria «o acto mais tresloucado que se cometeria» a concretização da ameaça de retirar os deputados açorianos na AR das comissões internacionais. Esta foi uma das retaliações aventadas pela direcção do Grupo Parlamentar do PSD, depois daqueles deputados terem votado contra o Orçamento de Estado.

# Projecto Alcácer: um salto para o futuro (2)

# Transformar a realidade pela formação-inovação

Será mesmo necessário formar educadores de infância em escolas especiais? A resposta será, do ponto de vista do projecto Alcácer, um categórico e sonoro «não», desde que não se caia numa generalização completa. A prática seguida em Alcácer do Sal está a comprová-lo. O processo, que não é simples, chama-se formação--inovação e contraria o que é feito tradicionalmente no nosso país.

A utilização dos espaços públicos para actividades também mobiliza a comunidade

«As pessoas formam-se no acto em que estão a produzir a inovação. Esta é sempre transformação e não, simplesmente, adição» – diz-nos o director do projecto, prof. Bártolo Paiva Campos.

Tradicionalmente, porém, não é assim que acontece: por um lado a introdução da inovação faz-se através da formação em serviço de profissionais da educação: por outro lado, esta formação nem sempre está orientada para a mudança das práticas educativas correntes.

Neste esquema tradicional, há o pressuposto de que a formação vai dar competência e, por via disso, uma prática pedagógica melhor. Só que, como afirma o director do projecto num dos textos sobre ele elaborados, é cada vez maior «o desencanto em relação à formação centrada sobre a adopção da inovação produzida por outros, porventura em contextos diferentes, ou desligados das dificuldades encontradas nas práticas educativas concretas».

O projecto Alcácer demarca-se deste modelo tradicional. A inovação não vem de um gabinete qualquer, parte do terreno. Emerge dele.

### A prioridade

É na implementação do sistema formação - inovação que se procura atingir o objectivo principal do projecto Alcácer: a elaboração de um modelo de educação infantil adequada ao desenvolvimento das crianças em comunidade rural. Ou seja, a inovação não precede a formação. Pelo contrário, faz-se «através da produção do modelo».

Na opinião do prof. Bártolo Paiva Campos, «o processo da formação-inovação tem uma certa **prioridade** em relação ao processo de educação infantil». Por isso «este não deve resultar da reprodução, imitação ou transposição de práticas de um contexto para outro, mas deve implicar uma produção de práticas adequadas a cada contexto específico e em que os agentes das mesmas se sintam e sejam os respectivos actores».

Isto é, o modelo não deve descrever comportamentos a executar, mas, antes, enumerar princípios orientadores e regras de acção que em cada contexto terão práticas específicas – lê-se num dos relatórios.

### A insubordinação

«Não devemos estar subordinadas aos técnicos» – assim fala peremptória, a educadora Isolina que tem apenas a 4.ª classe e é uma pólo de entusiasmo. Esta posição mostra já o efeito de um dos princípios orientadores do projecto: o processo de consciencialização/autonomia.

Os técnicos a que ela se refere constituem a equipa do projecto que trabalha no terreno: um técnico de educação, uma psicóloga e três educadores de infância com curso, neste momento. Como vão de Lisboa para Alcácer todos os dias, 20% do tempo de trabalho perde-se nas deslocações. Este é, aliás, um dos aspectos que tem levado a equipa do projecto a pensar se, em caso de prosseguir a investigação para além do tempo previamente estabelecido – Julho-/84 – se, diziamos, não deveria acontecer noutra zona mais próxima. Nada está, porém, decidido ainda.

Fechado este parêntese, a «insubordinação» de Isolina parece ser uma prova do que afirma o director do projecto: «a equipa faz uma oferta de apoio que mantém enquanto for aceite e desejada». Acrescenta o prof. Bártolo Paiva Campos que «devem ser as próprias pessoas da comunidade a examinar a situação e a elaborar, realizar e avaliar os projectos de mudança». Serão todas as acções desenvolvidas nesse sentido?

### O envolvimento

O primeiro ano do projecto foi sobretudo de conhecimento e avaliação das várias comunidades (globalmente) onde estão implantados os oito centros envolvidos: na sede do concelho (dois), em Casebres, Santa Susana, Torrão, Comporta, Santa Catarina e Rio de Moinhos.

Esse foi o tempo da análise das necessidades, dos desejos, das inquietações, dos interesses e expectativas. Fizeram-se inquéritos e entrevistas passaram-se testes, promoveram-se reuniões com o pessoal dos centros, com os pais das crianças, com as direcções dos centros e uns com os outros, ao mesmo tempo.

O almoço, tal como outras rotinas diárias, é um acto educativo

«Não se pode alterar efectivamente um dos aspectos do meio (neste caso a educação infantil) sem modificações no conjunto» – é um dos princípios orientadores do projecto. Nesta base «procurou-se sempre que o pessoal, as direcções e os pais não fossem objecto de avaliação, mas sujeitos de um exame da situação». Objectivo: construção de «um projecto próprio de transformação». Constante é o apelo à autonomização. Nela está afinal, um dos factores considerados fundamentais em educação: a motivação.

O ano lectivo 82/83 caracterizou-se pela estruturação do apoio ao sistema formação-inovação. Estratégia predominante: a formação participante.

Esta estratégia tem como ponto de partida «os problemas levantados pelas atitudes e práticas de cada um (pessoal ou criança) e pelas estruturas em que estas surjam». Assim, é o questionamento dos planos e das práticas observadas, bem como dos ensaios realizados conjuntamente pelo pessoal com um elemento da equipa de apoio, é desse questionamento que se parte para a reflexão e consequente adopção de outras atitudes. A pouco e pouco, naturalmente.

Algumas dificuldades tem encontrado a implementação desta estratégia de formação-participante. Por um lado, é a resistência (hábito) das educadoras à prescrição de receitas; por outro, as condições de trabalho nos centros. Aqui levantam-se questões como as do horário (dez horas) que não dão ocasião à reflexão, a flutuação da assiduidade das crianças, as faltas de pessoal e até a sua substiuição, por vezes. Por cada elemento que entra é quase necessário voltar ao princípio...

### A sistematização

Em Outubro de 1983 entrou-se na fase de sistematização tendente à configuração do modelo pretendido: um modelo de educação infantil em comunidade rural. «Aperfeiçoar o modelo de apoio externo» aos centros e «incrementar a implementação do sistema-formação-inovação» são, ao mesmo tempo, objectivos que se mantêm.

Para já, porém, um facto é apontado pelo director do projecto: «o embrião do sistema começa a desenvolver-se: em alguns centros o pessoal realiza reuniões em apoio, organiza encontros de pais sem ajuda, planifica a sua actividade...mas ainda é tudo muito embrionário».

Outras transformações foram, todavia, mais visíveis. Registámos algumas em dois centros. Ficam para o terceiro e último artigo.

**Luís Humberto Marcos.**

**A seguir:** No calcanhar do mundo...as transformações

*Técnicos falam ao "DL"*

# São muitas as dificuldades à investigação

Se é genericamente reduzida a investigação em Portugal, quase nula é ela no domínio da educação. O projecto Alcácer é, pelas condições e meios de que dispõe, uma salutar excepção. E também uma pedrada no charco...

Dos técnicos que nele trabalham quisemos saber quais as principais dificuldades que se lhes têm deparado. Responderam-nos a técnica de Ciências da Educação, Isabel Lopes da Silva e Guilhermina Miranda, psicóloga.

## Isabel da Silva: da informação à comunicação

«A quase inexistência de investigação em Portugal cria dificuldades para quem quer que a tente, dificuldades que também sentimos. São: **dificuldades de metodologias e instrumentos.**

Poucas pessoas fazem investigação em Portugal, especialmente no domínio das Ciências Humanas, e tudo é muito recente. Quantos anos têm as Faculdades de Sociologia, Psicologia e Ciências da Educação? São também **dificuldades de informação** e de comunicação.

**A informação bibliográfica** é quase toda **estrangeira**. Apesar de termos liberdade de comprar livros, a informação e acesso são naturalmente difíceis, o mesmo acontecendo com revistas. A **bibliografia nacional,** apesar de não muito vasta, é quase mais difícil de encontrar. O pouco que há não está tratado.

Por outro lado é para a informação de dados básicos, nomeadamente os estatísticos. Não se sabe exactamente quantas crianças frequentam o ensino infantil, n.º de crianças por instituição, crianças/adultos. Também não se sabe quantas educadoras profissionalizadas em exercício, quantas não profissionalizadas. A distribuição destes dados por dois ministérios, um deles descentralizado, torna mesmo difícil a sua recolha directa.

Como causa ou consequência desta situação há uma ausência de comunicação, que tem como base a **falta de uma atitude de investigação** da parte dos práticos. Professores e educadores têm no geral uma formação que quanto muito os prepara para consumidores de coisas novas, mas não lhes dá consciência das suas possibilidades de produtores de conhecimentos. Os educadores não situam, não falam nem escrevem de uma maneira rigorosa e sistemática a sua prática — daí a dificuldade de situarmos o que estamos a fazer na prática portuguesa. A Fundação teve de organizar, no início do projecto, um Encontro sobre «Metodologias de Educação Infantil» para situar a equipa.

Esta dificuldade de comunicação é acrescida pelas condições de trabalho-equipa de 5 pessoas, desligada de qualquer contexto institucional (universidade, escola de formação) a trabalhar a tempo inteiro, a 100 Km do seu local de residência.»

## Guilhermina Miranda: o ideal não é nosso

«As dificuldades são múltiplas. Por um lado há as dificuldades globais que se prendem com a falta de acesso à informação e bibliografia estrangeira; por outro existem dificuldades inerentes ao campo específico da pesquisa e à região escolhida.

Neste caso situa-se concretamente a falta de informação e acesso aos dados básicos, nomeadamente estatísticos, sobre o concelho de Alcácer. Por exemplo foi impossível, durante a fase inicial do projecto saber o número exacto de crianças dos 0/6 anos que vivem no concelho. Tivemos que fazer uma estimativa a partir do censo de 81. Nas localidades onde há centros de Educação Infantil foram as educadoras com o apoio das mães que levantaram, porta a porta, esses dados, o que constituiu um trabalho moroso.

No que respeita ao campo da pesquisa —Educação — a inexistência quase completa de investigação no País levanta questões que se relacionam com a falta de instrumentos adaptados e aferidos ao nosso meio, com a inexistência de metodologias experimentadas e avaliadas no contexto nacional e com a própria formação. Faltam testes e escalas de desenvolvimento infantil aferidos, não existe classificação de estatutos socioeconómicos adaptados, nem escalas de atitudes, nem inquéritos, nem questionários...

Na 1.ª fase do projecto algumas dificuldades encontradas prenderam-se com este aspecto, mas também com a falta de hábito e experiência de realizar trabalhos deste género. Por isso parece-me fundamental que os estudantes sejam formados dentro de um clima de investigação, numa atitude e para uma atitude de investigação.

Por outro lado, se a investigação é quase nula em Portugal, o pouco que existe não é aproveitado, não é transformado em fonte de conhecimento e crescimento social. Fala-se mais de lá de fora do que de cá de dentro. Temos sempre como ideal o que não é nosso.»

# Moçambique: reveses da "RNM" presenciados por jornalistas

Três jornalistas estrangeiros e um moçambicano escaparam ilesos de uma emboscada feita a semana passada por um grupo de bandidos da autodenominada «Resistência Nacional Moçambicana» (RNM), no distrito de Morrumbene, província de Inhambane.

Trata-se dos jornalistas Dave Clemens, correspondente na África Austral da Agência France Presse, Geoffrey Chilton e Mechael Gavshow, da Televisão britânica «Visnews», e de Júlio Bicá, do jornal «Diário de Moçambique».

Eles acabavam de visitar um acampamento da «RNM» em Maua, destruído em princípios de Dezembro pelas Forças Armadas moçambicanas (FPLM), quando a coluna em que seguiam foi atingida por uma granada de «bazooka», imediatamente acompanhada por intenso matraquear de armas automáticas. Os da «Resistência» eram pelo menos 150.

Os profissionais da Informação conseguiram escapar graças à pronta resposta da unidade militar que os escoltava. Comandados de pé pelo capitão Mateus Mucavele, combatente veterano da luta armada e comandante militar do distrito de Morrumbene, cerca de sessenta soldados responderam ao fogo inimigo, 25 minutos depois, conseguiram romper o cerco e evacuar os jornalistas.

Durante o combate morreram, pelo menos, 4 bandidos, não se tendo registado baixas nas FPLM.

### Um capitão de pé

O capitão Mateus Mucavele afirmou posteriormente a Júlio Bicá, o jornalista moçambicano, que em circunstâncias normais as FPLM teriam optado por perseguir os bandidos, mas não «os perseguimos porque vínhamos convosco e tínhamos que proteger-vos».

«Para nós, foi uma boa experiência», disse, por seu turno, a Júlio Bicá, o jornalista da France Presse, Dave Clemens. «Conseguimos ver que, mesmo em superioridade numérica, os bandidos não conseguiram eliminar sequer um soldado. Por outro lado, embora o momento fosse de aflição, vimos que, enquanto estávamos a ser atacados, os soldados permaneceram disciplinadamente no solo, respondendo ao fogo dos bandidos».

«Mais admirável – acrescentou Dave Clemens– foi o facto do capitão Mateus Mucavele ter permanecido de pé, durante os cerca de 25 minutos de fogo intenso. É significativo que tenha estado calmo para orientar os seus homens no combate».

### Intenções da «RNM»

De acordo com o comandante militar de Marrumbane, o grupo que emboscou a coluna deve ter sido avisado por cinco bandidos que se encontravam nas proximidades, e que, entretanto, se pôs em fuga.

A população que já regressou à área, depois da tomada de Maua, tinha avistado um grupo de elementos da RNM a cerca de 10 quilómetros e que, de acordo com o capitão Mateus Mucavele, era proveniente do Sul. Tudo indica que tenha sido esse grupo a fazer a emboscada.

Os bandidos estão a ser progressivamente escorraçados da região. No curto espaço de seis dias, dois acampamentos da autodenominada «Resistência Nacional Moçambicana» caíram nas mãos das FPLM. O primeiro foi o de Maua, tomado a 4 de Dezembro, e o segundo foi o de Macaringue, destruído a 10 de Dezembro.

Conforme revelou ao «Diário de Moçambique», o capitão Mateus Mucavele, no primeiro acampamento, encontravam-se 600 pessoas, entre bandidos, mulheres raptadas e «recrutas» forçados, e no segundo cerca de 1400.

Os primeiros indícios da presença de bandidos em Maua, verificaram-se um mês antes. Inicialmente era uma aldeia camponesa, mas os bandidos expulsaram os seus habitantes e ocuparam-na.

A intenção era criar ali um centro estratégico de abastecimento para o acampamento de Macaringue, acampamento que foi construído depois da destruição da Base de Temé.

As FPLM iniciaram o ataque com artilharia ligeira, tomando-o depois de assalto. Foram mortos cerca de 25 bandidos, e capturados oito. Entre os mortos figurava o chefe dos bandidos, que era conhecido por Filipe Tokeza. Foi também capturado material de guerra, e recuperados bens da população. Alguns bandidos conseguiram escapar e fugiram para Macaringue, mas seis dias depois também esse acampamento caiu nas mãos das FPLM.

### O ódio das populações

Segundo o repórter do matutino beirense, o ódio das populações aos bandidos armados é cada vez maior.

Quando a equipa de jornalistas se encontrava em Morrumbene, um bandido armado e duas mulheres capturadas pelas milícias, tiveram que ser protegidos pelas FPLM enquanto a população local gritava enfurecida «Fuzilem» e «Matem».

*Segundo fontes católicas e diplomáticas*

# A situação é de fome em Timor-Leste

A situação alimentar, já precária em Timor-Leste, deteriorou-se grandemente em consequência das recentes operações militares contra os guerrilheiros independentistas da FRETILIN, reinando grande penúria em diferentes regiões, segundo revelaram fontes católicas e diplomáticas em Jacarta.

Desde Agosto passado, que o exército indonésio vem lançando grandes operações de limpeza na antiga colónia portuguesa anexada pela força à Indonésia em Dezembro de 1975.

As tropas indonésias, apoiadas por helicópteros, carros Max e aviões Bronco OV 10 de luta antiguerrilha, são computadas em 10 000 a 12 000 homens. Os combatentes da FRETILIN são apenas algumas centenas, mas beneficiam de apoio mais ou menos activo da população, segundo frisam os observadores.

As operações militares em Timor-Leste (550 000 habitantes na sua maioria católicos) desorganizaram completamente o abastecimento já precário de alimentos. Muitas colheitas foram destruídas e os camponenses não se podem deslocar para ir trabalhar ou colher nas florestas. Segundo fontes católicas, nas regiões de Viqueque (Centro de Timor-Leste) de Lospalos (Leste), nomeadamente, é grande a miséria, que é agravada pelas ondas de refugiados, três mil dos quais vivem agora nas imediações de Viqueque.

São várias as fontes, designadamente diplomáticas, que confirma a existência em Timor-Leste desta grave insuficiência alimentar.

Numa carta confidencial datada do fim de Dezembro recebida em Jacarta, o administrador apostólico de Dili, a capital provincial, Monsenhor Carlos Felipe Ximenes Belo, mostra-se muito inquieto e faz referência às carências que se registam em diversos pontos.

Monsenhor Belo, que tem 35 anos, é geralmente considerado um moderado. Substituiu Monsenhor Costa Lopes em Maio último, um prelado popular em Timor-Leste e conhecido pela sua hostilidade à «indonesiação» da antiga colónia portuguesa. A partida de Costa Lopes foi interpretada como um gesto de boa vontade por parte do Vaticano para com Jacarta.

Depois dum sermão pronunciado em Outubro último, no qual protestava contra as «detenções e a violência em Timor-Leste», Monsenhor Belo recebeu uma «advertência» por escrito do gabinete local dos assuntos religiosos, revelaram fontes seguras em Jacarta.

Por outro lado, em 17 de Novembro passado, a conferência dos bispos indonésios, frequentemente considerada afecta às autoridades locais, enviou uma carta de seis páginas ao clero de Timor, assegurando-o da sua solidariedade e reclamando o respeito dos direitos do homem em Timor-Leste.

Nesta carta, a primeira do género acerca do assunto «escaldante» os bispos afirmam: «estamos de todo o coração convosco todos, mas particularmente com aqueles que perderam os pais, os filhos, os seus parentes próximos, os seus amigos, com todos aqueles que perderam os seus bens, com aqueles que já não tem fontes de rendimento e até com aqueles que perderam as suas vidas».

E a primeira vez que a Assembleia dos Bispos Indonésios (MAWI) manifesta em carta aberta a sua preocupação quanto a situação de Timor-Leste e reclama por parte dos dirigentes um melhor «espirito de equidade».

No terreno, os combates, as prisões e as deslocações de populações continuam. 6000 pessoas foram recentemente presas para interrogatórios em Dili, 125 em Baucau, 34 em Viqueque, indica-se de fonte segura. Oito estudantes, entre os 14 e os 15 snos foram presos em Viqueque e colocados» durante vários dias num local tão estreito que não conseguiram domrir», acrescenta-se de fonte católita. Segundo as mesmas fontes, várias dezenas de pessoas, entre as quais três crianças, foram raptadas por «desconhecidos a civil».

Teme-se que sofram a mesma sorte do que os 3 ou 4 mil delinquentes, executados por assassinos misteriosos em todo o arquipélago indonésio desde o passado mês de Abril, consideram as mesmas fontes.

Por outro lado, 130 milícianos timorenses (HANSIPS) do Exército indonésio foram desarmados e presos. 90 ainda se encontram detidos, mas as mesmas fontes não sabem dos restantes 30. No passado mês de Agosto, 86 milícianos desertaram com as suas armas para a FRETILIN.

O balanço dos confrontos entre o Exército indonésio e a FRETILIN é muito difícil de estabelecer. As operações militares continuam a ser «top secret» em Jacarta, onde muitos rumores mencionam combates importantes.

O comandante do Exército indonésio, general Benny Murdani (51 anos), de religião católica, lançou um apelo por ocasião do Natal aos membros da FRETILIN que estão» nas montanhas, nas selvas, nas grutas e nas cidades «para que se rendam as autoridades.

As operações militares que começaram no passado mês de Agosto poderão estar terminadas em Fevereiro, precisa-se em Jacarta.

O adido militar da Embaixada dos Estados Unidos esteve em Timor-Leste em princípios de Dezembro, a convite pessoal do general Murdani, afirma-se de fonte diplomática.

Timor-Leste, com 550 mil habitantes, encontra-se totalmente isolada do resto do país e é preciso uma autorização especial para lá ir e até para estabelecer um simples contacto telefónico.

Por motivos de segurança, nem a Cruz Vermelha Internacional pode deslocar-se ao interior do país, permanecendo em Dili e na ilha de Atauro, onde se encontram cerca de 2100 prisioneiros, simpatisantes da FRETILIN.

O Comité Internacional da Cruz Vermelha prossegue o seu programa humanitário de «reunião das famílias» e recentemente uma dezena de timorenses puderam emigrar legalmente para Portugal.

No plano diplomático a situação continua bloqueada e as Nações Unidas, que não reconhecem a anexação de Timor-Leste pela Indonésia, esforçam-se por encontrar uma saída para este problema que já dura há oito anos.

**Gilles Bertin, AFP/«DL»**

# Mais uma explicação "científica" para as "aparições" de Fátima

Um cientista francês confirmou a hipótese das microndas, anteriormente adiantada por pesquisadores portugueses, para explicar as chamadas «aparições marianas» de Fátima em 1917 — soube hoje a Anop, no Porto.

Aquela tese foi proposta no livro «Intervenção extraterrestre em Fátima — as aparições e o fenómeno OVNI» pelos investigadores Joaquim Fernandes e Fina D'Armada que referiam a possibilidade de interferência da radição de microndas no processo de comunicação entre a 'senhora' identificada com a Virgem Maria e a principal vidente, Lúcia.

Agora, o cientista francês Jean-Pierre Petit, mestre de pesquisa no Centre Nationale de Recherche Scientifique, apoia aquela teoria após experiências realizadas desde 1979 em Toulouse, num departamento do Centro Nacional de Estudos Espaciais.

Numa comunicação recebida pelo jornalista Joaquim Fernandes, Jean-Pierre Petit, director adjunto do Centro de Cálculo da Universidade de Florence, refere que, naquele departamento, o professor Thourel registou, por via não sonora, microndas moduladas em baixa frequência, ao expor acidentalmente a cabeça ao campo emissor da respectiva antena.

De acordo com os testemunhos recolhidos pelos dois investigadores portugueses, sabe-se que o momento da «comunicação» das mensagens era caracterizado pela audição de um ruído, tipo zumbido, perceptível mesmo pelas pessoas que rodeavam as três crianças de Fátima.

Posteriormente à publicação do ensaio de Joaquim Fernandes e Fina D'Armada, teve-se conhecimento de resultados idênticos — audição de zumbidos no interior da cabeça — obtidos por uma equipa de engenheiros canadianos do Institute of Electrical Engineers.

Estas experiências paralelas, passíveis de justificar outros fenómenos registados nos casos de «contacto» das «aparições marianas» e do fenómeno OVNI em geral, reforçam a ideia de que é possível tornar inteligível o caso de Fátima e outros similares, retirando-o da alçada da esfera da religiosidade popular.

## de ontem para hoje

### Maria Olguim sepultada na Figueira da Foz

**afirmou que a vivacidade de espírito da artista, aos 89 anos, era ainda «grande e irradiante».**

**CERCA de três centenas de pessoas integraram o funeral de Maria Olguim, que ontem se realizou na Figueira da Foz para o cemitério oriental da cidade, onde desceu a campa rasa. Entre os presentes estava a actriz Lucinda Ramalho, que, com Maria Olguim, nasceu para o teatro nos palcos das colectividades de amadores da Figueira da Foz. A Associação Primeiro de Maio, Filarmónica 10 de Agosto e Sociedade Filarmónica Figueirense foram três dessas colectividades que se fizeram representar no préstito. Na residência de Maria Graciete Olguim de Carvalho Costa, filha da artista e onde esta viveu os últimos anos da sua vida, foram recebidos muitos telegramas de pesar. Maria Olguim faleceu no domingo, repentinamente, sem outra doença conhecida além da artrite que lhe tolhia os movimentos, retendo-a no domicílio. O seu genro, o funcionário sindical José Augusto Carvalho Costa,**

### Piloto vitimado em Moçambique

Um piloto português, Rui Manuel Bettencourt Norton, de 31 anos, morreu no último fim-de-semana em Moçambique na província de Nampula, quando o aparelho que tripulava se despenhou, na altura em que desenvolvia trabalhos de fumigação. Rui Norton, que deixa dois filhos órfãos, residia no Maputo e era funcionário da Companhia de Transportes e Trabalhos Aéreos (TTA)

### Automotora contra automóvel

Um casal ficou ligeiramente ferido no embate ocorrido ontem à tarde numa passagem de nível sem guarda, perto de Vila Praia de Âncora, entre uma automotora que partira de Viana do Castelo e um automóvel. Testemunhas oculares afirmaram que o choque se deu frontalmente, tendo a automotora, que seguia para Monção, ficado imobilizada e o automóvel completamente destroçado. Este último era conduzido por António Lourenço Domingues, de 73 anos, que, tal como a sua mulher, teve de receber tratamento no Hospital Distrital de Viana.

### Os portugueses feridos em Marselha

O português António Figueiredo, de 25 anos, residente em Albi (França), que ficou ferido no atentado de sábado à noite no contra o comboio rápido Marselha-Paris, já se encontra livre de perigo, no Hospital de Valence. É desconhecido por enquanto o estado de outro emigrante português, Manuel Saavedra, ferido na mesma noite no atentado contra a gare de St. Charles, em Marselha.

### Incêndio num hotel em Monfortinho

Um incêndio de grandes proporções, que ocorreu ontem de manhã, no Hotel Astória, em Monfortinho, destruiu parte do telhado e o último andar do edifício de quatro pisos. Um porta-voz dos Bombeiros Voluntários de Penamacor referiu que não houve danos pessoais e que o sinistro, que deflagrou cerca das 11 horas, estava no rescaldo às 16, tendo sido combatido pelas corporações de Penamacor, Idanha-a-Nova, Fundão e Castelo Branco, com um total de 60 homens e doze viaturas. A mesma fonte apontou como causa provável do incêndio um curto-circuito.

### Tratador de animais em acrobacias

Um indivíduo de 42 anos, de apelido Sabino, que afirma ser tratador de animais de circo, foi surpreendido pela PSP, quando se preparava para abandonar, através de uma janela, o edifício da Soponata, na Rua do Açúcar, em Lisboa. Em seu poder tinha diversas máquinas calculadoras eléctricas, avaliadas em 140 contos, furtadas momentos antes, da referida empresa.

### Azeite falsificado apreendido

A Secção Especial da Fiscalização Económica apreendeu cerca de sete mil litros de azeite falsificado, no valor de 1800 contos, durante uma acção levada a cabo em estabelecimentos de hotelaria e do ramo alimentar da zona da Grande Lisboa. Na mesma acção foram ainda apreendidos diversos produtos considerados impróprios para consumo (arroz, açúcar, leite, queijo, pescado e hamburguers).

### Iraquiano com heroína na Portela

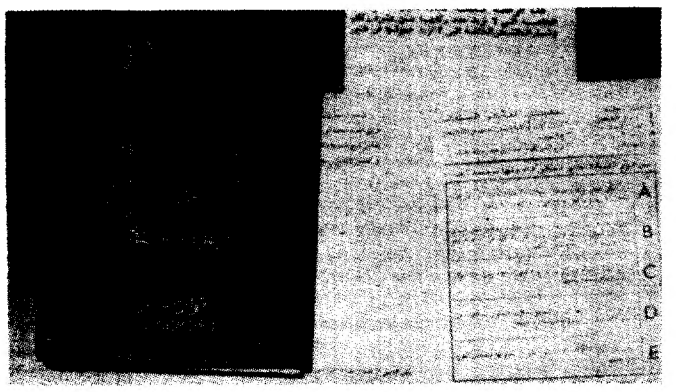
Trezentos gramas de heroína, no valor de 7 500 contos, foram apreendidos no Aeroporto da Portela a um cidadão iraquiano que acabara de desembarcar de um avião vindo de Copenhaga. A droga era transportada numa mala de madeira.

# Julgamento do atentado de Montechoro começa amanhã no Tribunal de Albufeira

● *Palma Carlos retira procuração a Al-Ahad*

Com o Tribunal de Albufeira rodeado desde há dias por uma força especial de segurança integrada por elementos da GNR e da Direcção Central de Combate ao Banditismo da Polícia Judiciária terá início amanhã, pelas 9 e 30, o julgamento do palestiniano Al-Auad, membro do Grupo Abu Nidal, acusado de ter assassinado a tiro na manhã de 10 de Abril do ano passado, no Hotel de Montechoro, o dirigente da OLP, Issam Sartui. Na altura foi atingido, embora sem grande gravidade, numa perna Anujar Abu Eishen, membro da mesma organização, que participava na companhia de Sartuai, numa reunião da Internacional Socialista e que irá depor como testemunha no julgamento.

Como pontos a realçar desde já neste pleito, sem sombra de dúvida um dos mais importantes realizados desde sempre em Portugal, no que ao foro internacional diz respeito, a presença de jurados e a ausência do dr. Manuel João da Palma Carlos que, conforme pudemos constatar junto de pessoas ligadas ao processo, recebera procuração para defender Al-Auad, e que num volta-face, ainda rodeado de «sombras», acabaria por renunciar há cerca de um mês a tal condição. Quando a mesma consta, sem qualquer margem para equívocos, no processo em poder do colectivo que amanhã, presidido pelo círculo judicial de Portimão, dr. Norberto de Araújo Brito Câmara, irá julgar Al-Auad (detido na cadeia de Faro, facto que levou as autoridades a ordenarem o abate de todas as árvores que circundam o presídio de forma a poderem ter um controlo visual absoluto da zona). De referir ainda que face à escusa de Manuel João da Palma Carlos, o Tribunal acabou por nomear como defensora oficiosa a jovem causídica Fátima Pontes, a exercer há apenas quatro anos a advocacia.



**O passaporte marroquino que foi apreendido a Al-Auad quando da sua detenção no Hotel Fénix, em Lisboa**

Manuel João da Palma Carlos: o seu afastamento «enigmático» e à última hora da defesa de Al-Auad levou à designação oficiosa da jovem advogada Fátima Pontes

### Issam Sartaui doutorado nos EUA

Mas quem é Youssouf Al-Auad? E quem é sobretudo a organização a que pertence, designada por Abu Nidal? Sobre Al-Auad, um jovem palestiniano, de quem não existe sequer uma fotografia de Imprensa tirada em território português, aguardemos pelo desenrolar do julgamento para só então nos pronunciarmos, sem o recurso a dados que, por enquanto, pecam por falta de idoneidade. Já no que diz respeito ao Grupo Abu Nidal, movimento dissidente da OLP, utiliza o nome de guerra de um advogado palestiniano, Sabri Al-Banna, considerado desde há cerca de dez anos, como «um dos cérebros do designado terrorismo internacional». Excluído da Fatah, principal organização da OLP, de que foi um dos fundadores com Arafat, Abu Nidal, condenado à morte por um tribunal revolucionário da Fatah, opõe-se a qualquer solução negociada para o Próximo Oriente. Desde 1976 o grupo sob a sua orientação já reivindicou vários atentados, entre outros, contra a sinagoga de Viena, contra o embaixador de Israel em Londres, contra o dirigente da OLP Ezzedin Kalaq, em Paris, e em Janeiro de 1983 contra um autocarro israelita em Telavive, do qual resultou uma dúzia de feridos.

Voltando a Al-Auad, o mesmo teria afirmado aquando do seu interrogatório pela Polícia Judiciária que tinha assassinado Sartaui por que ele «era da CIA». E Issam Sartaui quem era?

Com 50 anos e doutorado em Cirurgia Cardiovascular nos EUA, era considerado como o braço direito de Yasser Arafat, com papel de relevo ao nível das relações internacionais, tendo fundado em 1968 o Movimento de Acção pela Libertação da Palestina, que se fundiu em 1971 com a Fatah.

Entrevistado em 17 de Janeiro de 1983 para o jornal francês «Liberátion» (peça transcrita pelo «DL» em 18 de Abril desse ano), Sartaui afirmava que o Grupo Abu Nidal era formalmente protegido pelo Iraque e pela Síria e que o Governo Iraquiano concedia anualmente ao Abu Nidal dez milhões de dólares, «representando assim» uma verdadeira instituição iraquiana» (recorde-se aqui a recente disputa no Líbano entre as forças fiéis a Arafat e os seguidores do coronel Abou Moussa apoiado pela Síria).

Quanto ao ferido no atentado em Montechoro, Anuar Abu Eishen, diria à sua partida de Lisboa para a Tunísia, que os autores da acção agiram em proveito do governo israelita, sendo por isso «certamente gente que não quer a paz nem a vitória da OLP».

Por sua vez no funeral de Sartaui em Amã, Abu Jihad, comandante-chefe das forças palestinas, diria conhecer os assassinos de Sartaui, «tal como aqueles que os levaram a agir ao serviço do inimigo sionista».

### As «promessas» de Meneres Pimentel

Mas o atentado de Montechoro (a arma utilizada, uma pistola «Beretta» de fabrico italiano com o calibre de 9 mm, seria descoberta a cerca de trezentos metros do local do crime pelo correspondente da Anop no Algarve, Humberto Ricardo) traria a Portugal elementos dos Serviços de Segurança da OLP e da Polícia marroquina, tendo no entanto Meneres Pimentel, à data ministro da Justiça, sublinhando que «só a Polícia Judiciária iria trabalhar no caso». Sobre a forma como «trabalhou» háque aguardar os dados a serem revelados no decorrer do julgamento. Mas até lá fiquemos pela transcrição de um período do editorial do «DL» publicado no dia a seguir ao atentado: «O Governo — de Pinto Balsemão — e designadamente o MAI — então liderado por Ângelo Correia — dificilmente poderão justificar o que se passou em Montechoro. Após os atentados terroristas contra cidadãos estrangeiros em Lisboa (embaixador de Israel) e Linda-a-Velha (encarregado de negócios da Turquia), ambos impunes, Portugal começa a ser zona aberta para o terrorismo internacional. E não se esqueçam os crimes que, com sinal contrário, têm sido cometidos — desde a bomba que eliminou o Padre Max à rajada que prostrou Ferreira Torres — e sobre os quais pesa o silêncio».

Sobre Montechoro, aguardemos então as escassas horas que nos separam da abertura do julgamento. Quanto aos casos do Padre Max e de Ferreira Torres, depois do livro de Paradela de Abreu «Do 25 de Abril ao 25 de Novembro — Memória do Tempo Perdido» esperemos, ainda que sem esperanças de maior, que da polémica entre ele e Alpoim Calvão, Canto e Castro e Valentim Loureiro, algum deles levante um pouco a ponta do véu. Porque como lá diz o adágio popular, quase sempre da zanga das «comadres» (ao caso, de antigos «compadres»), se descobrem as verdades!...

**Manuel Geraldo**

*Ao ser ameaçado de despejo do barracão onde vivia*

# Pai de oito filhos menores mata presidente da Junta de Castelões

Claudides da Silva Carvalhinho, de 56 anos, proprietário e presidente da Junta de Freguesia de Castelões de Cepeda, Paredes, foi morto à machadada pelo carpinteiro Ernesto de Sousa, de 39 anos, seu vizinho, quando passava um atestado a Maria Albertina de Sousa Machado. Ao que apurámos o tresloucado acto ficou a dever-se à desorientação do carpinteiro, pai de oito filhos – o mais velho de 14 anos – na iminência de ter de abandonar uns barracões onde vivia, por força de uma acção de despejo que lhe foi movida pela vítima. As relações entre o homicida e o presidente da Junta vinham-se agravando há já algum tempo.

Com efeito, sabe-se agora que em data indeterminada, a vítima emprestou uma determinada quantia a Ernesto de Sousa, mediante a hipoteca da casa que este andava a construir. Como a dívida não foi paga dentro do prazo estabelecido, o presidente da Junta ficou na possa da casa, cedendo a título precário, uns barracões para o carpinteiro e família habitarem.

Entretanto, e como Ernesto de Sousa nunca mais arranjasse casa, Claudides Carvalhinho moveu-lhe uma acção de despejo, que, por decisão do tribunal, devia concretizar-se depois de amanhã. Tal facto motivou, como dissemos, a desorientação do carpinteiro, que, segundo alguns vizinhos já vinha fazendo ameaças há algum tempo.

Consumado o crime, surgiram desde logo duas versões: uma dizendo que Ernesto de Sousa quis pagar a dívida ao presidente da Junta, mas que este sempre recusou tal pagamento. A outra, adiantada por familiares da vítima, segundo a qual o carpinteiro, «nunca foi além das promessas. Tanto dizia que pagava, como faltava ao prometido».

Refira-se que Ernesto de Sousa atacou o presidente da Junta quando este estava de costas, a assinar o referido documento, tendo-o atingido com o machado no pescoço e nas pernas. Depois disso, Ernesto de Sousa andou fugido durante mais de uma hora mas acabou por se dirigir ao posto da GNR de Penafiel, onde se entregou, ao mesmo tempo que confessava o crime.

A vítima havia sido eleita pelo CDS que, em comunicado difundido ontem, ao fim da tarde, lamentava o sucedido com um seu militante, «no exercício de funções» e convidava a população de Paredes, e não só, a associar-se ao funeral, a realizar amanhã, pelas 16 horas, para o cemitério local.

Entretanto, o homicida será ouvido ainda hoje nos Juízos de Instrução Criminal da Comarca, enquanto a mulher e os oito filhos vivem agora o drama de uma família arruinada, por falta de casa e do seu «ganha-pão».

*Para justificar substituições na Carris*

# Secretário dos Transportes confessa critérios de ordem partidária na escolha dos gestores públicos

Motivações de ordem partidária foram expressamente confessadas pelo secretário de Estado dos Transportes como justificação para a substituição de um gestor da Carris, segundo carta enviada pelo administrador despedido, A.M. Zincke dos Reis, ao Primeiro-Ministro, Mário Soares, e a que o «Diário de Lisboa» teve acesso.

Esta substituição na Carris enquadra-se na onda que está a afastar das empresas públicas — máxime a Banca e os Seguros — gestores competentes e com provas dadas no exercício das funções, para em seu lugar «empregar» partidários confessos da coligação no poder, segundo um critério distributivo de lugares de dois para mim (PS) e um para ti (PSD).

Este processo confirma-se plenamente no caso do gestor da Carris agora despedido e contradiz, frontalmente, as declarações quer de Mário Soares quer de Mota Pinto segundo as quais as substituições em curso seriam apenas «algumas poucas» e «orientadas sempre pelo critério da competência demonstrada».

Zincke dos Reis refere na carta a Mário Soares que o Primeiro-Ministro em entrevista à televisão (programa Página 1) garantiu que as substituições de gestores nas empresas públicas «seriam pontuais, paulatinas e com respeito pelos mandatos em curso, salvo casos graves em que, certamente para salvaguarda do interesse público, se justificassem interrupções de mandato.»

«Ora, sucede — diz o autor da carta, gestor da Companhia Carris de Ferro de Lisboa desde Abril de 1981 — que fui convocado pelo Senhor Secretário de Estado dos Transportes no passado dia 13 com o exclusivo fim de ser formalmente informado de que iria dentro de poucos dias ser exonerado das funções antes do termo do mandato, por conveniência de serviço.»

«Nessa comunicação que o Senhor Secretário de Estado desejou fazer-me em primeira mão, circunstância que aliás teve o cuidado de salientar como alegada prova de consideração, vi confirmado o que já sabia, através da Imprensa e de outras fontes de informação usuais, desde há vários meses.»

«Teve o Senhor Secretário de Estado a gentiliza de me garantir que não estava em causa a minha competência, o que não me espanta dado que me honro de possuir uma boa reputação profissional firmada numa carreira de mais de vinte anos em funções algo diversificadas, algumas delas de considerável responsabilidade e pouco fácil desempenho. Também me foi dito que nenhum acto digno de censura me era imputado.»

Zincke dos Reis acrescenta na carta ao Primeiro-Ministro que na opinião do secretário de Estado, tudo se resumirá «ao desejo expresso pelo indigitado presidente da nova equipa de «refrescar» a mesma». Ora acontece que esse presidente permanece em funções há mais de sete anos, sendo, portanto, o elemento menos «fresco» do actual e do novo elenco. «Entenda-se — diz — que a pessoa em causa sempre manteve com o signatário as melhores relações pessoais e profissionais, processadas num espírito de concórdia e profícua colaboração em momentos graves da vida da empresa. Estes factos são bem conhecidos, de resto, por quantos de perto seguiram o desempenho da Administração cessante.

A terminar a sua carta ao Primeiro-Ministro, Zincke dos Reis afirma que não o move o desejo de permanecer em funções, ou ser chamado a outras idênticas («aliás cada vez menos apetecíveis por quem preze o seu prestígio pessoal e profissional») face «ao aviltamento resultante das vicissitudes que o processo de escolha dos novos gestores atravessa, ante o olhar do público atónito».

«Invoco apenas, ao tomar esta atitude — conclui o gestor demitido — a minha qualidade de contribuinte que vê malbaratar o produto do seu sacrifício tributário ao entregar-se a gestão da economia nacional no sector empresarial do Estado dando preferência à fidelidade partidária sobre outros critérios que a natureza das funções postula.»

*Para aproveitamento máximo*

# Recursos hidroeléctricos vão ser inventariados

O Conselho de Ministros encarregou os ministros do Equipamento Social e da Indústria e Energia de promoverem, com urgência, o inventário exaustivo dos aproveitamentos hidroeléctricos.

A mesma resolução encarrega, também, os ministros das Finanças e do Plano e da Indústria e Energia de promoverem a programação de investimentos em aproveitamentos hidroeléctricos ao ritmo máximo permitido pelas disponibilidades financeiras do plano.

No preâmbulo da decisão governamental, afirma-se que o potencial hidroeléctrico tecnicamente utilizável tem sido globalmentes avaliado em 20 mil milhoes de quilovátios-hora por ano, médio, embora ainda nam exista um inventário exaustivo de todos os aproveitamentos realizáveis.

Os cerca de 60 aproveitamentos hidroeléctricos em exploração permitem produzir, em ano médio, 10.400 milhoes de quilovátios-hora, valor que em ano seco baixa para 6 200 milhões de quilovátios-hora

Em diferentes fases de construçam encontram-se cinco aproveitamentos hidroeléctricos, os quais necessitam, ainda, segundo o Governo, de investimentos cujos custos técnicos estão estimados em 48 milhões de contos a preços de 1983.

*Até 2 117 milhões de contos*

# Aval do Estado à Brisa

O Governo concedeu o aval do Estado para operações de crédito interno até ao limite de 2170 milhares de contos, a contratar pela Brisa – Auto-Estradas de Portugal.

Deste montante, 1605 milhares de contos destinam-se ao pagamento de débitos da empresa para com o Estado decorrentes do apoio financeiro reembolsável que lhe foi prestado.

Os restantes 565 milhares de contos visam a regularização junto do Banco Fonsecas e Burnay, do pagamento de encargos, no valor de 4.083.333,34 dólares, que o Banco efectuou na qualidade de garante, de uma operação de crédito externo, contraída pela Brisa, junto do «Marine Midland Bank», contra garantia pelo estado português.

*trabalho*

## CGTP reclama aplicação da Convenção da OIT sobre igualdade no trabalho

A Convenção n.º 165 da OIT sobre igualdade no trabalho «deverá ser ratificada e aplicada em Portugal», segundo um parecer enviado pela CGTP-In ao Ministério do Trabalho.

Segundo a central sindical, a ratificação da convenção «não oferece quaisquer obstáculos e corresponde a uma posição desde há muito reivindicada pela CGTP, que é a de garantir a igualdade de oportunidades e direitos no trabalho para todos os trabalhadores portugueses, independentemente do seu sexo».

Embora a ratificação da convenção se insira na linha dos princípios constitucionais da igualdade dos cidadãos, a Intersindical considera que para o cumprimento dos «objectivos da convenção» devem ser «tomadas medidas concretas em diversos domínios como sejam a formação e orientação profissional; o emprego, de forma a garantir o direito de livre escolha; as condições de trabalho; a segurança social, os serviços de apoio à família (infantários, por exemplo), a informação e educação do público em geral no sentido da compreensão destes problemas e do estabelecimento de uma repartição equitativa das responsabilidades familiares».

Embora a «subjectividade da convenção não suscite problemas quanto à sua aplicabilidade», a CGTP-In sublinha, «para já a discussão que se anuncia para breve na Assembleia da República da portaria de defesa da maternidade, entendendo que o diploma a aprovar deveria ter em conta esta questão no sentido de abarcar situações que dela relevam, nomeadamente quanto aos limites legais da definição dos conceitos de **filhos a cargo** ou **membro da família directa»**.

## Sindicato agrícola exige medidas contra "sabotagem económica" no Alentejo

O Sindicato Agrícola do Distrito de Évora afirmou que é preciso que os organismos competentes e o Governo tomem medidas urgentes «contra a sabotagem económica que continua em terras do Alentejo».

Em comunicado, aquela estrutura sindical denuncia que numa herdade do concelho de Évora «acabam de ser serradas cerca de nove mil árvores de fruto (pereiras), pertença de um arquitecto, morador na cidade do Porto».

O sindicato adianta que o referido pomar tratado em condições assegurava em média 12 postos de trabalho diários e dava todos os anos para o País cerca de 80 mil quilos de fruta.

No documento, a estrutura sindical acusa igualmente o proprietário de «preferir meter o dinheiro a render no banco, destruir as pereiras e os postos de trabalho e transformar a herdade em casa de férias».

Perante esta e outras situações que o documento cita, o sindicato afirma que «o governador civil de Évora, os serviços oficiais e o Governo nada dizem e nada fazem perante tão graves crimes».

Por último, o comunicado refere que os trabalhadores agrícolas, «juntos e unidos no seu verdadeiro sindicato de classe, vão continuar a intensificar a luta contra estes crimes, pelo direito ao trabalho e por um Portugal mais justo».

# Gráficos convocam greve para o dia 13

A única alternativa que resta aos trabalhadores das indústrias gráfica e de transformação de papel «é a da luta em defesa dos direitos contratuais e pelos aumentos salariais», diz a federação do sector, que considera «inqualificável» a posição do patronato. Este, segundo afirma, «tal como no ano passado, recusa negociar a revisão do CCTV com as organizações sindicais representativas dos trabalhadores do sector, **se não aceitarmos previamente a retirada de muitos e importantes direitos e regalias contratualmente consagradas.**

A organização sindical dá conta de um plenário realizado há dias e que decidiu promover nas empresas acções junto das respectivas entidades patronais. Deliberou igualmente convocar uma greve para o próximo dia 13, denunciar a situação junto dos órgãos de soberania e promover entretanto iniciativas de esclarecimento da população sobre as razões da luta.

Caso o patronato ou o Ministério do Trabalho «não adoptem uma posição que permita uma solução justa do processo de revisão do CCTV» a federação adverte que serão concretizadas outras formas de luta a curto prazo.

## Em estudo a situação da CPP

O Governo está a estudar a situação da Companhia Portuguesa de Pescas (CPP), segundo informação da ANOP. Esta empresa tem cerca de 600 trabalhadores e uma frota de 25 barcos, parados desde Julho de 1982, por decisão governamental.

A viabilização da CPP, que actualmente deve cerca de 90 mil contos de salários aos trabalhadores, passa pela solução do contencioso existente com a Mauritânia, para onde partiu ontem o secretário de Estado das Pescas, Faria dos Santos.

Aquele membro do Governo discutirá a constituição de uma sociedade mista luso-mauritana, com vista à viabilização da CPP.

# Regime de aprendizagem para jovens — é "porta aberta à exploração"

*— denuncia a Intersindical*

Tendo-se debruçado sobre o projecto-lei em discussão pública que regulamenta o regime de aprendizagem, a CGTP-IN afirma ter constatado «que este diploma não garante que o contrato se realize unicamente para dotar o jovem de qualificação profissional, mas abre as portas à exploraçfo ilegítima de mão-de-obra juvenil».

A fixar o limite de idade em 25 anos — sublinha o comunicado emitido pela central sindical —, podendo ainda ser prolongado por despacho ministerial — o sistema pode ser utilizado para obter com mais baixos encargos os serviços de mão-de-obra adulta».

A CGTP considera ainda inadmissível que o projecto de decreto-lei «omita completamente» a retribuição como elemento essencial, visto que este sistema de «remuneração concedida como puro e simples **subsídio** a ser financiado na entrega pelo Estado durante todo o primeiro ano, «estimula o recurso à mão-de-obra produtiva a preços muito inferiores aos do mercado de trabalho e, em certas situações, a mão-de-obra gratuita».

A central sindical considera também inadmissível que «cessando o contrato por caducidade após o final da aprendizagem, nenhum direito assista ao ex-aprendiz quanto à obtenção de um emprego remunerado na mesma empresa e profissão».

O documento salienta que a CGTP «tem fundados receios de que este regime venha a ser aproveitado pelas empresas como mais uma via de emprego precário e temporário, a exemplo do que se verifica com a aplicação dos contratos a prazo», tanto mais que «fica bem patenteada no documento a intenção de tornar precária a relação de aprendizagem quando o PDL atribui poderes muito latos em matéria de rescisão do contrato pela parte empregadora».

Outro aspecto que merece reparo «é o facto de o projecto não reconhecer expressamente os direitos sindicais e de acção colectiva dos aprendizes, do mesmo modo aliás que não são consagrados quaisquer direitos de segurança social. Neste aspecto, sublinha a Intersindical, «o PDL não oferece outros tipos de garantia para o aprendiz em caso de fraude no contrato, consagrando contudo vastíssimas possibilidades para que a fraude seja uma realidade».

Para além de não garantir «direitos consistentes de intervenção democrática, participação e exercício de qualquer controlo pelas organizações representativas dos trabalhadores», a CGTP sublinha ainda «o completo desenquadramento deste PDL de qualquer política coerente de emprego, nos aspectos de acesso ao mesmo e a sua manutenção. «Não existe — conclui — qualquer relação entre este PDL e a política vigente de ensino e escolaridade, não existe qualquer ligação deste diploma a um plano nacional de formação profissional.»

## 24 horas

### «Às gerações cristãs»

Numa mensagem de felicitações pelo Ano Novo de 1984, calendário gregoriano, dirigida aos chefes de Estado cristãos, o dirigente líbio, Muammar Gadhafi, faz uma evocação dos ensinamentos do Corão, e recorda que a figura de Jesus Cristo é comum à religião cristã e islâmica. Fazendo apelo a essa figura, como ela é descrita no Corão, e que, nesta leitura do Livro islâmico, une muçulmanos e cristãos, Gadhafi exorta os chefes de Estado que se reclamam da religião de Cristo a não matarem, a não violarem «porque quem guarda rancor dos demais merece o fogo do Inferno». Dirigindo-se às «novas gerações cristãs» apela a uma «revolução cultural, nos princípios e crenças do mundo cristão que se atrasou e começa a dividir-se». E Gadhafi afirma: «É necessário outro Savonarola, outro Martinho Luterove outro Calvino».

### Peron quis comprar as Malvinas

O antigo presidente Juan Peron, da Argentina, tentou comprar as Malvinas à Grã-Bretanha em 1953, segundo documentos oficiais da época agora tornados públicos. Peron fez a oferta de compra por intermédio de um enviado especial que assistiu à coroação da rainha Isabel II, em 2 de Junho de 1953. Londres recusou a oferta, para a qual não foi adiantada verba, por receio de que caísse o governo do primeiro-ministro Winston Churchill. A revelação sobre a oferta de Peron seguiu-se ao levantamento, em 1 de Janeiro deste ano, do embargo oficial de 30 anos sobre alguns documentos secretos governamentais.

### Ex-somozistas em tribunal

Os processos nos tribunais populares anti-somozistas contra 15 ex-guardas de Somoza, acusados de cometer delitos contra-revolucionários começaram ontem a ser julgados – anunciaram as autoridades da Nicarágua. Fontes sandinistas informaram que o grupo tentava organizar uma célula para trabalhar na organização de uma frente interna antisandinista. As autoridades não deram pormenores sobre o local e data das detenções dos ex-guardas do ditador Somoza.

### Shultz-Gromyko

O eventual encontro entre os responsáveis pelas diplomacias norte-americana e soviética, respectivamente George Shultz e Andrei Gromyko, que irá efectuar-se em Estocolmo, este mês, no quadro da Conferência para o Desarmamento, não terá qualquer influência sobre as negociações EUA-URSS suspensas por Moscovo. A informação provém de fontes soviéticas e constitui um desmentido a notícias de origem norte-americana segundo as quais Gromyko estaria disposto a reencetar com Shultz conversações sobre desarmamento nuclear táctico e estratégico.

### Aviso do PCC aos quadros

O Partido Comunista Chinês (PCC) lançou um novo aviso aos quadros, ameaçando puni-los «severamente» e apresentar «publicamente» os casos de corrupção e de nepotismo, anunciou a agência Nova China. Segundo uma circular relativa à campanha de «consolidação» do PCC, lançada no final de 1983 e que deverá durar três anos, serão adoptadas sanções para lutar contra as «tendências doentias» da administração especialmente as acções «destinadas ao lucro pessoal» e «os comportamentos burocráticos e irresponsáveis com o partido e o povo».

### Afeganistão

O jornal «Pravda» reitera hoje que as tropas soviéticas se manterão no Afeganistão até «acabar a ingerência e a guerra não declarada pelos Estados Unidos contra Kabul». Segundo o «Pravda», os Estados Unidos são os responsáveis pela manutenção das tropas soviéticas no Afeganistão por «fazeram o impossível para impedir uma normalização em torno do país». Outros meios soviéticos de comunicação social dizem que os Estados Unidos pretendem, ou pelo menos já o pediram a Islamabad, instalar mísseis «Pershing» em território paquistanês.

### Rebeldes matam 50 pessoas

**CINQUENTA PESSOAS** que viajavam a bordo de um autocarro no Norte de Moçambique teriam sido chacinadas pelos rebeldes no dia de Natal, soube-se hoje de fonte diplomática ocidental em Harare. Segundo essas informações, o autocarro teria sido mandado parar em pleno dia, muito próximo da cidade de Murrupula (província de Nampula), cerca de 1500 km a nordeste da capital. Os rebeldes teriam ordenado a todos os passageiros que descessem do autocarro e se despissem, antes de os fuzilar. Só teriam conseguido escapar à chacina seis pesssoas – três soldados à civil e três mulheres – as quais se teriam refugiado numa igreja das redondezas, quando decorria uma missa.

*Nigéria terá hoje novo Governo*

# Imprensa de Lagos favorável ao golpe de Estado militar

O Conselho Superior Militar que, presidido pelo general Mohammed Buhari, tomou o Poder na Nigéria no passado dia 31 de Dezembro, deverá nomear hoje um novo Governo, após a primeira reunião dos 16 elementos desse Conselho. No país reina a calma, e parece que a população aceita ou se conforma com o novo regime. Contudo, esta manhã a Nigéria continuava isolada do resto do mundo, mantendo-se cortadas todas as comunicações, e fechados os aeroportos e portos.

Em mensagem ontem à noite dirigida à população através da rádio, o general Buhari anunciou uma luta implacável contra a corrupção e avisou que «aqueles que delapidaram os recursos estatais ou fizeram uso para benefício próprio das propriedades públicas serão encarcerados sem a insensatez de respeito pelos procedimentos legais» — refere a ANOP.

Os principais jornais nigerianos deram ontem as boas-vindas ao quarto golpe de Estado militar registado no país desde a sua independência há 23 anos e manifestaram o seu apoio ao general Buhari.

Na alocução atrás referida, Buhari indicou que a Nigéria continuará fiel aos seus compromissos internacionais, mantendo-se, portanto, na OPEP, na OUA e nos Não-Alinhados. O general sugeriu também que irão ser prosseguidas as negociações com o FMI para a obtenção de um crédito de 2,5 mil milhões de dólares.

Outro indício de continuidade reside no facto de Buhari ter pedido a cooperação e lealdade dos secretários permanentes dos Estados federados. Segundo Buhari, esses funcionários são conselheiros, porque serviram vários governos sucessivos e por que desempenham funções a partir das quais podem esclarecer no bom sentido o governo militar. Mas Buhari foi advertindo que em caso de corrupção serão metidos na cadeia...

Confirma-se entretanto a detenção do presidente deposto Shagari, e do presidente da Assembleia Nacional, Benjamin Chaha. Certos oficiais de alta patente como os generais Danjuma e Gowon, fugiram do país. Dois antigos governadores da província de Oyo apresentaram-se entretanto à Polícia.

Segundo os comentaristas das agências internacionais, espera-se que o novo regime, cujo lema é a luta contra a corrupção e a delapidação dos bens nacionais, vícios, que, segundo os autores do golpe, colocaram o pais na condição de «mendigo», seja nacionalista mas pró-ocidental e que tenha em conta o facto de o Reino Unido e os EUA serem os principais parceiros de Lagos.

A agência AFP afirma que o novo regime parece não ter qualquer contestação, a não serem as reticências alegadamente opostas pelos militares da região de Sokoto, donde o presidente deposto é natural.

Depois de conhecidos os componentes do Conselho Militar Supremo, os observadores concluíram que não haverá alterações de monta, tanto mais que todos esses militares tiveram experiência governativa em anteriores regimes militares.

Dirige o Conselho Militar Supremo e é comandante-chefe das Forças Armadas o general Muhammad Buhari.

Dele fazem parte o ministro da Defesa, general D. Y. Bali, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Sintia Isiako, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, Ibrahim Alfa, o chefe do Estado-Maior da Armada, Comodoro Augustin Aykomo, o Inspector Geral da Polícia, SS. N. Yiang, o Inspector Geral Adjunto da Polícia, Alhaji Mohammed Gambo, e o secretário-geral do Governo Federal G. A. Longe.

Os restantes membros do Consselho Militar são os generais Sanni Abacha (que leu a primeira proclamação pela rádio, após o golpe de Estado de sábado), Maman Vatsa, Mohamed Magoro, Ola Oni, G. Nasko e Y. Kue e o coronel Salibu Ibranhim.

#### Reacções

O golpe de Estado não foi surpresa no estrangeiro. Estava previsto para antes das eleições. Depois da consulta eleitoral, que decorreu de uma forma inesperada, os analistas «confidenciais» e nomeadamente os que escrevem sobre assuntos económicos previram que «o milagre de democracia e estabilidade» proporcionado pelas eleições deixara a Nigéria muito mais instável e caótica. Em regime democrático burguês transplantado para a África, os problemas nigerianos seriam, segundo esses analistas, insolúveis, mesmo com recurso a estados de emergência.

As reacções internacionais são mitigadas. Todos lamentam a queda de um «regime democrático», mas Londres, por exemplo, acautela-se e nada diz em desabono dos militares, e a nível oficial são recusados quaisquer comentários.

#### Quem é Buhari

O novo chefe de Estado da Nigéria, general Mohammad Buhari, é um gestor experimentado e um soldado que está bem ao corrente das subtilezas do complexo militar-político do seu país – escreve o jornalista Edward Poultney da A.F.P.

Nacionalista convicto, fugindo à publicidade, foi comissário (ministro) do Petróleo e da Energia no último governo militar, aquele que organizou eleições para um regresso ao governo civil e entregou o poder, em 1979, ao presidente Shehu Shagari.

Jovem tenente-coronel em 1975, Buhari fez parte do grupo de oficiais que derrubou o general Yakubu Gowon, o homem que conduziu o Exército federal à vitória contra o Biafra seccionista durante uma guerra civil de trinta meses.

O primeiro cargo confiado ao coronel depois do golpe de Estado de 1975 foi o de governador do estado do Noroeste, que foi dividido depois em estados do Niger e de Sokoto.

Depois do assassínio, em Fevereiro de 1976, do general Murtala Mohammed, que substituíra Gowon, o coronel Buhari regressou à capital, para participar no Conselho Militar Supremo, que exercia o poder, do qual se tornou um dos membros mais influentes.

Ao mesmo tempo, passou a deter a pasta do Petróleo e da Energia e administrou a riqueza petrolífera da Nigéria, que constitui 90 por cento dos rendimentos do Estado.

Tal como os seus colegas do Conselho Militar Supremo, Mohammed Buhari combateu durante a guerra civil e desempenhou um papel essencial na entrega do poder aos civis antes de 1 de Outubro de 1979, de acordo com o que os jovens oficiais tinham prometido em Julho de 1975.

## Guerra do petróleo

O golpe de Estado ocorrido na Nigéria poderá desencadear uma guerra de preços entre os países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), considerou ontem o Ministério venezuelano da Energia e Minas, citado pela ANOP.

José Inácio Moreno Leon, em declarações produzidas em Caracas, disse que uma situação desta natureza obrigará a Venezuela a baixar os preços dos petróleos crus e a aumentar a produção.

Acrescentou que esta guerra de preços que poderá iniciar-se na Nigéria será seguida pelos países do mar do Norte, bem como pela Grã-Bretanha e pela Suécia, que também baixarão os preços.

O ministro advertiu para a ameaça da Arábia Saudita, com um grande volume de petróleo armazenado, pode inundar o mercado como consequência de guerra de preços, aumentando assim o perigo para a Venezuela.

Sublinhou que a Venezuela deve estar atenta à atitude dos outros membros da OPEP, porque, a dar-se esta situação teria de baixar os preços e aumentar a produção para não perder clientes e competir com os outros países, incluindo o México que, sem ser membro da OPEP, também poderá ser afectado.

# Ro p

O piloto que se encontrav desde princípio de Dezemb posto em liberdade e entregu Jackson, candidato democra dencial americana, que se e Damasco. A libertação, s cal, realizou-se no ministro s trangeiros. Entretanto, no Lí bombardearam hoje posiçõe

Aviões israelitas bombardearam hoje posições palestinianas nas montanhas centrais do Líbano, segundo informou o comando militar israelita. Durante o «raid» foram destruídos dois edifícios que serviam de base a combatentes palestinianos dissidentes da FATAH, dirigidos pelo coronel Abu Mussa. Entretanto, em Beirute, um atentado vitimou hoje um funcionário do Consulado francês, segundo informou a Rádio Beirute. Aquela emissora referiu que a vítima viajava num automóvel quando foi alvejado a tiro por um indivíduo que conduzia uma motocicleta. O francês morto era motorista do consulado.

Ao princípio da manhã de ontem tinham também recomeçado os confrontos entre as «Forças Libanesas» (Milícias Cristãs Unificadas e as tropas do Partido Socialista Progressista de Walid Jumblatt. Os duelos de artilharia.

# Houve tribuna que ditaram p

*— admitiu o ex-genera*

O general Ramon Camps, ex-chefe da polícia de Buenos Aires, admitiu que nos arquivos do Exército, da Marinha de Guerra e da Aeronáutica consta que houve na Argentina «tribunais especiais que ditaram penas secretas».

A noticia foi dada aos órgãos de informação pelo advogado Marcelo Parrili, depois do juiz Luís Cordoba ter interrogado, durante mais de quatro horas, o general Ramon Camps e o ex-subchefe da Polícia, coronel Ernesto Trotz.

Parrili representa a família do físico Alfredo Giorgi, «desaparecido» em 1977.

O causídico afirmou, numa conferência de Imprensa improvisada, que, durante o interrogatório, Camps efectuou um pormenorizado relato das actividades da Polícia de Buenos Aires durante a luta contra a subversão.

Perante o juiz Cordoba, o general Camps, actualmente na reserva, declarou conhecer «todo o esquema repressivo» e confirmou que em todas as operações participaram forças militares e policiais, negando a inclusão de elementos civis.

O advogado da família Giorgi disse que Camps «fez uma larga exposição acerca da doutrina que inspirou a «luta anti-subversiva», alegando que todas as suas acções estiveram legalmente enquadradas pelo decreto-lei emitido em 1974 e no qual se ordenava o aniquilamento da guerrilha.

De reparar que o general Camps, que se encontrava na estância uruguaia de Punta del Este, compareceu perante o tribunal rodeado de guarda-costas.

Um deles empurrou violentamente um jornalista da televisão que tentava filmar a entrada do general.

# "Revolta do pão" na Tunísia já provocou 4 mortos

Várias grandes cidades do centro e do sul da Tunísia revoltaram-se, registando-se desde quinta-feira passada violentos combates com as forças de segurança que, oficialmente, causaram quatro mortos e um número indeterminado de feridos, num ambiente que a polícia ontem não parecia controlar totálmente.

Estas revoltas, as mais violentas desde os motins sindicais que tinham causado cerca de quarenta mortos em Janeiro de 1978, em Tunes, agitaram sobretudo Kasserin no domingo e Gafsa e Gabes na segunda-feira, coincidindo com a notícia do aumento para o dobro do preço do pão e de um aumento elevado do preço das masssas e da sémola, alimentos básicos para a maior parte dos tunisinos..

O Presidente tunisino Habib Burguiba reuniu ontem de manhã um gabinete de crise para decidir que medidas tomar perante esta situação.

Esta «revolta do pão» começou a 29 de Dezembro no Nefzaua, região semidesértica situada a sueste do Chott Djerid, uma depressão que separa a Tunísia «útil» do Norte, onde se encontram a maior parte das indústrias e das terras cultiváveis, da sua metade sul, totalmente conquistada pelo deserto sariano.

A população de quatro grandes palmares, Kebili, Duz, Sul El-Ahad e El-Hamma, já atingida pela má comercialização de uma colheita de tâmaras demasiado abundante, saiu para as ruas, pilhando estabelecimentos e enfrentando a polícia, rapidamente reforçada pelo exército.

A revolta estendeu-se no domingo ao importante centro industrial de Kasserin, 250 km a sueste de Tunes, e atingiu ontem de manhã a cidade de Gafsa (100 km mais a sul) e na tarde do mesmo dia Gabes, o Grande Porto 400 km a sul de Tunes.

Quatro pessoas morreram nos motins em Gafsa e Kasserin, onde as forças policiais e militares tiveram que lutar várias horas para reinstaurarem a calma e acabarem com as pilhagens.

A notícia destes motins só foi conhecida na segunda-feira de manhã, através de viajantes que puderam regressar a Tunes apesar das dificuldades, pois os proprietários de carros e viaturas de aluguer recusam aventurar-se em estradas consideradas pouco seguras.

À mesma hora, o presidente Burguiba convocava para o Palácio de Cartago um gabinete de crise, formado por Mohamed Mzali, primeiro-ministro, Driss Guiga, ministro do Interior, Slahedinn Baly, ministro da Defesa, e Amed Benur, chefe da Segurança Nacional .

No final da reunião, um comunicado oficial acusava «desempregados, marginais e elementos hostis» de terem provocado os motins e anunciava a abertura de um inquérito, enquanto a polícia reforçava discretamente o seu dispositivo na capital.

Esta revolta do sul aparentemente surpreendeu as autoridades, que esperavam reacções ao brutal aumento dos preços, mas não desta natureza, nem desta amplitude.

O Governo de Mzali tinha multiplicado nos últimos dias as explicações para justificar a supressão de subsídios aos produtos cerealíferos, que tinham provocado em 1983 um défice de 400 milhões de francos franceses da Caixa Geral de Compensações.

*França e Itália reduzem participação na Força Multinacional*

# Ronald Reagan reexamina hoje política dos EUA no Líbano

## *Libertado o piloto americano detido na Síria*

**ncontrava prisioneiro na Síria, ezembro foi hoje de manhã entregue ao reverendo Jesse emocrata à investidura presi- ue se encontrava de visita a o, segundo jornalistas no lo- nistro sírio dos Negócios Es- , no Líbano, aviões israelitas posições dos dissidentes pa-**

**lestinianos da FATAH. Mas as atenções continuam centradas na Força Multinacional estacionada naquele país. Com efeito, e ao mesmo tempo que a França e a Itália anunciaram a redução dos seus contigentes, nos Estados Unidos, Ronald Reagan vai reexaminar hoje a política americana no Líbano, com o seu enviado especial para a região, Donald Rumsfeld.**

ar- a- as do is- m ue n- es o- to, ti- do do e.

que romperam uma trégua de vários dias, atingiram várias localidades costeiras situadas na estrada Saida-Beirute.

Enquanto isso, a redução nas próximas semanas da Força Multinacional de Paz estacionada no Líbano continua a dominar as atenções. Com efeito, aquela força vai passar de cerca de 5300 homens para 3810, após a redução dos contigentes francês e italiano. Os ministérios franceses das Relações Exteriores e da Defesa anunciaram ontem que uma unidade de 482 soldados vai regressar, até ao final do presente mês, às Forças das Nações Unidas, enquanto em Roma fontes bem informadas indicam a existência de um projecto que visa reduzir em cerca de um milhar os efectivos italianos na Força Multinacional .

No entanto, e segundo os observadores em Beirute, estas reduções limitadas de efectivos são reveladoras das questões que se levantam nos países que integram a FM quanto ao futuro e à natureza do mandato das suas tropas no Líbano, mas não terão consequências no terreno.

### Reagan vai rever política americana?

Mas o futuro da Força Multinacional joga-se, fundamentalmente, nos Estados Unidos, cada vez mais agitados por um debate interno com incidências eleitorais, sobre o bom funcionamento do seu compromisso militar no Líbano.

O presidente Ronald Reagan beneficia de uma decisão do Congresso, aprovada em Setembro último, autorizando o estacionamento, no Líbano, por 18 meses dos «marines». Contudo, Reagan defronta uma opinião pública crescentemente hostil à presença de soldados americanos naquele país.

Aliás, e segundo ontem anunciou o porta-voz presidencial Larry Speakes, Reagan, que regressou das suas férias de fim de ano, está disposto a rever a sua política sobre o Líbano. Segundo explicou Speakes, o presidente norte-americano e os seus assessores reexaminarão nos próximos dias a posição dos EUA, antes do enviado especial ao Médio Oriente, Donald Rumsfeld, voltar à região para uma nova série de contactos.

Desde que Reagan abandonou Washington, terça-feira passada, a sua política sobre o Líbano esteve mais do que nunca no banco dos réus. No domingo, e conforme noticiámos, três ex-directores da CIA pronunciaram-se a favor da retirada de Beirute dos «marines». Walter Mondale, ex-vice-presidente e favorito entre os candidatos do Partido Democrata à Casa Branca, declarou por seu turno, numa mudança radial da sua posição, que os fuzileiros devem iniciar «de imediato» a sua retirada do Líbano e concluí-la no prazo máximo de 45 dias.

Por outro lado, os membros do Partido Democrata no Congresso vão hoje reconsiderar o seu apoio à permanência das tropas americanas no Líbano.

Enquanto isso, e segundo noticiava ontem a revista «Newsweek», a administração Reagan já determinou que os «marines» têem de abandonar aquele país até ao Verão

### Reunião do CC da FATAH

Os debates do Comité Central da FATAH, principal componente da OLP, que se iniciaram no dia 31 de Dezembro, culminaram ontem em «acordo total», segundo declarou Khaled El-Hassan, um dos 14 membros do Comité. Recorda-se que uma das questões centrais dos trabalhos era a apreciação das conversações entre Arafat e o presidente egípicio Hosni Mubarak, no Cairo, a 22 de Dezembro. O Comité Central devia também definir uma nova estratégia para a OLP «depois de Tripoli». El-Hassan anunciou também que o Comité Executivo da OLP «reunirá muito em breve» em Tunis.

*Direitos humanos em relatório*

# EUA postos em xeq na América Central

Dez mil civis salvadorenhos e guatemaltecos morreram em 1983 devido à violência política provocada na maior parte das vezes pelos esquadrões da morte de extrema-direita e pelas forças governamentais, revela um relatório hoje divulgado.

O relatório, elaborado pelo Conselho dos Assuntos Hemisféricos (COHA), uma entidade privada especializada em problemas latino-americanos, atribui grande parte da responsabilidade das violações dos direitos do homem em El Salvador e na Guatemala à política da Administração de Ronald Reagan.

Este é o quarto ano consecutivo que a Guatemala e El Salvador encabeçam a lista dos países latino-americanos onde se registaram mais violações dos direitos humanos

Em El Salvador, nos primeiros 10 meses do ano, foram mortas 4056 pessoas, número que subiu para seis mil até ao final de 1983.

Na Guatemala, as forças militares e de segurança assassinaram cinco mil pessoas em 1983.

O relatório do COHA refere que a Administração norte-americana é responsável «indirectamente» pelas violações nestes dois países, por que tem denunciado com grande vigor as violações «relativamente menores» dos regimes de esquerda enquanto ignora ou censura ligeiramente os «crimes cometidos pelos aliados centro-americanos».

A organização cita, como exemplo, o caso das Honduras, onde tropas norte-americanas efectuam desde o Verão passado manobras militares de grande envergadura durante as quais treinam soldados salvadorenhos.

As Honduras, assinala o relatório, deixou de ser um dos governos mais respeitados da América Latina quanto ao cumprimento dos direitos humanos. «Em 1983, diz o documento, registaram-se neste país mais de 100 assassinatos políticos».

«Além disso – prossegue o COHA – as Honduras estão a utilizar uma parte cada vez maior dos seus recursos para se prepararem para uma guerra contra a Nicarágua em vez de os utilizarem para o desenvolvimento interno».

*Itália*

# Em 1983 houve diminuição dos conflitos laborais

Os conflitos laborais registaram uma clara siminuição em Itália em 1983, ano marcado pela assinatura de muitas convenções colectivas e por um considerável aumento do desemprego.

Estas indicações figuram em dados oficiais publicados ontem de manhã pelo Instituto Nacional de Estatística (ISTAT). Os dados, que incidem sobre onze meses (Janeiro a Novembro) de 1983, são suficientemente significativos para indicarem a tendência de todo o ano, notam os observadores.

As horas de trabalho perdidas por causa de greve foram, segundo o ISTAT, da ordem dos 91 milhões.

Durante o mesmo período de 1982, essas horas perdidas tinham-se atingido o número de 122 milhões, o que traduzia um ambiente social muito tenso: em Junho de 1982 o patronato denunciara os acordos que sete anos antes tinham instituído à escala móvel, indexando automaticamente os salários e as reformas sobre a inflação. Os sindicatos tinham ripostado imediatamente com uma greve geral, a 25 de Junho, seguida por 16 milhões de trabalhadores e, por uma série de conflitos sectoriais que perturbaram a actividade económica até ao fim desse ano.

O ano de 1983 foi marcado, no plano social, pela assinatura dum importante acordo, a 22 de Janeiro, modificando a base de cálculo da escala móvel no sentido dum abrandamento dos aumentos salariais.

O acrodo, que permitiu a renovação das convenções colectivas, em ponto morto desde há um ano nos grandes sectores de actividade, não impediu contudo um aumento dos salários.

Em Outubro de 1983 (últimos dados disponíveis), os aumentos, segundo o ISTAT, ainda eram superiores em dois ou três pontos ao custo da vida.

Em fins de 1983, havendo 2,4 milhões de italianos no desemprego (10,2 por cento dos activos), o patronato voltou a falar em abolir a escala móvel, responsável, segundo diz, pela diferença de inflação (da Itália relativamente aos outros países europeus) que muito prejudica o «made in Italy».

Tal denúncia, se for seguida de efeitos, poderá relançar os conflitos sociais em 1984.

# unais especiais n p nas secretas

## eneral Ramon Camps

os, os os de sta u- am

ios ido uiz du- o x- Er-

do pa-

ma ro- ga- or- ja- res er-

ge- re- do ir- es e de

rgi ga na ub- as al- re- ual da

ral na del tri- os-

ta- são do

No processo do desaparecimento do físico Giorgi aparece também citado o ex-comandante do primeiro corpo do Exército, com base em Buenos Aires, general Suarez Mason, que é considerado vinculado à loja maçónica «P-2».

Anteriormente, prestaram declarações os generais, na reserva, Federico Minicucci, Santiago Omar Riveros e Jorge Oliveira Rovere, faltando o testemunho do ex-presidente Reynaldo Bigdone, que, para não comparecer no tribunal, invocou doença de sua mulher.

Na abertura dos interrogatórios o magistrado proibiu todos os militares imputados de abandonar o país, decisão que hoje reiterou.

Segundo o advogado Parrilli, entre as declarações de Suarez Mason e de Minicucci «surgiram algumas contradições».

O primeiro – segundo o advogado – afirma que Minicucci actuou na «guerra anti-subversiva», enquanto o segundo o nega energicamente.

Entretanto, o Conselho Supremo das Forças Armadas decidiu apelar ao poder civil para que apresente provas no processo iniciado em tribunal contra os nove ex-membros das primeiras três juntas militares, pelos excessos cometidos na «luta anti-subversiva».

Os membros do conselho efectuaram uma reunião para este efeito e, durante a mesma, debruçaram-se também sobre os critérios e mecanismos de trabalho que terão de ser estabelecidos para julgar os responsáveis pela guerra das Malvinas.

**Segundo uma fonte castrense, o apelo público do Conselho Superior das Forças Armadas será feito no decurso da próxima semana, através dos principais órgãos de Comunicação Social do país.**

*Os atentados em França*

# "Carlos" volta às páginas da Imprensa francesa

O nome de Ilitch Ramirez-Sanchez, aliás, «Carlos», voltou às primeiras páginas dos jornais franceses após a «Organização de Luta Srmada Árabe» ter reivindicado os três atentados cometidos no passado fim-de-semana no sul de França (em Marselha e no comboio que liga esta cidade a Paris) e no Centrm Culturap francês na cidade libanesa de Tripoli.

O nome desta organização, cujas últimas acções em território francês provocaram 4 mortos e 46 feridos, só tinha aparecido uma única vez, em 1975, aquando dm assassinato por «Carlos» de dois inspectores da contra-espionagem francesa e de umlibanês, Michel Mukarbal. Um anoantes, Mukarbal tinha recrutado «Carlos» para a «Organização de Luta Armada Árabe» e que tinha por objectivo atingir «os alvos sionistas e imperialistas em todo o Mundo». Tendo aparentemente fornecido informações à Polícia francesa, Mukarbal viria a ser abatido por «Carlos» quando era acompanhado por dois policias. Foi ontem que um porta-voz anónimo reclamando-se da «Organização da Luta Armada Árabe» reivindicou, através de telefonema para a AFP em Paris o atentado contra a estação de caminhos-de-ferro de Marselha, o atentado contra m comboio Paris-Marselha e a acção armada que teve como alvo o Centro Cultural Francês em Tripoli. A hipótese de «Carlos» continuar envolvido com a «Organização para a Luta Armada Árabe» traz de novo à baila um dos mais conhecidos executantes» do terrorismo internacional.

Julgado morto em finais dos anos 70, manifestou-se em 1982, sendo identificado através das impressões figitais dos dois polegares numa carta dirigida ao ministro francês do Interior, Gaston Deferre, na qual «Carlos» exigia à mistura com algumas ameaças de morte, a libertação de Bruno Breguet e de Magdalena Kopp, dois terroristas do seu grupo presos em Paris.

**Na foto, o local do atentado em Madrid que ontem vitimou dois poícias. No chão, pedaços de vidro das janelas da viatura onde seguiam os agentes. (Foto ANOP/«DL»)**

### GRAPO reivindica acção de Madrid

Em telefonema a vários órgãos de informação madrilenos, um anónimo reivindicou em nome dos «Grupos de Resistência Anti-Fascista do Primeiro de Outubro» (GRAPO), a responsabilidade do primeiro atentado de 1984 em Espanha, que custou a vida a dois policias nos arredores da capital espanhola.

**«O atentado foi perpetrado em honra do (nosso) companheiro Juan Martin Luna, assassinado pela Polícia fascista em Barcelona», limitou-se a dizer o informador.**

Luna, considerado como um dos dirigentes «históricos» dos GRAPO, foi morto em 5 de Dezembro de 1982, em Barcelona, durante uma troca de tiros com a Polícia.

Por outro lado, em telefonemas anónimos a vários órgãos de informação de Bilbau, foi reivindicado em nome do movimento clandestino basco «Iraultza» (Revolução em língua basca) o atentado cometido à bomba na noite de domingo, para segunda-feira em Bilbau contra a sede da Confederação dos Chefes de empresa da província da Biscaia. A acção, segundo o porta-voz foi dirigida «contra a miséria e o terrorismo do patronato».

*Depois da ocupação*

# Fábrica de Poissy da Talbot voltou ao trabalho

A direcção das fábricas de automóveis Talbot (grupo Peugeot) consolidou a sua vantagem na unidade de Poissy (17 mil trabalhadores, na região de Paris) onde milhares de trabalhadores regressaram ao trabalho ao passo que os grevistas abandonavam o local.

A Talbot já tinha conseguido do Governo a intervenção da Polícia que durante a noite de sexta-feira para sábado expulsou os grevistas em luta contra um despedimento colectivo de 1905 trabalhadores que ocupavam a fábrica de Poissy desde 7 de Dezembro. Em seguida, a direcção aproveitou o fim-de-semana para efectuar os trabalhos de manutenção destinados, segundo ela, a voltar a arrancar com a produção na terça-feira.

Ontem de manhã, os 3500 trabalhadores e quadros convocados pela Talbot entraram na fábrica, ao passo que algumas centenas de grevistas, mantidos à distância pelo pessoal da segurança da Talbot, eram obrigados a afastar-se.

Os sindicatos CGT (pró-comunista) e CFDT (socialisante), maioritários entre os trabalhadores imigrados, que pagam o tribunto mais pesado nos despedimentos, opuseram uma resposta bastante fraca à dupla acção da Polícia e da Talbot.

A CFDT, que tenciona protestar contra «todo o despedimento», anunciou ontem que irá propor uma nova greve mas, segundo a maior parte dos observadores, a relação de forças em presença não milita em favor de tal solução. A CGT, por seu turno, limitou-se a convocar os seus militantes para um local situado a algumas dezenas de quilómetros da fábrica de Poissy.

O Governo de Pierre Mauroy autorizou recentemente o despedimento de 1905 trabalhadores da Talbot, enquanto o grupo reclamava o despedimento de 2905 depois de ter perdido 2,1 mil milhões de francos em 1982.

# Do romance-catástrofe à Europa nuclear

**Michel Tatu** Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

O arrepio percorre desde 1980 uma parte da Europa e os Estados Unidos, como o atesta a proliferação dos «livros-catástrofe». Outros autores continuam a acreditar na dissuasão. Tanto uns como outros querem impedir a guerra, mas não pelos mesmos meios.

**Nos primeiros minutos de uma ofensiva de 10 000 megatones contra os Estados Unidos, esferas de um branco incandescente que surgem por cima das metrópoles, das cidades e das suas periferias, iluminariam bruscamente regiões imensas, como outros tantos sóis ainda mais deslumbrantes do que o próprio Sol. Simultaneamente, uma vez chegada a vaga inicial de mísseis, a maior parte dos habitantes das primeiras regiões afectadas seriam vítimas das radiações ou seriam, esmagadas ou ainda carbonizadas. Os raios térmicos afectariam mais de 1 500 000 quilómetros quadrados isto é, um sexto da superfície da nação, a uma temperatura de 40 calorias por centímetro quadrado – temperatura esta à qual a carne humana é calcinada. (...) Enquanto as ondas de choque se propagariam a partir do centro de milhares de explosões, as infra-estruturas dos Estados Unidos seriam varridas como se se tratasse de folhas levadas pelo vento. (...) Em breve os escombros das cidades e todas as florestas suficientemente secas para arder, seriam pasto das chamas...»**

Jonathan Schell, autor do livro que, previne-nos o editor, «aterrorizou a América» (1), não se contenta com esta descrição já suficientemente eloquente e faz, por seu lado, **«overkill»**.

## O holocausto «gratuito» de François Mitterrand

Não se limitando em encarar a hipótese mais **«fácil»** para a sua demonstração, a de intercâmbio nuclear **«total»**, com milhares de bombas e de megatones, entre as duas superpotências, ele acrescenta-lhe a de uma crise de loucura colectiva das mesmas grandes potências, que, quase só por prazer, atacariam o mundo inteiro. **«Pode acontecer,** diz ele **que os Estados Unidos já tenham previsto o lançamento de algumas dúzias de megatones, por exemplo, sobre Cuba, o Vietname ou a Coreia do Norte, enquanto a União Soviética daria a sua preferência a Israel, à África do Sul ou à Austrália.»**

E porque não teria Mitterrand o seu pequeno holocausto **«gratuito»**? Para Jonathan Schell é coisa feita visto que temos de nos interrogar sobre o que fariam, uma vez consumado o massacre, os chineses, os franceses e os britânicos, que possuem a bomba atómica, assim como os israelitas, os afrikaners e os indianos, que provavelmente, também a têm.»

A bomba nuclear, mesmo que não tome a forma do dilúvio de mísseis aqui descrito, seria uma catástrofe. Todos calculavam que assim fosse – incluindo, o que é importante, os governos – mas por vezes é útil recordar aquilo que nem vale a pena dizer. O mal está em que muitos autores quiseram dizê-lo ao mesmo tempo, aproveitando a vaga antinuclar que a partir de 1980 varreu o mundo ocidental: só nos Estados Unidos há uns duzentos e cinquenta livros sobre o problema, cinquenta dos quais, pelo menos, são do género catástrofe, o que teve nas vendas um **«efeito fraticida»**. Segundo as últimas notícias, mesmo o livro de Jonathan Schell, que é o mais conhecido, não teria tido, depois de um primeiro momento de entusiasmo, uma venda muito extraordinária.

Os bons sentimentos não impedem o bom senso. O autor reconhece muito justamente que a era nuclear é uma etapa irreversível do conhecimento: **«Nunca voltaremos à época em que a extinção da raça humana não estava em nosso poder.»** Apresenta-nos uma boa análise da dissuasão nuclear que **«aboliu a guerra»** entre as grandes potências e **«assegurou a estabilidade»**. Muitos estarão de acordo com a sua crítica segundo a qual, se a ameaça do emprego das armas nucleares para desencorajar uma agressão é racional, a sua execução não é; os dirigentes de um país destruído por um primeiro ataque, já não teriam, segundo ele, **«a mínima razão sensata»** de responder com represálias que não lhe dariam nada, a não ser uma vingança **«aviltante»**. Observemos simplesmente que, na situação precisamente insensata que seria a da vítima, essa ausência de **«razões sensatas»** não basta para garantir que essas represálias não tenham lugar. E é isso que retém o agressor.

O que, em contrapartida, o autor contesta violentamente, é a nova quietude que se apossaria dos espíritos à sombra de uma arma **«que deixa as suas futuras vítimas levar uma existência aparentemente normal até ao dia em que procederá de súbito e sem nenhuma advertência, à execução.»** Ora essa execução não será a do género humano no seu conjunto, a dos seres vivos da actualidade, mas também dos de amanhã. Uma perspectiva que nada pode justificar nem decerto a noção de soberania nacional na qual até hoje se baseava a defesa dos Estados Unidos.

O autor não procura arrastar-nos para argumentos duvidosos do tipo **«antes vermelho que morto»**. Ele observa com razão que é preciso suprimir as causas da guerra e não só os armamentos, que são a simples consequência do primado da violência no mundo. A sua solução é simples e não pode prestar-se a qualquer contestação: ele pede um **«desarmamento total que garanta segurança da espécie»**, a liquidação não só dos arsenais nucleares mas também dos armamentos clássicos, por um lado entre as grandes potências e por outro entre todos os países, que abandonaram todos eles a sua soberania e trabalham para a realização de **«um sistema político para o ajuste pacífico dos diferendos.»** O autor deixa-nos com estas considerações, não sem dizer que se coloca entre os partidários do congelamento dos arsenais nucleares. Era o menos que podia fazer...

Ficamos em pleno apocalipse, mas em todo o caso um grau abaixo, com a guerra química e biológica. Dois trabalhos muito bem documentados surgiram ao mesmo tempo em França, mas o **«efeito fratricida»** seria limitado na medida em que se completam mutuamente. O autor do primeiro prefacia mesmo o segundo.

Se Ricardo Frailé, advogado, se ocupou principalmente com a apresentação do «dossier» jurídico sobre as negociações empreendidas e os acordos concluídos para liquidar os armamentos deste tipo (2), o livro de Daniel Riche (3) volta-se mais para o grande público: o seu cenário de um ataque num belo dia de Maio, em França e na Europa, com vírus de varíola, chama tanto mais a atenção quanto mostra a dramática simplicidade de uma guerra deste tipo: os franceses deixaram há vários anos de se vacinar contra a varíola. Não há portanto nada mais simples do que dizimá-los através de vírus discretamente colocados por comandos, antes de um exército vacinado a tempo ocupar o país.

## A varíola, arma dos pobres

Os nossos autores estão assim de acordo para apresentar esta guerra, diferente daquela que nos

preparam os mísseis nucleares das superpotências, como **« guerra do pobre».**

Ela começa, de resto, muito antes da outra: no ano 600 antes de Cristo, Solon provocara a diarreia entre os inimigos deitando raízes de heléboro nas águas do Pleistos; em 1155 Frederico Barbaroxa apoderou-se da cidade italiana de Tortona infestando as águas dos seus poços com cadáveres de homens ou de animais. É pensando na guerra química ou biológica que as potências, muito antes do emprego dos gases pelos alemães em 1915, se entenderam, através da declaração de São Petersburgo (1868), para banir **«o emprego de armas que agravariam inutilmente os sofrimentos das pessoas postas fora de combate ou que tornariam a sua morte inevitável».**

Estas boas intenções não impediram o fabrico desse armamento desleal. Os dois autores fazem o seu inventário, desde a desfolhação no Vietname, pelos norte-americanos, às acusações recentes feitas ao campo soviético, sem esquecer casos menos conhecidos como a utilização de armas químicas pelos italianos contra a Etiópia em 1935 ou pelo Egipto na guerra do Yemen, entre 1963 e 1967. Se ambos consideram **«muito duvidoso»** (Frailé) ou **«sem precisão e coerência** (Riche), o processo intentado pelos comunistas contra **«Ridgway a peste», comandante americano durante a guerra da Coreia, o «dossier» reunido pelos norte-americanos contra os soviéticos e os vietnamitas nas guerras do Afeganistão e do Camboja parece-lhes «importante mas pouco probante» secretos (Frailé). De qualquer modo, o que nos dizem os programas secretos lançados pelas grandes potências (o projecto MKULTRA pela CIA, os misteriosos trabalhos empreendidos na URSS, numa fábrica de Sverdlovsky, e o grave acidente que em 1980 os trouxe à luz, não são tranquilizantes. Não é porque estas duas potências se entenderam em 1972 para banir as armas biológicas que o problema está encerrado.**

## Airbus porta-mísseis

Em face dos denunciadores do Apocalipse, há os que o preparam para melhor o impedir. Em face dos anti-estrategos que acham que a era nuclear transformou todas as velhas noções, há os estrategos que tentam adaptar as novas condições uma disciplina velha como o mundo. Os primeiros impedem os segundos de derrapar na via do dr. Strangelove mas arriscam-se a perder de vista, à força de ter medo da sua sombra, as realidades do mundo tal como ele é. Os segundos precisam dos primeiros para recordar que o apoio da opinião pública é tão necessário a uma boa defesa como um bom material, mas também lhes lembram que este mundo não é o mundo que eles queriam, e que, enquanto se espera pela conversão dos espíritos desejada por Jonathan Schell, a paz repousa no equilíbrio das forças e na dissuasão.

Nesta categoria, o coronel Michel Manel arrisca-se a passar por um incorrigível militarista. Pois não preconiza ele (4) um rearmamento maciço da Europa, com a adição da França e da Grã-Bretanha, de uma frota de Airbus portadores de mísseis de cruzeiro, de um aumento muito amplo da arma de neutrões, finalmente de um **«exército europeu de mísseis», tomando lugar dos engenhos americanos previstos pela NATO?**

O menos que se pode dizer é que a Europa não está madura para este remédio de cavalo, nem mesmo para aceitar o esquema complicado das instituições federais europeias que o autor preconiza. O seu mérito está em denunciar a irresponsabilidade em que a dependência dos Estados Unidos mergulhou a maior parte dos europeus, de colocar o verdadeiro problema da defesa da Europa e também de fazer progredir, mesmo por exemplos contestáveis e com risco de chocar, a reflexão sobre a arma nuclear e o seu papel.

## As três «categorias» do átomo

A maior parte dos contestatários antinucleares da actualidade comportam-se como adversários da pólvora de canhão que vários séculos depois da batalha de Crécy ainda não tivessem feito nenhuma distinção entre o emprego desse invento por meio de um revólver ou uma bomba de 7 toneladas, ou que ainda afirmassem que o primeiro tiro faria inevitavelmente saltar todos os arsenais do planeta. Ora, quer isto agrade às pessoas quer lhes desagrade, o certo é que há **nuances**. E o coronel Manel esboça uma distinção entre três **«categorias»** da arma nuclear que, embora ainda não sejam muito bem compreendidas por todos, se imporão cada vez mais nos próximos debates.

A primeira categoria é o da arma anticidade, a que condena o inimigo à morte e só pode servir para a dissuasão **«pura»** para a protecção de um santuário nacional; a segunda é a da arma sempre estratégica mas antiforça, a que se emprega em profundidade nas retaguardas do inimigo para destruir o seu aparelho militar e só ele; a terceira é a arma de combate destinada a deter mais de perto a ofensiva de um agressor: o neutrão é chamado a desempenhar aí um papel determinante. Indiquemos, para resumir, que o coronel Manel reserva as duas últimas categorias ao exército europeu, cuja existência deseja, e que o emprego da terceira, a da arma de neutrões, é friamente deixada, no seu esquema, à discreção dos comandos locais.

Este caminho mais curto chocará mais de um leitor – mesmo os norte-americanos se recusam a deixar a quem quer que seja, à excepção do seu presidente, o emprego de uma arma nuclear, seja ela qual for – mas isto vai provavelmente no **«sentido da história»**.

Em todo o caso, se o primeiro fogo nuclear, com ou sem neutrões, será sem dúvida uma catástrofe, não o será nem mais nem menos do que a guerra dita **«convencional»** na Europa. O objectivo do nosso autor é, assim como o de Jonathan Schell, impedir que um tal acontecimento se produza. Simplesmente, ele conta consegui-lo através da dissuasão, no respeito pelo equilíbrio das forças, concepção que os contestatários consideram ultrapassada.

## «Responsabilizar» os vizinhos

É sempre no quadro do equilíbrio de forças que se situa Jean-Paul Pigasse, e é ainda em busca da **«autonomia militar da Comunidade Europeia»** que ele consagra, tal como Michel Manel, seu último livro (5). Depois de um inventário complicado dos recursos demográficos, económicos e militares dos países da Europa do Oeste, e de uma exposição da política seguida pela NATO – incluindo a **«inépcia»** que, aos seus olhos, constitui a decisão de 1979 sobre a implantação dos mísseis americanos — o autor constrói, tal como Michele Manel, um esquema de defesa europeu comportando várias **«opções»** de instituições políticas, que vão da simples coordenação dos esforços dos governos à criação de um executivo único.

A sua fraqueza está em pôr em postulado uma estreita cooperação nuclear entre a França e a Grã-Bretanha (que estenderiam a «santuarização» do seu território nacional ao conjunto dos seus aliados), quando uma tal cooperação ainda é menos evidente do que aquela que poderia estabelecer-se entre a França e a R.F.A. O autor subestima também as dificuldades políticas que traria consigo a constituição de uma força nuclear puramente alemã, outra **«opção»** que refere de passagem. Tal como Michel Manel, ele negligencia outra hipótese que, sem trazer consigo tantas dificuldades nem conduzir a esquemas institucionais complexos, resolveria o esquema da «santuarização» alargada e «responsabilizaria» os nossos vizinhos: a instalação de mísseis «eurostratégicos», com chave dupla, por exemplo franco-alemã.

Estes dois autores têm pelo menos a vantagem de nos fazer sair, através das suas hipóteses audaciosas, das velhas querelas entre **«atlantistas»** e **«santuarizadores»**, sem por isso cair em ilusões pacifistas. O equilíbrio do terror não é a solução, mas o terror puro e simples ainda o é menos, é mais perigoso.

(1) **Le Destin de la Terre,** Albin Michel.

(2) **La Guerre biologique et chimique, le sort d'une interdiction,** ed. Economica.

(3) **La Guerre chimique et biologique, l'horrible visage de la troisième guerre mondiale,** Belfond.

(4) **L'Europe sans défense?** Berger Levrault. «Stratégies».

(5) **Le Bouclier d'Europe,** Seghers.

# DESPORTO

*Namorado pela Juventus*

## Maradona regressa a Espanha

O futebolista Diego Maradona declarou que não tem medo de voltar a jogar depois da grave lesão que sofreu.

O futebolista argentino, que ontem viajou para Espanha a fim de reintegrar-se na equipa do Barcelona, depois de um mês de repouso no seu país, disse aos jornalistas no aeroporto que tinha muita vontade de tornar a jogar e que não sentia medo, como costuma suceder a alguns futebolistas vítimas de fracturas.

«A melhor experiência que recolhi desta lesão — disse — é que há pontapés que quebram os ossos.»

Maradona desmentiu que o seu tornozelo esquerdo continue inchado, conforme noticiaram alguns jornais argentinos.

«Fui para Espanha como um jogador de primeira categoria e regresso agora nas mesmas condições. Não seria capaz de jogar e de enganar o público se não fosse assim», acrescentou.

Maradona manifestou o desejo de regressar à Argentina assim que terminem os seus compromissos em Espanha.

### O sonho da Juventus

O futebolista argentino Diego Maradona é «o sonho» de Giovanni Agnelli, presidente da Fiat e «homem forte» do clube italiano da Juventus, refere na sua edição de hoje o jornal «Gazzetta Dello Sport».

Nas suas declarações, Giovanni Agnelli confessa: «Diego Maradona é o meu sonho, ainda que antes de pensar nele tenha que ver como se restabelece da lesão.»

O presidente da Fiat referiu-se ao jogador argentino ao ser consultado sobre o rendimento dos estrangeiros da Juventus, o francês Michel Platini e o polaco Zbigniew Boniek.

Satisfeito com o primeiro, assinalou que Boniek «ainda não encontrou uma colocação adequada na equipa. Na Polónia era uma estrela, em Itália é diferente. Uma pena, porque tem um físico excepcional».

Mas antes de pensar em não o contratar para a próxima temporada, «há que encontrar algo melhor». Esse melhor jogador é, para Giovanni Agnelli, Diego Maradona, «sonho» que estuda detalhadamente e projecta convertê-lo em realidade.

«Regresso ao Barcelona recuperado»

## Falcão: mais uma distinção

O futebolista brasileiro Roberto Falcão, ao serviço do clube italiano Roma, foi eleito o melhor jogador de 1983 por 65 jornalistas de todo o mundo, refere a revista «Guerin Sportivo», responsável pelas consultas.

Falcão, que já vai na terceira época consecutiva com a camisola do Roma, superou o francês Michel Platini, da Juventus, e o seu compatriota Walter Coimbra Martins «Zico», do Udinese.

Aquela revista desportiva de Bolonha também publicou o veredicto sobre o melhor técnico do ano, título que correspondeu ao alemão federal Sepp Piontek, treinador da Dinamarca.

Finalmente, o Aberdeen foi eleita a melhor equipa a nível de clube e a Dinamarca a formação nacional mais forte.

## Árbitros de basquetebol têm comissão de gestão

O Conselho Nacional de Arbitragem de Basquetebol vai ser gerido por uma comissão de gestão até que a questão da impugnação das eleições para este órgão se solucione, disse à ANOP o dirigente Abreu Rocha.

O presidente da mesa do congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol (FPB) adiantou que a referida comissão, composta por José Manuel dos Santos Jorge (presidente) e por Carlos Machado e Luís da Fonseca Pinto (vogais), será empossada hoje ao princípio da noite, na sede da Federação.

A comissão de gestão, segundo a mesma fonte, ficará com plenos poderes para tratar de todos os assuntos do conselho nacional de arbitragem e à sua constituição foi decidida em face do impasse gerado com a impugnação das eleições realizadas no congresso de 29 de Novembro último.

A impugnação das eleições, feita com base em alegadas irregularidades durante o acto, foi julgada procedente pelos órgãos competentes.

Contudo, ainda poderá ser apresentado recurso desta decisão para o conselho jurisdicional, que terá a palavra final sobre a questão, podendo dar razão ao recurso ou, então, confirmar a anulação do acto eleitoral de 29 de Novembro.

Em face disso, a Federação de Basquetebol aguarda a decisão para marcar um novo acto eleitoral ou dar posse aos elementos eleitos.

De qualquer modo, esta situação de impasse deverá manter-se pelo menos por um período de cerca de mais dois meses.

Abreu Rocha revelou também que os três elementos que fazem parte da comissão de gestão são os mesmos que foram eleitos pelas associações de basquetebol no congresso de Novembro.

Recordou, por outro lado, que o conselho nacional de arbitragem se encontra demissionária desde Outubro passado e que, por isso, se limita a tratar de questões meramente administrativas, situação que considerou ser insuportável manter por mais tempo.

*Torneio dos Reis em hóquei*

## FC Porto bate Barcelona

O FC Porto venceu o Barcelona por 6-3, na jornada inaugural do Torneio Internacional dos Reis, em hóquei em patins, que decorre na Corunha.

Com excelente exibição e bom ritmo de jogo, o FC Porto impôs-se claramente ao Barcelona, equipa renovada e longe do seu habitual, mas que foi derrotada, fundamentalmente, pela actuação do cinco portista, com Cristiano em grande evidência.

O primeiro golo pertenceu aos catalães, após falhanço de Fana e contra-ataque rápido de Jose Torner, que concretizou. Porém, o FC Porto logo arrancou para uma grande exibição.

Com Domingos e Fana em grande plano, na rectaguarda, e Cristiano em noite de inspiração o FC Porto chegou à igualdade aos 13 minutos, numa jogada individual de Vitor Hugo, que serviu Alves muito bem.

No minuto seguinte, Fana em jogada de insistência tirou a bola a Torner e fuzilou a baliza de Llonch, fazendo o 2-1 com que se atingiu o intervalo.

Em jogo rápido e de superioridade da equipa portuguesa, o segundo período viu Cristiano «abrir o livro» e em três lances individuais, aos 25, 28 e 36 minutos, elevar o resultado para 5-2, pois o Bzrcelona reduzira aos 33 por Jose Torner, em grande penalidade duvidosa.

Aos 43 minutos, Fana, também em jogada individual, repôs a diferença, 6-2, e o FC Porto conseguiu repousar um pouco o seu ritmo de jogo. Isso permitiu aos catalães reduzirem aos 46 minutos, fixando o resultado final, 6-3, com um remate de ângulo dufícil desferido por Centell.

Destaque na equipa nortenha para Cristiano, Domingos e Fana, bem acompanhados por Vítor Hugo e Alves, e mais tarde por Licínio e Vale.

No Barcelona, longe da sua forma habitual, foi notória a ausência por lesão, de Vilapuig. Mas se a equipa nunca encontrou o seu ritmo, a culpa foi sobretudo da exibição do FC Porto, que ainda «obrigou» Llonch a uma excelente actuação.

Arbitrou o italiano de Petri, que apqneas teve o senão da grande penalidade, muito duvidosa, assinalada contra o FC do Porto.

O jogo desenrolou-se no Pavilhão Municipal de Desportos da Coruinha, perante cerca de 5000 espectadores que quase encheram o recinto.

As equipas alinharam:

FC PORTO: Domingos, Alves, Fana, Cristiano, Vítor Hugo, Vale e Licinio.

BARCELONA: Llonch, Ventel, Juan Torner, Pauls, Jose Torner, Ayats e Centell.

Cartõeds amarelos: Centell, Fana e Pauls.

No outro jogo da jornada inaugural disputada ontem, o Liceu da Corunha (o clube anfitrião) venceu o Vercelli da Itália, por 8-6.

A equipa portuguesa do FC Porto defronta hoje o Liceu da Corunha, em partida considerada decisiva para o triunfo final deste Torneio dos Reis.

### Elementos para a História

O Torneio dos Reis em Hóquei em Patins, iniciou-se na Corunha (norte de Espanha) com a participação de quatro das melhores equipas mundiais da modalidade.

Barcelona há vários anos campeão da Europa, FC Porto, campeão de Portugal e vencedor da Taça das Taças, Vercelli, campeão de Itália e detentor da Taça Cers, e Liceo da Corunha, campeão de Espanha da época finda, são os clubes participantes.

As quatro equipas, em conjunto, possuem nas suas fileiras 27 internacionais, além dos argentinos Martinazzo, do Vercelli e Mário Rubio, do Liceo.

A competição, organizada pelo clube local e com final quarta-feira, é disputada nos moldes da Taça Latina, jogando primeiro Barcelona-FC Porto e Liceo da Corunha-Vercelli.

O torneio, orçado em cerca de seis milhões de escudos, é dotado de troféus a atribuir às equipas, além de prémios pecuniários no valor de cerca de dois milhões de escudos.

Os árbitros são o português Armelim Ferreira, o italiano De Pietri e os espanhóis Ballesteros e Tomaz Fraga.

Alguns dos principais dirigentes do hóquei em patins europeu, nomeadamente José La Cambra, presidente do Comité da Europa e o português Fernando Pereira, responsável máximo da comissão europeia de árbitros, encontram-se na Corunha para assistirem à competição

### Barcelona: o clube com mais pergaminhos

O Barcelona, detenror seis anos consecutivos do título de campeão europeus de clubes de hóquei em patins, é a equipa com mais pergaminhos presente no Torneio dos Reis.

A turma catalã, treinada por José Lorenti e em cujas fileiras alinham os internacionais Llonch (20 vezes), Villapuig (93), Centelli (87), Pauls (67), e Torneri (92), ganhou oito Taças dos Clubes Campeões Europeus, quatro supertaças, e, a nível interno, nove campeonatos e oito taças.

O FC Porto, representante português na competição, conquistou na época passada o campeonato, a Taça de Portugal e a Taça das Taças.

Com oito internacionais – Domingos (15), Alves (três), Fana (32), Vale (18), Licínio (oito), Vítor Hugo (32), Vítor Bruno (26), e Cristiano (155), – O FC Porto, treinado por Vladimiro Brandão, só uma vez conquistou o título nacional.

O Vercelli (Itália), possui um historial semelhante ao do FC Porto.

Fundado em 1962, apenas na época passada conquistou o campeonato italiano, além da Taça e a Taça Cers.

Como internacionais, tem Fontana (250 vezes), Borrini (40), Firardelli (40) e Fielta (três), além do argentino Daniel Martinazzo (72).

O clube organizador, Liceo Caixa da Galícia, de formação recente, foi campeão de Espanha na época passada e vencedor da Taça do Rei (81-82).

Huelves (18 vezes), Areces (23), Ventura (16), Masetti (25), Garriga (23), Garvey (14) e o argentino Mário Rubio (35), são os internacionais da equipa.

*Ténis de mesa*

## I Torneio Internacional "O Comércio do Porto"

Tem início já no próximo sábado, pelas 15 horas, com a prova destinada aos cadetes masculinos, o I Torneio Internacional «O Comércio do Porto» que terá como palco o pavilhão da UBP em Vila Nova de Gaia (Estrada Nova de Avintes), numa organização do clube de trabalhadores da empresa.

Neste primeiro dia estarão em actividade 137 atletas em representação das classes de juniores e cadetes masculinos.

No domingo, pelas 9 horas, estarão em acção os seniores masculinos que apresentam em número de 178 para o começo da tarde (14 horas) actuarem as classes femininas, com 68 inscritas.

Num total de 382 atletas representando 41 clubes pertencentes às associações de Aveiro, Braga, Leiria, Lisboa, Setúbal, Porto e Vigo, est última representada pelo Círculo mercantil.

O horário das provas é o seguinte:

Sábado dia 7: cadetes masculinos, início 15 horas, final 18.30 horas.

Juniores masculinos: início 20.30 horas, final 23.30 horas.

Domingo dia 8: seniores masculinos início às 9 horas.

Seniores, juniores e cadetes femininos, com início as 14 horas.

No domingo, todas as finais terão lugar em simultâneo às 17 horas.

*Rali Paris-Dakar*

## Porsche e BMW favoritos

Desde que deixaram Paris, ao raiar da aurora de domingo, os concorrentes ao sexto rali, Paris-Argel-Dakar ainda só rolaram em asfalto: 1.072 kms até sete, onde embarcaram para Argel, de onde seguem hoje para mais 925 kms de estrada. A verdadeira corrida começará então, através do Sara, para continuar depois na África negra.

Se as corridas de automóveis fossem uma ciência exacta, se a África oferecesse um terreno alinhado, balizado, reconhecido metro a metro como no campeonato do Mundo de ralis, seria fácil fazer um prognóstico: Vitória para os Porsche de Jacky Icx e René Metge, e também, em motos, para a MBw com Hubert Auriol e Gaston Rahier.

Estes quatro pilotos dispõem, em teoria, das melhores armas. Jacky Ickx, vencedor no ano passado, dispõe de oito vitórias em grande prémios de Fórmula Um, seis no Mans, três títulos de campeão do Mundo de endurance. Para o «Dakar» a escuderia Rothmans colocou à sua disposição material que causa medo aos seus adversários: o Porsche de quatro rodas momotoras (1.200 kgs, 240 CV) e um co-piloto de primeira água, René Metge, o homem do terreno e o laureado da prova em 1981.

Quanto a Hubert Auriol, já por duas vezes vencedor (1981 e 1983), monta uma BMW R 100 ainda melhorada, que realiza, segundo se anuncia, 40 kms/h mais que as suas ribais, as Yamaha e as Honda. Terá como companheiro de equipa uma belga minúsculo (1,55 m) mas de talento, Gaston Ragier, três vezes campeão do mundo de moto-cross.

No entanto, perante Ickx e Metge ergue-se o exército Lada: quatro viaturas (cerca de uma tonelada e 250 CV) e quatro pilotos notórios, Darniche, Jabouille, Lartigue e Trossat. Porsche-/Lada será o grande desafio do «Dakar», ou pelo menos da primeira semana, com uma palavra de ordem: prego a fundo e tanto pior para quem partir...

## Golfe em Tróia

O «green» de Troia, um dos melhores cinco campos de golfe da Europa, tem já previstos três períodos de intensa actividade para este ano – informou a direcção do campo.

Em Fevereiro, serão disputadas as provas do circuito profissional português de golfe, a iniciar durante este mês no Estoril e a prosseguir em Espinho (Marco), Vilamoura (Abril) e Quinta do Lago (Maio).

Em Maio actuará em Troia um conceituado grupo canadiano de golfe, que pela segunda vez escolhe esta estância balnear para o seu período de actividade desportiva.

Finalmente, em Setembro, decorrerá em Troia o campeonato nacional de golfe, na categoria de juniores.

*Prevenindo eventuais catástrofes*

# Discotecas fecham em Espanha

O incêndio, a 17 de Dezembro último, da discoteca madrilena «Alcalá 20», que tinha causado 82 mortos e 22 feridos, provocou uma verdadeira psicose da catástrofe na Espanha, onde mais de 70 discotecas e salas de festa foram fechadas desde essa data.

A insuficiência das condições de segurança e as infracções ao regime das licenças foram as razões invocadas de uma maneira geral pelas autoridades locais de várias grandes cidades do país para ordenarem o encerramento daqueles locais, medida temporária na maior parte dos casos.

O número de saídas de emergência e a sua praticabilidade tinham dominado a polémica sobre as condições de segurança depois do incêndio da «Alcalá 20», recorda-se. Os seus cinco proprietários encontram-se, aliás, presos desde 20 de Dezembro na prisão madrilena de Carabanchel.

Nos dois dias que antecederam o São Silvestre, nada mais nada menos de 40 discotecas e salas de festas foram fechadas nas cidades de Saragoça (nordeste de Madrid), Malaga (sul de Espanha) e La Laguna (Canárias).

Entre as discotecas atingidas figura a «New Piper's» de Torremolinhos (província de Mslsga), considerada a mais importante da Costa del Sol. De uma superfície de 1000 m² — a superfície indicada na licença de abertura era de 100 m² acolheu por vezes cerca de três mil pessoas. Para as festas de fim do ano, mais de mil pessoas tinham mesas reservadas.

Em La Laguna, apenas três das 23 salas de festas desta cidade respeitavam as normas legais, segundo as inspecções realizadas nos últimos dias. Entre as deficiências observadas, conta-se a inexistência de saída de emergência, escadas estreitas e a ausência ou a má colocação dos extintores de incêndio.

O presidente do Município de La Laguna, Pedro Gonzalez, deu um prazo de um mês aos proprietários dos locais castigados para efectuarem as obras previstas pela lei, sob pena de tornarem definitivo o encerramento.

O medo apoderou-se também dos clientes das discotecas que querem, em muitos casos, saber, logo que se encontram nesses estabelecimentos, onde é que estão os extintores e as saídas de emergência.

Alguns proprietários destes estabelecimentos reconheceram que por vezes fechavam à chave as saídas de emergência para impedirem a entrada de borlistas.

A legislação em vigor sobre as salas de espectáculos foi posta em causa depois da tragédia da «Alcalá 20», a terceira catástrofe num mês em Espanha, depois dos acidentes de aviões, um no aeroporto de Madrid e o outro perto, que tinham causado um total de 275 mortos.

Qualificada de «absolutamente ambígua, deficiente e terceiro-mundista» por fontes do Ministério do Interior, a legislação em questão tinha sido aprovada a 27 de Agosto de 1982, data em que um decreto tinha modificado ligeiramente as normas então em vigor, que remontavam a 1935.

A ambiguidade tem a ver nomeadamente com o número das saídas de emergência e a periodicidade das inspecções, que foram alvo de críticas da Imprensa pela sua falta de rigor.

O município de Madrid pediu ao Governo que reforçasse as normas de segurança nos locais públicos (salas de espectáculos, bares, discotecas...).

Por outro lado, planos indicando a localização das saídas de emergência deverão ser instalados nas salas de festas da capital e serão distribuídas notas explicativas sobre as condições de segurança e sobre a conduta a seguir em caso de acidente.

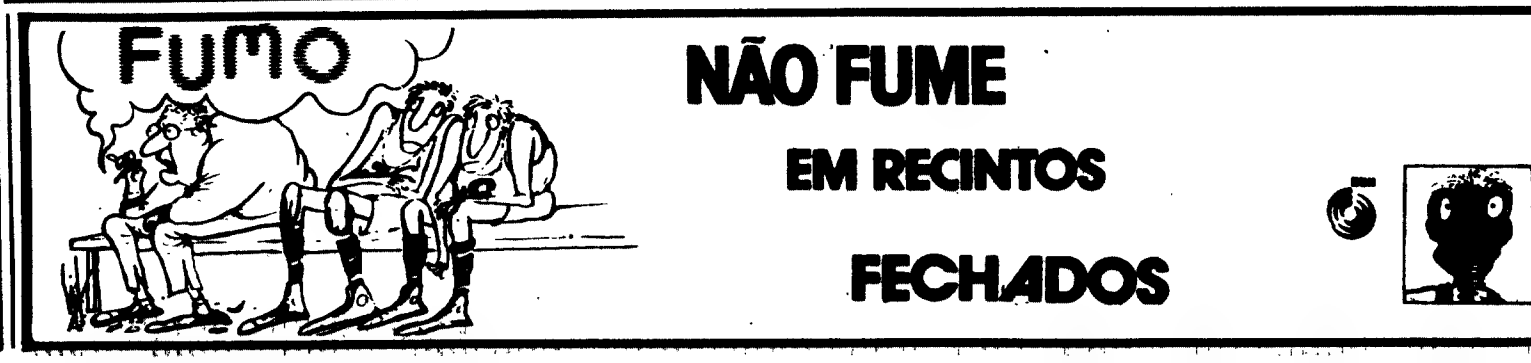
Finalmente, o município de Madrid aumentou o número dos inspectores encarregados de detectarem as anomalias em matéria de condições de segurança. A capital dispunha até agora de apenas 40 inspectores para um total de 100 mil locais.

# ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

15

Continua



*Entrevista exclusiva*

Um dos mais famosos grupos de rock'n'roll da América, os STYX, estão normalmente associados a «tourne de lotações esgotadas e a uma grande quantidade de discos de ouro e platina. Factos que impressionam, certam te, mas que tendem a obscurecer um facto mais importante. Mais do que o número das vendas, a consciência musi tem sido o factor de maior importância ao longo da sua carreira de já 15 anos.

# STYX: "A audiência é tão importante como o artista!"

«KILROY WAS HERE», é o 11.° LP do grupo e o mais ambicioso até agora. Gravado em Chicago, durante um período de 6 meses, o LP conta a história de Kilroy, o último rocker, prisioneiro do futuro, quando o rock é banido da sociedade tecnológica. As actuações ao vivo dos STYX, deste novo album começam com um filme de 11 m seguindo-se só depois a presença do grupo em palco. «KILROY WAS HERE», começou com uma ideia de Dennis DeYoung. Ele concebeu um conjunto de fantasia musical, em que o rock é banido de uma sociedade orientada por robots, por um grupo chamado «A Maioria Pela Moralidade Musical» — orientado pelo dr. Everett Righteous. Kilroy, um rocker aprisionado alguns anos antes, reacende o seu fervor pela música.

«KILROY WAS HERE» é sobre a sua luta para trazer de volta o rock'n'roll.

O grupo passou muitas horas a escrever as canções e a gravar o LP, e o resultado é um álbum que eles aspiravam fazer há muito, desde os seus tempos de Chicago, há 20 anos. Numa altura, em que muitos grupos já estão à sombra de sucessos passados, os STYX continuam a crescer em cada álbum.

KILLROY WAS HERE», é apenas o seu passo seguinte!

Recentemente estivemos com eles — Dennis DeYoung, James Young, Tommy Shaw, John e Chuck Panozzo, numa conferência de Imprensa a que estiveram presentes órgãos de informação de todo o mundo. Muitas perguntas foram feitas e a elas responderam os STYX ao longo de três horas de animado debate. É precisamente a súmula desse encontro que hoje reproduzimos para os nossos leitores.

**— Vão fazer brevemente uma tournée pela Europa? Estão a planear ir à Alemanha?**

— Isso depende um pouco das datas para os EUA, que ainda não foram totalmente estabelecidas, e também do modo como o álbum está a funcionar, embora eu tenha ouvido que está a funcionar muito bem nesta altura. Estamos a tentar incluir a Alemanha nas nossas datas, mas não apenas a Alemanha, também a Noruega, Suíça, Suécia, Inglaterra, Dinamarca e Japão. O álbum está a subir rapidamente nas charteś e é lógico que queiramos ir actuar nesses mercados.

**— Ouviu-se dizer que o Dennis teve de persuadir os outros elementos para irem para a frente com este álbum. A primeira parte da pergunta é: Como é que os conseguiste persuadir?**

— Controlo mental! Porém isso não é tão invulgar como isso, porque num grupo, se alguém tem uma ideia tão vasta como esta era, obviamente que tem de se utilizar um pouco de persuasão, seja qual for a ideia. E nesta ideia, a finalidade dela era, sairmos um pouco dos nossos papéis de músicos tradicionais e cantores e tentar tornarmo-nos personalidades além de nós próprios; por outras palavras — «desempenhar papéis»; foi precisa uma certa persuasão, porque havia um pouco de cepticismo em cada um dos papéis, género: «Hey, eu toco viola, não sou um actor!». Era aí que era necessária a persuasão e, eu sempre senti que se — atrevo-me a dizer isto? Não sei se deva dizer isto — mas eu vi várias vezes actores serem entrevistados. E pensei que, se eles conseguiam sair-se bem no cinema, nós também podíamos. Deve haver algo que os directores fazem e eu decidi que iríamos escolher um bom director; escolhemos um inglês. Ele fez um óptimo trabalho, que se reflectiu em nós; foi espectacular! O que foi convincente; era simplesmente fazer algo com esta dimensão, nada mais do que isso.

**— Passou-se tudo exactamente como vocês queriam, ou queriam fazer algo mais do tipo de «The Wall», onde não possessemos nenhum material vosso, onde apenas tivessem a noção do álbum?**

— Não, concebeu-se para que inclusive — por outras palavras, não foi como um bastardo — foi concebido inicialmente, tendo em vista o concerto, porque o rock — devo dizê-lo? Vou dizer porque, diabo, é que o que se passa — o teatro rock, foi completamente mal sucedido no passado. Nunca teve sucesso em nenhum aspecto, e muito menos ao vivo, onde as pessoas possam ir e ver.

Queríamos incluir o velho «music hall»... Porque é que fizemos o concerto? Para trazer as pessoas junto de nós, porque se nós estamos a fim de seguir uma nova direcção, devemos fazê-lo gradualmente, porque se decidimos um dia: — «Bem, hoje vou pintar o cabelo de azul e decidi que não gosto de nada do que fiz antes e...». Nós devemos algo à nossa audiência, respeitamos o facto de eles nos terem sempre apoiado e nos darem a liberdade de fazermos o que quisermos. É por isso que concebemos o álbum dessa maneira! Por outras palavras, vamos fazer um pouco de teatro, um filme, juntar tudo e tocar um pouco das coisas antigas que as pessoas gostem realmente de ouvir. Eu sei que quando vou a um concerto e vejo as outras pessoas actuarem, sou sempre o mais excitado quando vejo coisas que reconheço. O LP foi concebido com essa finalidade.

**— Uma vez que eles tenham visto o show, pensas que as pessoas entendem a mensagem que vocêsf puseram nele?**

— Eu percebi, mas fiquei na dúvida, porque a certa altura alguém disse: — «Em Hollywood Boulevard é uma loucura» e as pessoas aplaudiram, e eu achei que a resposta não deveria ser um aplauso. Dizia-se que lá eram todos malucos, que o FBI seguiu John Lennon. Parecia que algo importante se estava lá a passar. E as pessoas estavam a aplaudir, as pessoas estavam erradas. Mas isso é bom! Repara, o problema foi dizer «Hollywood Boulevard», porque Hollywood — e isso nãao me afecta porque eu não vivo cá — mas Hollywood Boulevard, denota realmente algo para além do seu significado. Li isso numa crítica dum jornal. Ele não percebeu, e talvez tu não tenhas também percebido, e eu talvez devesse ter sido mais claro. O que eu queria dizer era apenas o mundo exterior, todo o lugar fora daquele teatro. Há algo de mágico e sagrado em estar num grande espectáculo, num teatro, é como se nada mais existisse além daquele momento e daquele tempo no espaço, e o que eu quis dizer era que fora do teatro,

estava a loucura! Não «Hollywood Boulevard»! «Hollywood Boulevard» significa outra coisa, não é? Aconteceu apenas que o maldito teatro fosse em Hollywood Boulevard. Por isso não sei o que é que eles estavam a aplaudir.

Tivemos críticas muito boas e outras não tão boas, porque as pessoas têm realmente medo por vezes de dizer o que pensam quando assistem ao espectáculo, por causa de noções pré-concebidas. Isto (a noção de Kilroy), é sobre a censura e liberdade de expressão. Seja quem for que o negue e que olhando para o álbum não veja isso, não escreva ou não pense isso, está a cometer a mais grave injustiça para nós, porque é uma constatação sobre liberdade de expressão na América. É sobre isso o álbum e é tão pleno e simples para as pessoas que olhem para ele. É sobre censura!

Li algumas coisas onde as pessoas diziam e escreviam sobre isso porque tinham medo... algumas pessoas queriam dizer algo negativo, e tinham medo de abordar o tema censura, porque sabem, que se o fizerem, se escreverem sobre isso, têm de dizer algo positivo. E assim, nem sequer a mencionam porque têm medo de a mencionar, mas é sobre censura pura e simplesmente. Queria esclarecer isso!

**— Porquê Kilroy? Porquê «Kilroy Was Here»?**

— Ah, um soldado fez-me essa pergunta. Na verdade, a história inteira de Kilroy tem a ver com o que aconteceu depois da 2.ª Guerra Mundial, e não fazia sentido em tentar falar de coisas que se passaram há 40 anos. Apenas a ideia de que a nossa geração nasceu nessa altura e que a música rock foi a maior influência em quase toda a gente da nossa geração; a história tem a ver com isso. Foi conveniente, na medida em que as iniciais de Robert Orin Charles Kilroy tinham significado para todos nós nesse sentido. A história de Kilroy tem a ver com o que aconteceu às pessoas que nasceram durante a 2.ª Guerra Mundial. E é engraçado, porque os Pink Floyd estão a fazer um álbum que se chama «Requiem For The Post War...». Kilroy é realmente sobre a nossa geração e o efeito que teve no mundo, a geração nova depois da 2.ª Guerra Mundial.

**— Porque é que vocês não experimentaram o mercado latino, como por exemplo fazer uma «tornée» pela América do Sul ou México?**

— Bem, eu perguntei aos representantes da nossa editora, que estão hoje aqui presentes, se isso seria ou não viável. E, honestamente, na última «tournée» que fizemos, percorremos 12 países em todo o mundo e perdemos muito dinheiro em tocar em alguns desses lugares. Gastámos uma fortuna ao tentar sair deste país, em ir para a Europa e promover-mos o grupo. Temos de ajustar isso um dia. Eu adorava ir a Hong-Kong, Bangkok. Nova Deli, a inúmeros lugares onde nunca estivemos, que são muito excitantes para mim e gostava de ir à América Latina, porque nunca lá estive. E a Itália também. No fundo, é apenas uma decisão económica. Temos muito tempo para fazer «tournées» pelo mundo.

**— O dr. Righteous é baseado em alguém? Mussolini ou Jerry Falwell?**

— É exactamente isso!

— Tinhas alguém especialmente em vista?

— Na verdade, quando escrevi a parte do personagem na história, não era nada como o James Young acabou por pintar. J. Y. deu-lhe a sua própria personalidade em palco. Sempre disse, quando estava a escrever as partes que Jonathan Chance era Tommy, eu era Kilroy e J.Y. em grande parte era o dr. Righteous. Ele deu vida própria ao personagem, e entre Brian Gibson e J.Y. eles criaram esse carácter. Originalmente o personagem que eu tinha em mente era muito suave, muito espirituoso... Era totalmente diferente de J.Y. Mas James deu uma personalidade muito interessante a este carácter, e eu estou realmente excitado com o que ele fez.

**— Talvez seja uma pergunta um pouco impertinente, mas acho que vocês não são a banda tipicamente americana, embora sejam americanos. Sempre achei que vocês tinham muitas influências, especialmente do «rock» inglês. É verdade? Conseguem aperceber-se disso na vossa maneira de escrever canções?**

— «Molto bene»! Penso que na música, está provavelmente certo. Do ponto de vista das letras, o que dizemos nas nossas canções é verdadeiramente americano. Mas concordo no entanto com o que estás a dizer. Penso que as maiores influências que tivemos foi da música inglesa, mas as letras são genuinamente americanas.

**— Qual foi a melhor façanha que conseguiram na vossa carreira, e porquê a melhor?**

— É muito subjectivo, creio eu. Penso que durar 11 anos, já é uma grande façanha. O que é mais notável na nossa carreira é a consistência. Mas devo dizer que o que estávamos a fazer presentemente é uma grande façanha, porque exigiu muito de nós. A primeira vez que tocámos em L. Angeles, também estavam lá Stephen Stills, Graham Nash e Sting. Já há muito tempo que Stills & Nash tiveram uma grande influência no nosso grupo, os seus estilos de vozes, e eles disseram que gostaram muito do espactáculo... que estavam inspirados... e que estavam inspirados pelo que tinham visto! Foi o melhor cumprimento que nos podiam dar. E para mim, a façanha máxima da nossa carreira foi essa noite.

Claro, ter tipos daqueles que vão assistir ao «show» e ficam o tempo todo porque o «rock» — sabes, tipos desse nível, não costumam assistir ao «show» todo — e depois virem até nós realmente excitados!

Que emoção ter pessoas que nós admiramos quando começamos a carreira e depois elas nos admirarem também!

**— O vosso «robot» faz-me lembrar Bunraku. Tem algum significado?**

— Claro que tem. É uma espécie de combinação das marionetas japonesas, não sei como é que se chamam, parece que é Bunraku.

Isso é arte-decoração — Perguntei a Stan Winston, que desenhou o «robot» — os robotos, porque quando estive no Japão ouvi dizer que a palavra japonesa para «robot» era roboto. Assim, não ficava muito bem musicalmente, mas quando ouvimos «Domo Arigato», eu disse: «Jesus, é isso!», por causa de todos os robotos no Japão e nas fábricas, é que é assim aqui nos EUA. Neste momento o Japão está à frente da tecnologia em «robots» e isso está a acontecer cá também. Quis fazer uma declaração sobre tecnologia e pensei que um «robot» japonês seria óptimo; pensei também que deveria parecer japonês para que ninguém ficasse confuso. E é assim, parecer oriental ou japonês.. Queria estabelecer isso, pois para os japoneses não menosprezante, é apenas uma afirmação de que a tecnologia japonesa está a liderar nesta matéria. Estamos em todo o mundo rodeados pela tecnologia japonesa, na América, na Europa, em todo o lado. Por isso, parece logico, que se o mundo viesse a ser dirigido, pelo menos nos EUA. seria dirigido por «robots» e eles seriam japoneses.

**— Vão voltar brevemente ao Japão para fazerem espectáculos?**

— Com certeza! Quando, é que ainda não sabemos. Mas quando lá voltarmos, vamos mudar a cara do «robot», para parecer polaco! Será assim a modos

Continua na pág. 16

# "A audiência é tão importante como o artista!"

Continuação da pág. 15

que um Mr. Solidariedade, com um chapéu parecido com o de Lech Walesa!

**— Alguns grupos de «rock», como os Journey, por exemplo, estão a fazer os seus próprios jogos de vídeo. Vocês pensam também fazer isso?**

— Só se fosse sexual! Nunca se sabe o que o futuro nos reserva. Ainda não temos planos sobre isso.

**— Acham que há uma sensibilidade especial, que faz com que as pessoas de Chicago sejam diferentes do resto das pessoas dos EUA? N. York e L. Angeles, por exemplo?**

— N. York e L. Angeles não fazem parte dos EUA! Eu também sou de Chicago, e pergunto se não será algo na cidade, ter crescido lá, talvez por ouvirmos muita música «soul» à medida que crescemos, que faz com que sejamos diferentes. Penso que as pessoas caracterizam as pessoas dessa região de muitas maneiras, como todas as pessoas de todas as regiões têm sido estereotipadas e caraterizadas de certa maneira. Mas penso que há uma certa essência sobre crescer numa zona da classe operária como nós; mantemos as nossas raízes e somos mais sensíveis.

**— Acham que a Imprensa afecta os gostos do público? Porque é que decidiram dar uma conferência de Imprensa?**

– Achamos! Quanto à segunda parte da pergunta, nós editámos um álbum. Eu fiz 95 entrevistas com a Imprensa sobre o álbum «Paradise Theater» e acho isso demasiado. Daí a conferência.

**– Leu-se que vocês preferiam não falar para a Imprensa...**

– As companhias mudaram de direcção nos últimos 12 meses e o nosso anterior «manager» tinha uma filosofia, que esse tipo de coisas a que se está a referir aconteciam, mas tudo mudou. Isso, porém, não teve nada a ver connosco. Por acaso, tivemos numerosas discussões sobre isso; não queria que fizéssemos entrevistas. E não queria que fizessemos videos. Ele é um homem muito inteligente e isso é uma reacção a todos estes anos.

**– Qual é o segredo, que vos mantém há tanto tempo juntos?**

– Oh, há 10 anos todos nós virámos «gay» (maricas)!!! Vamos lá a falar a sério! É uma pergunta, porque é raro um grupo durar tanto tempo com 3 elementos, que vivem uns dos outos. Não somos como os Foreigner, onde juntam um grupo de estrelas e fazem um número fabuloso. O segredo tem sido a sensibilidade; preocupamo-nos uns com os outros, se temos um problema falamos uns com os outros sobre ele, e isso continuará a ser assim, se tivermos um grupo de 5 elementos. Aconteceu com o projecto de Kilryoy, Dennis teve de convencer o grupo, porque eu sentia que não conseguia actuar e não conseguia! O que tivemos de fazer para aceitarmos esse projecto! E nunca se chegou ao cúmulo de pensarmos desfazer o grupo, mas como cavalheiros, sentámo-nos e limámos as nossas arestas; gostamos desta experiência, e quero dizer perante a Imprensa, que estou contente que este homem (Dennis) tenha feito isto por nós.

**– É verdade que vocês foram em parte inspirados por um especial da PBS sobre robots?**

– Bem, foi a imagem do sítio onde eles tinham esta fábrica, tudo o que lá faziam, as luzes, as máquinas a trabalharem e ninguém lá... Era óbvia para nós a ausência de seres humanos lá, e isso talvez quisesse dizer que a sua presença não era necessária. As luzes estavam acesas e as máquinas continuavam a trabalhar. Era impressionante! Robots e máquinas está bem, mas depois quando as luzes se apagavam e eles ficavam no escuro...

Não sei qual seria a reacção, mas quando vimos isso, pensamos, que muito em breve haveria pessoas a escrever «KILROY WAS HERE» e que seriam feitos de metal. Assustador!

**– Ouviu-se dizer que usaram energia solar no vosso estúdio de gravação...**

– É verdade!

**– Podem dizer algo sobre isso?**

– Bem, estávamos ligados a um grupo que estáva a criar um gerador portátil, que pudesse ser utilizado num concerto ao vivo. E nós quisemos fazer o 1.º concerto de rock ao vivo, cuja energia fosse fornecida pelo Sol.

Tivemos alguns problemas, porque é um protótipo, nunca foi feito nada assim antes, e passámos 3 ou 4 dias a experimentá-lo, na máquina de café, no frigorífico, etc., para ter a certeza que não iria mandar pelos ares o sensível equipamento do estúdio. Acabámos por utilizá-lo em alguns «overdubs».

Fizemos isso, para o mundo saber que nós acreditamos que isto seja uma coisa positiva para o futuro, e sinto que o sucesso nos foi dado por todos os nossos fans do mundo inteiro.

**– Usam alguns efeitos especiais quando gravam?**

– A única coisa que fizemos um pouco diferente foi que utilizamos uma «wireless guitar» no estúdio, o que penso que ninguém tenha feito antes, e assim eu podia ficar ao lado de John e Chuck, enquanto tocávamos a faixa base e podia ter um grupo de amplificadores do tamanho desta sala noutra sala, totalmente isolada acusticamente. Os vizinhos queixavam-se, mas na outra sala não ouvíamos nada.

**– Há um grupo chamado «Yesterday And Today», que também usou «wireless» em estúdio...**

– Nunca dissemos que éramos os primeiro!

**– Cantam as canções que fazem? Se escrevem uma canção, cantam normalmente?**

– Normalmente. Houve alterações, certamente, em onze álbuns. Escrevi canções para J.Y. cantar, e ele escreveu canções para mim. Tommy e eu colaborámos e J.Y. e eu colaborámos. Mas, normalmente, o que escreve é o que canta.

**– O vosso grupo trabalha em coisas como demo-cassetes? Fazem o esqueleto de uma canção, e mostram-na aos outros elementos?**

– Sim, fazemos demo-cassetes. Alguns gostam de fazer «demos», outros dizem apenas: «Aqui está a música, o que pensam?». Eles sentam-se e tocam para ouvirmos e, se ninguém vomita, utilizamos a canção!

**– «Double Life». Gostáva de saber de onde veio a ideia para essa canção...**

– A ideia surgiu, quando estávamos uma noite em Berlim Ocidental e fomos a um famoso bar de travesti; surgiu da analogia de um homem vestido com roupas de mulher. Ocorreu-me que em várias situações todos nós temos uma vida dupla, várias facetas na nossa personalidade, e eu fui realmente inspirado por essa experiência.

**– Quando fazem um video, tão oposto a um show ao vivo, há muitas coisas que vocês têm de ajustar. Fazem isso no vosso show?**

– Bem, penso que têm de ser encarados como duas coisas diferentes. Num espectáculo ao vivo, o balanço são todos aqueles amplificadores e toda a excitação de todas aquelas pessoas. A audiência é tão importante como o artista. Num video, as pessoas vêem apenas, ligam a televisão, é diferente. O ajustamento? Não, não acho que haja um ajustamento, é apenas um meio diferente. Fazemos coisas em filme que não podemos, obviamente, fazer num espectáculo ao vivo. – J.A.A.


**BALLET GULBENKIAN**

Director artístico: JORGE SALAVISA

**Temporada 1983/84**

**GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN**

**1.º Programa**
**JANEIRO**
Quinta, 5, às 16.30
Sexta, 6, às 21.30
Sábado, 7, às 16 e 21.30

● **REUNION IN PORTUGAL**
Coreografia: LOUIS FALCO/Música: KURT WEILL

● **ESTRANHOS TRANSEUNTES**
Coreografia: VASCO WELLENKAMP/Música: STEVE REICH

● **SINFONIA EM RÉ**
Coreografia: JIRI KYLIAN/Música: HAIDN

**Bilhetes à venda 250$/200$/120$**

**Desconto de 50% para jovens até aos 18 anos, estudantes universitários até 25 anos e sócios da Juventude Musical Portuguesa e da Associação Portuguesa de Educação Musical.**

**A bilheteira da Fundação Gulbenkian funcionará das 13 às 20 horas. Estará encerrada nos feriados bem como aos sábados e domingos em que não haja espectáculos.**

**Espectáculo para maiores de 10 anos.**


crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

**Arielle Dombasle (à esq.) e Béatrice Romand em «O Bom Casamento»**

# "O Bom Casamento"

## *de Eric Rohmer*

Nos bons velhos tempos em que a análise (ou seria a classificação?) ideológica de um filme era pedra de toque, o cinema de Rohmer, este filme de Rohmer, não podia passar sem interrogações do tamanho de punhos: a quem serve um cinema onde uma jovem pequeno-burguesa decide casar-se com um homem que a ignora, decide investir-se de uma vontade de transformar o real através de uma ficção que a si própria atribui? A quem serve este jogo sentimental algo palavroso e decididamente obcecado em seguir uma personagem sem nada de interessante senão a de ter feito um voto abstracto, teimoso e provavelmente absurdo?

Seria possível entrar neste filme pela porta da luta de classes, de ascensão, dos códigos de comportamento moral da burguesia e discutir até se a vontade de transformação do real que Sabine tem (porque sim, por capricho, ou por coisas nunca ditas e que não saberemos) não terá algo de cegamente militante, aquela militância que se funda no desejo (é a mais forte) e não na análise concreta das situações concretas (coisa prosaica e árida, sem o suplemento de ânimo necessário a qualquer convicção funda). Podíamos ir por aqui mas sinto alguma repugnância em trabalhar sobre um filme como se ele fosse metáfora de outra coisa. O jogo arbitrário dos espelhos que acabam por reflectir aquilo que queremos é tarefa que já deixou de me interessar. Prefiro as perplexidades se soluções não tenho.

E, para **O bom casamento,** chaves não encontrei.

Digamos que o que me atrai neste filme (como na generalidade do cinema de Rohmer) é a teia, o arbitrário de uma situação de partida que, depois, evolui, conclui, faz acontecer coisas, ou não. O que me atrai é a imponderabilidade, a permanente questão «onde é que isto vai dar?», tudo filmado com adesenvoltura grácil que só um extremo de elaboração produz. O que gosto neste cinema é o rigor, a sensação de que a câmara não podia estar noutro sítio, o olhar novo e liberto que é o estádio último de um olhar que já passou pelas indiferenças e agora só tem tempo para o que não é comum. Gosto da ternura irónica com que Rohmer trata os seus personagens, sem os acariciar (nem nos acariciar) mas sem uma condenação, uma pedra atirada. Gosto desses diálogos longos, com princípio e princípios, dessa atenção à palavra como coisa decisiva, como se no princípio fosse mesmo o verbo que estivesse. Gosto de sentir o cinema tentado pelo teatro, como se o cinema fosse a verdade e o teatro o artifício, o falso, como se os personagens «perdessem» porque representam ficções para si mesmos, um cinema que parece crer num «antes», num estado de graça anterior que a palavra ocultasse e que, ao mesmo tempo, acredita no devir que essa palavra provoca.

Gosto deste filme porque ele me empurra a querer o que a protagonista quer – e é absurdo – porque ele me leva a sentir a incomodidade das personagens (inesquecível cena, a do escritório do advogado, em que ninguém sabe – e o espectador menos – o que deseja de facto).

E, como em todos os grandes filmes, há uma perversidade nítida que passa em **O bom casamento,** uma malícia pecaminosa (que Arielle Dombasle personifica), uma filigrana para prolongar por múltiplos caminhos as ficções que não cessam porque o filme acaba.

Ironia **sage,** a calma de um classicismo que não faz de modernista e é moderno, uma história bem contada que não se fecha sobre si própria e respira. Quem não fez castelos no ar? Quem não decidiu, um dia, algo por princípio? Quem não deu consigo a ficcionar um futuro?

**FICHA:**
**Título original:** Le beau mariage.
**Realização:** Eric Rohmer (França 1982)
**Fotografia:** Bernard Lutic, Romain Winding, Nicolas Brunet.
**Música:** Ronan Girre, Simon des Innocents.
**Montagem:** Cécile Decugis, Lisa Heredia.
**Som:** Georges Prat, Gérard Lecas, Dominique Hennequim.
**Interpretação:** Béatrice Romand **(Sabine),** André Dussolier **(Edmond),** Féodor Atkine **(Simon),** Arielle Dombasle **(Clarisse),** Thamila Mezbah **(a mãe),** etc.
**Distribuição em Portugal:** Doperfilme.
**Cinema:** Estúdio 444.
**Classificação:** Para maiores de 6 anos.
**Duração:** 97 minutos.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

# Assim, não

Pode-se ensinar pela televisão? Pode, claro. Como? Ah, isso é que é preciso descobrir.

Haverá, digamos, territórios proibidos? Suponho que sim. Em geral, na televisão vê-se, não se observa. A atenção é frágil, a imagem fria. A rapidez baralha, o aglomerado confunde. Muitos nomes? Errado. Muitos algarismos? Errado. Abaixo as estatísticas, os índices, os gráficos miudinhos! Faz mal a Judiciária, quando indica três ou quatro dos seus números de telefones: um só era mais eficaz.

Por exemplo, a História. A História através de histórias, à inglesa, certo. Olhos que gostam de ver, a gente gosta de aprender, estamos entretidos. É como ensinar crianças: brincando.

Mas, e um curso de História? Palestras de História? Com José Hermano Saraiva, de caras. Porque ele já é um espectáculo: de imaginação, de organização, de comunicação. Nunca se chega a perceber bem se gostamos da História por causa de José Hermano Saraiva. Será uma ambiguidade — mas com lucros evidentes.

Ah, mas com este «curso» sobre a Revolução de 1383-1385, não. Assim não. Assim é de fugir. Para além das boas intenções evidentes. Para além da visão correcta dos acontecimentos e da metodologia correcta. Para além dos nomes respeitados envolvidos na operação. Assim não vale. Dá pena aquilo ser assim. Tratado assim. Com tão pouca televisão. Com tão grande desconhecimento da audiência real! Nem a leitura de textos em português de antanho lhe pouparam, com tamanha profusão!

Não quero, com esta croniqueta inpressionista a afastar os leitores da telespectação. Acho que o esforço compensa. Acho que para tudo sempre algum esforço é indispensável. Lamento só que muito esforço não tivesse sido evitado. A melhor TV é sempre aquela que leva as pessoas a gostar de ver.

### A vez... do parque infantil

Era uma vez atroz a vez e a voz. E tocaram trombetas. E choveu luz. E os anjos do céu proclamaram: «Aleluia, chegou a vez da nossa voz.»

Ou seja: a vez dos artistas portugueses.

Dos artistas portugueses, só? Pelos vistos, sim. Mas pelos vistos, não. Milo e Raul são portugueses? Não são. São angolanos. Quero dizer que não devessem ir à televisão? Claro que não quero dizer. Mas para isso há na televisão uma outra rubrica dedicada aos artistas estrangeiros chamada **Aplauso**. O **Duo Ouro Negro** devia pois ser aplausado, de preferência.

Mas não foi. Trouxeram-no ao sector dedicado à música portuguesa. Até lhe facilitaram o caminho. Ah, o que vale ter amigos! Aliás, **Duo Ouro Negro** joga em casa. Em terreno conhecido.

Reparem: todos os artistas que vieram ao programa, foram relegados para o final, para o cansaço da programação. Espectadores que quisessem chegar lá, tinham de atravessar um deserto chamado «Parlamento». Tal condição desapareceu ontem. **Pai Herói** acabou e, com a lareira ainda quente, saltam os cançonetistas. É o que eu digo: para os amigalhaços até os desertos desaparecem...

Claro que o **Duo** não está em forma. Os desentendimentos são frequentes. Há alguma areia naquela engrenagem. A solidão do palco também não os ajuda. Tudo tão frio, tudo tão longe! Não, o esquema não dá. Nem mesmo com assistência tão no encontro, sempre de olhos retornados para o palco. Apesar de que o **Duo** tentou, com a sua longa prática destas coisas, limar as arestas. Conversou, amenizou, houve quem risse. Há sempre quem.

E dividiu bem o seu tempo, variou o flanco de jogo. Em boa verdade, procurou remar contra a maré dando, a cada uma das três partes, um carácter diferente.

A segunda parte era de um grande engenho. Os convidados não lhes faziam sombra. Aquilo era uma gracinha, ou, como eles diziam, uma brincadeira. Embora me parecesse que a televisão não é sítio apropriado para brincar. Porque não experimentam o parque infantil do Alvitó?

Maluda, convidada, é amiga deles. Conta: estava em Paris, conheceu-os, a amizade foi um «coup de foudre». Cantou com eles, ontem. Esta Maluda, que bem que ela pinta!

O outro convidado, fantástico, hem, como a beata não lhe cai! Nesta habilidade, até hoje, que eu saiba, só o Lucky Luke e o meu camarada Ernesto Sampaio. Nenhum deles se atreveu, porém, ao **english fado**.

Tudo na reinação. Tudo rapaziada bem disposta. Talvez nem todos com voz, mas todos com vez. Nem foi esta a última vez que lá foram.

Será vez a vez, mais que voz a voz. Mas alguns têm mais vezes do que outros. Outros que só às vezes...

## Hoje

**Interpretado por Rita Moreno, Valerie Curtin, Peter Bonerz, Rachel Dennison e Jean Marsh, exibe-se na RTP-1 um episódio da série das 9 às 5**

Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV
**18.00 — SUMÁRIO**
**18.10 — JANELA MÁGICA**
**19.00 — TELE-REGIÕES**
**19.30 — BEM DIZER, BEM ESCREVER**
**20.00 — TELEJORNAL**
**20.30 — TELENOVELA** «Pai Herói»
**21.15 — DAS 9 ÀS 5; Intérpretes:** Rita Moreno, Valerie Curtin, Peter Bonerz, Rachel Dennison, Jean Marsh. **Realizador:** Michael Zinberg
**21.40 — GRANDE INFORMAÇÃO**
**22.35 — ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

**Exibe-se na RTP-2 mais um episódio da série A Família Bellamy**

RTP 2
**19.32 — DESENHOS ANIMADOS;** «Rickety Rocket»
**19.55 — UM TOQUE... DE MÚSICA;** Conjunto JAFUMEGA
**20.20 — OS AÇORES E O PATRIMÓNIO;** «Graciosa» (I parte)
**20.50 — A FAMÍLIA BELLAMY;** «Upstairs, Downstairs». **Realização:** Raymond Menmuir
**21.45 — TELENOVELA;** «Gabriela»
**22.20 — ÚLTIMO JORNAL**

## Amanhã

RTP 1 RTP 2

**12.00:** Meio dia; **13.00:** Jornal da tarde; Das **13.35** às **17.15:** Ciclo Preparatório TV; **18.00:** Sumário; **18.10:** Janela Mágica; **19.00:** Teleregiões; **19.30:** Três Tons; **19.50:** Vamos Jogar no Totobola; **20.00:** Telejornal; **20.30:** «Pai Herói»; **21.15:** Cinema Lumiar com o filme «O Cisne»; **23.00:** Últimas notícias.

**19.30:** Desenhos animados; **20.00:** Adágio; **20.30:** Estúdio aberto; **21.00:** As grandes batalhas; **22.00:** «Gabriela»; **22.30:** Último jornal.


**COMPLETE OU ADQUIRA**
**A SUA ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA**
**«VERBO» (20 VOLUMES) PAGANDO EM PRESTAÇÕES ACESSÍVEIS**
**TELEFONES: 54 58 55 ou 243 59 12. OU ENTÃO ESCREVA UM SIMPLES POSTAL AO APARTADO 2938 1100 LISBOA CODEX**


TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

**ANÚNCIO**

Dr. JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL, M.º Juiz de Direito do 16.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

FAZ SABER que, pela segunda secção deste Juízo, nos autos de Acção Especial de Justificação Judicial n.º 5830 que Armando dos Santos e Rosa Pereira Domingues dos Santos, residentes na Av. Cinco de Outubro, n.º 52-3.º Dt.º, em Lisboa, movem contra Ermelinda Marques Martins, viúva, residente em parte incerta, mas com última residência conhecida na Av. General Roçadas, 39-2.º Esq.º, em Lisboa, Gertrudes Marques Martins, que também usa Gertrudes Marques Martis Gomes, residente em parte incerta, mas com última residência conhecida na Rua Cavaleiro de Oliveira, 45-3.º Dt.º, em Lisboa, e Herdeiros desconhecidos de Domingos José Martins, natural de Feiral, Amares, e com último domicílio conhecido na Av. General Roçadas, 39-2.º Esq.º, em Lisboa, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda publicação do presente anúncio, citando os réus acima indicados, para, no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem, querendo, a presente acção, sob pena de virem a ser condenados no pedido que é o de serem os autores declarados únicos e legítimos proprietários do prédio rústico que se compõe de um terreno com a área de 124 m², sito no caminho de Baixo da Pena, freguesia de Penha de França e omisso na matriz, conforme consta da petição inicial, cujas cópias se encontrem arquivadas nesta secretaria e serão entregues quando solicitadas.

Lisboa, 30 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito
**Joaquim Maria Ferreira Pascoal**

O Escriturário
**Filipe Carvalho**

**«DL» — 3/1/84 — 2.ª Publicação**

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

10.º JUÍZO CÍVEL

**ANÚNCIO**

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do segundo e último anúncio, na Execução de Sentença n.º 9211/C, 1.ª Secção.

Exequentes: FRANCISCO CARVALHO GOMES, Executado: JOSÉ MANUEL FERREIRA BORGES, residente no Parque de Campismo do Monsanto, em Lisboa, e sua mulher MARIA DO CARMO MARTINS BORGES, residente na Rua do Cabo da Aldeia, n.º 4, Lousa, em Moncorvo.

Lisboa, 30/Novembro/1983

O Juiz de Direito
**Afonso de Azevedo Melo**

Pel'O Escrivão de Direito
**Maria Júlia Ferreira Carreiro**

«DL» 3/1/84 — 2.ª Pub

**Já à venda** cadernos do terceiro mundo

**Em destaque**

**Dívida Externa:** Pagar ou não pagar? — o dilema do Terceiro Mundo. Um bem documentado "dossier" sobre uma questão escaldante que atinge dramaticamente os países do Sul e agrava as desigualdades a nível mundial

**Filipinas:** reportagem com a resistência armada ao regime de Marcos

**Assinaturas**

Tricontinental Editora
Calçada do Combro, 10-1.º
1200 Lisboa


**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA**

**ANÚNCIO**

**2.º Juízo** **1.ª Secção**

**C/Pt.ª n.º 158/83**

No dia 18 de Janeiro de 1984, pelas 11 horas, **à porta da 1.ª Secção de processos do 2.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Sintra, nos autos de carta precatória com o número 158/83, vinda do 6.º Juízo Cível da Comarca do Porto, extraída dos autos de execução ordinária em que é exequente a Sociedade de Electricidade Brown Boveri, Lda.ª com sede na Rua Sá da Bandeira número 481-2.º no Porto e executada EMPRESA DE CONSTRUÇÕES ELÉCTRICAS, LDA., com sede no Alto da Bela Vista em Agualva-Cacém desta Comarca, há-de proceder-se à venda por arrematação em hasta pública do bem adiante indicado o qual será entregue a quem oferecer maior lanço acima do valor indicado no processo (600 000$00) valor pelo qual será aberta a praça.**

**BEM PENHORADO E A VENDER:**

**1 Torno mecânico da marca South Bend com o número 2, em bom estado de conservação e funcionamento.**

**É depositário do bem supracitado o sócio-gerente da executada, senhor FERNANDO TOMAS RIBEIRO DE BARROS, residente na Av.ª Gomes Pereira, n.º 69-5.º Dt.º em Lisboa.**

**Sintra, 2 de Dezembro de 1983.**

**O Juiz de Direito,**
**a) Jorge Ramos da Silva**

**O Escrivão Adjunto,**
**a) João Inocêncio da Silva Fialho**

**D.L. — 3/1/84 — 1.ª Pub.**

**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA**
**ANÚNCIO**

É por este meio citado o réu MANUEL ROCHA DE ALMEIDA, com última residência conhecida no lugar do Eido, freguesia de Mesio, concelho de Castro Daire, e actualmente em parte incerta, para comparecer pessoalmente neste Tribunal Judicial no próximo dia 18 de Janeiro de 1984 pelas 14 horas, a fim de se proceder à tentativa de conciliação a que alude o art.º 1407.º do Código de Processo Civil, designada no autos de divórcio litigioso, com pedido do benefício de assistência judiciária, que com o n.º 856 corre seus termos pela 2.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Vila Franca de Xira, em que é autora Soledade Maurício Pinto.

No caso de a referida diligência se não realizar por falta do réu fica desde já o mesmo citado para, no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos de trinta dias, contestar a acção supra referida, com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pela autora.

O duplicado da petição inicial encontra-se depositado neste juízo e secção à disposição do citando.

Vila Franca de Xira, 24 de Novembro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO
(Assinatura ilegível)

**«DL» — 3/1/84 — 2.ª Publicação**


**ENSINE O SEU FILHO**

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras

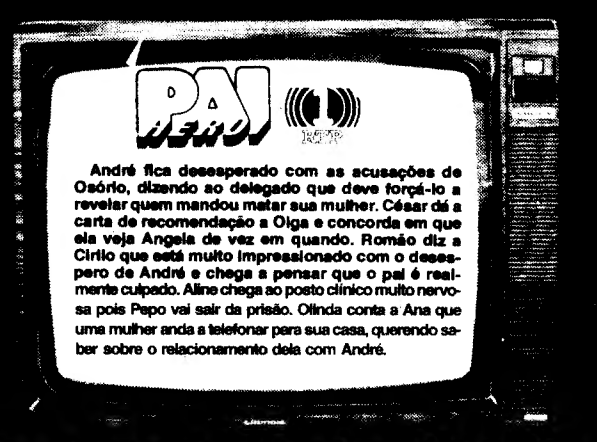
PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



**GRUNDIG**
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1 Das 9 às 5 (21.15)

RTP 2 A Família Bellamy (20.50)




**André fica desesperado com as acusações de Osório, dizendo ao delegado que deve forçá-lo a revelar quem mandou matar sua mulher. César dá a carta de recomendação a Olga e concorda em que ela veja Angela de vez em quando. Romão diz a Cirilo que está muito impressionado com o desespero de André e chega a pensar que o pai é realmente culpado. Aline chega ao posto clínico muito nervosa pois Pepo vai sair da prisão. Olinda conta a Ana que uma mulher anda a telefonar para sua casa, querendo saber sobre o relacionamento dela com André.**

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

# Uma carta do dr. António de Barros Machado

Continuação da pág. 2

sor da Universidade de Coimbra, lê-se significativamente: «Não movido de prémio vil». E quando e onde é que Bernardino Machado fez a confissão, delirantemente invocada pelo Sr. Saraiva? Que disparate!

«Tinha casa na Cruz Quebrada — não quisera porém perder a oportunidade de viver no palácio e depois de eleito muda-se para Belém com a família». Não tinha, não senhor, casa na Cruz Quebrada (morava, na altura da sua primeira eleição, na Avenida 5 de Outubro) e quando veio a tê-la de facto, o que aconteceu só a partir de 1922, não a trocou por Belém depois de ser eleito pela segunda vez presidente, em 1925, tal era a sua sofreguidão palaciana...

«Pensando ser altura de deixar as preocupações e gozar a vida». Que invenção mais irreal e grosseira e contrária a toda a linha de conduta de Bernardino Machado! «Gozar a vida»! Ele, preocupado incessantemente com a gravíssima situação internacional, com as complicações da política interna, que só a tenacidade e a diplomacia de um Bernardino Machado, essa figura «quase só protocolar» (Saraiva **dixit**), conseguiu levar ao acordo da União Sagrada, num papel de medianeiro e orientador em que nunca excedeu as suas funções constitucionais, cujos limites sempre timbrava em respeitar!

«Entrega a condução do Estado ao chefe do seu partido, Afonso Costa». Que quer isto dizer? Não saberá o Sr. Saraiva, armado em historiador, que Bernardino Machado nunca, sob a República, esteve filiado em qualquer partido e que o governo de Afonso Costa decorria da maioria parlamentar de que dispunha, cuja vontade o Presidente não tinha senão que acatar? E de novo a mesma tecla desafinada: «Colocando todo o poder nas mãos do Partido Republicano». Assim, na lógica do Sr. Saraiva, o homem que amava o poder pelo poder, além de o trocar vaidosamente pelas frivolidades festivas («gasta tudo o que recebe em festas»), cede-o, não o tendo, ao chefe do «seu» partido, que não é seu!

Não sei onde é que o Sr. Saraiva foi buscar a versão que apresenta da entrevista de Bernardino Machado, com os emissários de Sidónio Pais, em Dezembro de 1917, no Palácio de Belém, marcada por laivos desprimorosos e inverosímeis (veja-se só: o altivo Bernardino Machado a dar este recado aos mensageiros: «digam ao Sidónio que dele me lembrarei», como se quisesse peitá-lo!). Nessa versão não está em todo o caso expresso — **et pour cause** — o mais importante de tudo: a recusa firme de Bernardino Machado em renunciar voluntariamente ao seu mandato. Nem uma palavra do relato fidedigno de Lopes de Oliveira (**in** Oliveira Marques, «Bernardino Machado», 1978), em que se fala da atitude «heróica» e da «intangível grandeza» do Presidente da República naquele lance decisivo. Fica assim omisso, na história que o Sr. Saraiva faz do Palácio de Belém, o mais belo momento moral ali jamais passado.

Deixo de lado várias outras incorrecções — e aberrações — do escrito do Sr. Saraiva, pois não quero tirar mais espaço ao «Expresso». As emendas que atrás ficam bastam, creio, e de sobra, para exemplificar a falta de rigor do Sr. Saraiva, o facciosismo das fontes de informação que escolhe, a sua mania obsessiva de deprimir os grandes vultos da República, usando factos deturpados e interpretações maldosas e privando-se assim de compreender salutarmente e divulgar utilmente a lição das suas vidas exemplares. Dir-se-ia que tem o empenho doentio de manchar o que é impoluto, de amesquinhar o que é respeitável e que está mesmo apostado em continuar a campanha difamatória movida pelo regime salazarista aos seus adversários mais valorosos, dos quais Bernardino Machado foi o máximo expoente. Sobre Teófilo Braga, essa figura venerável, repete (ou acrescenta) incríveis injúrias. De Bernardino Machado escreveu ainda (só há pouco eu soube), ao passar em revista no periódico «Espaço-Magazine», em fins de 1980, a galeria dos presidentes que viveram em Belém, que era «um homem baixo e vaidoso». Não se terá apercebido o Sr. Saraiva, no à toa do seu escrever, de quanto é feia a dubiedade deste adjectivo «baixo»? Bernardino Machado não era baixo em nada. No físico, tinha a estatura média dos portugueses. Mas intelectual e moralmente, era, porém, alto demais para ser apreciado em toda a sua grandeza por vistas míopes ou toldadas de preconceitos.

Agradecendo desde já a publicação deste desagravo, devido à memória de meu avô, peço aceite, Sr. Director, os protestos da minha consideração por si e pelo seu jornal, cujos esforços de informação isenta, desde os tempos ominosos da Censura, não esqueço.

**António de Barros Machado**

*Mensagem de Kim Il Sung*

# "O perigo de guerra é cada vez maior"

«No ano que agora findou, a nossa heróicu classe operária e os restantes trabalhadores, infinitamente fiéis ao Partido e à Revolução, imprimiram grande ascenso em todas as frentes à edificação económica socialista, pondo em marcha, com toda a energia, o mobimento para a criação do «ritmo da década de 80» novo ritmo de avanço da construção socialista» –palavras do dirigente da República Popular Democrática da Coreia, Kim Il Sung, na sua tradicional mensagem de Ano Novo.

Como de costume, a mensagem dividiu-se fundamentalmente em dois grandes capítulos: um primeiro, de resumo e análise do que foram os esforços da edificação socialista durante o ano que findou, um outro, de apresentação das linhas-mestras onde se inspirará o labor colectivo no ano que começa.

A esse respeito, disse Kim Il-Sung: «Em 1984 será o último ano do segundo plano septienal, e põe-se para nós a tarefa de produzir adentro de uma mudança da construção económica socialista. (Neste ano) «teremos que alcançar as metas do segundo plano septienal e de produzir um avanço transcendente no cumprimento dos dez objectivos na perspectiva da construção económica socialista para a década de 80 (...) Temos de imprimir forte impulso às construções fundamentais nas cinco frentes regionais».

Por fim, Kim Il Sung aborda a questão prioritária de reunificação da pátria coreana, reunificação que o presidente considera agora «plena de obstáculos» devido às «obstinadas maquinações do imperialismo ianque, e da camarilha títere sul-coreana.

Estas «maquinações» vem ainda expressas na caracterização da situação internacional feita por Kim I, Sung: «a tensão internacional chegouao extremo e o perigo de uma guerra mundial é cada vez maior». Mais adiante:

«Hoje a nossa revolução enfrenta um grave desafio levantado pelo inimigo».

# "Zaza" de Nápoles desapareceu na noite de São Silvestre

Michele Zaza, o «Rei de Nápoles», um dos chefes da Mafia napolitana, aproveitou o fim-de-semana de São Silvestre para escapar, uma vez mais, à justiça, indicou ontem a Polícia.

Preso em Junho último por Associação de Malfeitores, evadiu-se da clínica «Mater Dei», luxuoso estabelecimento de assistência em Roma, onde tinha sido admitido em Outubro último devido a problemas cardíacos. Zaza, que usa um estimulador cardíaco, tinha tido êxito anteriormente com três outras evasões, todas seguindo o mesmo plano.

Aos 41 anos, Zaza é um dos principais chefes da «nova família», agrupamento de clãs da Camorra, que trava uma guerra aberta contra as tropas de um outro delinquente napolitano de grande envergadura, Don Raffaele Cutolo. Várias centenas de delinquentes dos dois lados foram vítimas desses combates nos quatro últimos anos.

Conhecido também como o «Pazzo» (doido), devido ao seu carácter impulsivo, Zaza comanda em Nápoles a flotilha dos «Luciani», contrabandistas de cigarros cujos «fora de borda» azuis zombam das vedetas rápidas dos alfandegários no porto de Santa Lucia. Ele é também o traço de união entre a Camorra, mafia napolitana, e as mais importantes famílias da Mafia, nomeadamente Alberto Gerlcandi e os irmãos Greco.

Zaza afirmou-se desde muito jovem como chefe de bando em Portici, bairro popular de Nápoles, onde nasceu.

Do contrabando de cogarros, passa depressa à chantagem e ao tráfego de heroína, duas outras actividades da Camorra.

Dizem-no astuto e impiedoso. Procurado por múltiplos tráficos e inúmeros homicídios, nunca esteve muito tempo na prisão, das quatro vezes que foi preso em dois anos e meio. De cada vez, conseguiu fazer-se hospitalizar num estabelecimento privado, prelúdio a nova evasão.

Na clínica «Mater Dei», beneficiava de um tratamento favorável: o seu quarto, o 320, no terceiro andar, era o melhor do instituto, e dois guardas-privados asseguravam permanentemente a sua protecção. Pagava por isso a bagatela de 372.000 liras (cerca de 30 mil escudos) por dia. Nenhum polícia estava, no entanto, presente, quando ele fugiu.

«A docilidade com que os juízes tratam este homem é absolutamente desconcertante», declaravam segunda-feira na direcção da Polícia.

Alguns interrogavam-se contudo se Zaza, o homem do pacto de ferro entre os bandos da Camorra opostos a Cutolo, não terá sido esta vez raptado pelo bando adverso.

**OTELINDA FRAGOSO**

**A família enlutada agradece a todas as pessoas que se designaram a acompanhar o seu ente querido à última morada.**

**Participa-se que será rezada missa pelo eterno descanso no dia 4 pelas 18.30 h na igreja da Baixa da Banheira.**


CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | (Por unidade) COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 99$15 | 105$15 |
| ALEMANHA FED (marco) | 47$65 | 48$75 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 6$65 | 6$85 |
| BÉLGICA (franco) | 2$167 | 2$367 |
| BRASIL (cruzeiro) | $060 | $110 |
| CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2) | 104$65 | 106$55 |
| (notas de 5 a 1000) | 105$05 | 107$05 |
| DINAMARCA (coroa) | 13$15 | 13$55 |
| ESPANHA (peseta) | $791 | $911 |
| EUA (dólar –notas de 1 as 2) | 130$30 | 132$30 |
| (notas de 5 a 1000) | 130$80 | 132$80 |
| FINLÂNDIA (marka) | 22$30 | 22$90 |
| FRANÇA (franco) | 15$55 | 16$25 |
| HOLANDA (florim) | 42$35 | 43$35 |
| INGLATERRA (libra) | 189$00 | 193$00 |
| IRLANDA (libra) | 148$45 | 152$45 |
| ITÁLIA (lira) | $071 | $081 |
| JAPÃO (iene) | $536 | $571 |
| NORUEGA (coroa) | 16$90 | 17$40 |
| SUÉCIA (coroa) | 16$20 | 16$80 |
| SUÍÇA (franco) | 59$65 | 60$75 |
| VENEZUELA (bolivar) | 8$00 | 9$00 |

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil


## rádio

**«ANTENA UM»**

16.00 — «Batida de limão»; 17.00 — «ZGHIBZ» (RDP/Norte) — Tranquilamente ao entardecer na Antena Um; 18.30 — Informativo de Trânsito; 19.00 — Informação e Música; 20.00 — Folhetim: **Cerromaior** — Adaptação de Filipe La Féria, da obra de Manuel da Fonseca — «O espaço é seu»; 21.00 — «A Voz da Solidariedade» — (Programa da Embaixada de Cabo Verde); 21.30 — «Viva a Noite» — As 3.ªs feiras da Antena Um; 23.00 — Títulos do Último Jornal — Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

**PROGRAMA 2**

16.00 — Intérpretes portugueses-Chaconne, de Vitalli; Estudo op. 25, de Chopin; 16.30 — Um solista e uma orquestra; 17.00 — Música portuguesa — Tocata em sol menor, de João de Sousa Carvalho — Sinfonia n.º 5 «Virtus Lusitaniae», de Joly Braga Santos; 18.05 — Culturando, diário de actualidade cultural; 19.30 — Música em diálogo c/a Orquestra Sinfónica do Porto; 20.10 — Alfa e Omega; 21.00 — Escrever hoje: Análise crítica de «Sancirilo»; 21.40 — Solos de piano — Sonata em dó menor KV 457, de Mozart — Carnaval op. 9, de Schumann; 22.30 — O gosto pela música; 23.00 — Retrospectiva/83 — Literatura; 00.00 — Intercâmbio musical: dias de música nova em Hannover 1983 em gravações cedidas pela Rádio Bremen; 00.25 — Música; 01.00 — Fecho — Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**
**Onda Média (283, 290 e 397 m)**

14.00 — Matinée; 17.00 — Rápido das cinco; 19.00 — Conta corrente; 20.30 — Quando o telefone toca (3 edições); 22.00 — Portugal e a CEE; 22.15 — Programas religiosos; 22.30 — 24.ª hora; 01.00 — O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

15.00 — O vapor; 16.00 — O som da frente; 18.00 — Círculo em FM; 19.00 — Em órbitra; 20.00 — Cinco estrelas; 21.00 — Jazzofone; 22.00 —Café concerto; 00.00 — Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

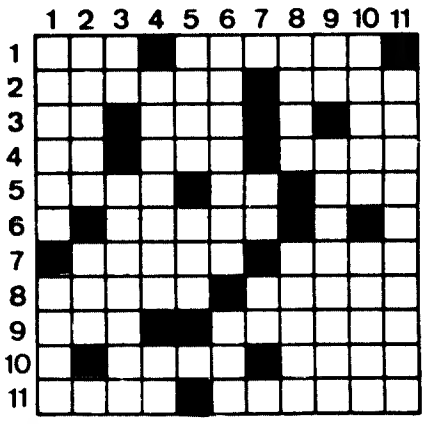
**RÁDIO RENASCENÇA**

15.00 — Clube da Casa; 18.00 — Jornal das Regiões; 18.30 — Transmissão do Terço; 19.30 — Horizonte; 20.30 — Programa da L.A.R.; 21.00 — Ouvir e pensar (inclui «Actualidade Económica»). 22.00 — Máquinas ao vivo; 23.40 — Bola Branca (3.ª edição); 23.55 — Meditando — Noticiários a todas as horas.

**Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.**

## palavras cruzadas

### COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 924



**HORIZONTAIS:**

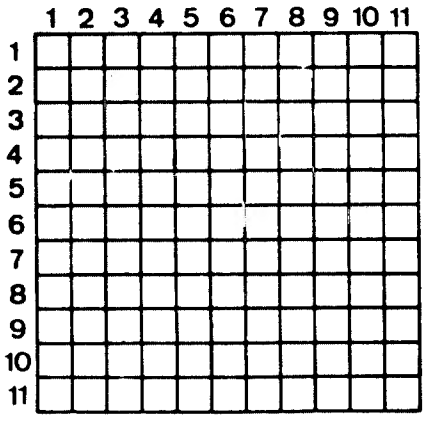
1 Artigo indefinido. Esposa.
2 Bálsamo (pl). Causa amuo a.
3 Item. Romancista português autor de «Os Maias». Átomo.
4 Batráquio. Bigorna de aço sem hastes. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar.
5 Toste. Pronome reflexo. Chiste.
6 Metas em aspas.
7 Aumentos de preço ou valor. Tragédia de Shakespeare.
8 Amuletos. Película cinematográfica.
9 Estava. Humedecem.
10 Cidade de Itália. Gorgulho tropical.
11 Nome científico do pato. Peneiras.

**VERTICAIS:**

1 Unificaras. Mal parecida.
2 Assassinas. Esteiro (inv).
3 Atmosfera. Temperara com sal.
4 Abomina. Artigo definido.
5 Cidade da Arábia. Utensílios domésticos.
6 Empregasses. Conjunção.
7 Pertences. Nome de Buda, na China.
8 Cidade da Holanda. Nome de flor.
9 Preposição. Modelos (fig).
10 Saíra frequentemente à rua. Desejara.
11 Meteremos em atoleiro.

**Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

### NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9776



**HORIZONTAIS:**

1 Estmar. Desfalque (fig).
2 Habita. Metal precioso de cor amarela.
3 Artigo definido (ant). Cinquenta e um em romano. Oferecer.
4 Zomba. Nome de mulher. Enrubesce.
5 Contaríamos.
6 Moeda de Dio. Deita ao chão.
7 Preposição. Autores.
8 Rezado. Claridade.
9 Artigo indefinido. Larva das feridas dos animais. Punhado.
10 Encoleriza. Nome de letra. Vê.
11 Falaras baixo e com mau humor.

**VERTICAIS:**

1 Torna morno. Transpirar.
2 Pedra de moinho. Pequeno Barco de recreio. Dê mios.
3 Medida de superfície. Versejo. Reis.
4 Amofinara. Saem à rua.
5 Sódio (s.q). Igual.
6 Pegara. Oferece.
7 Nome de homem. A Pérsia. Pago.
8 Espera resposta. Rosto. Mediana.
9 Cidade da Palestina perto do mar Morto. Oferece.
10 Anéis.
11 Aplanara. Pertences.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 923

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 AMOR. Cm. COM. | 1 AMOR. SE. |
| 2 Marema. Cria. | 2 Maria. Campo. |
| 3 Orara. Iró. | 3 Orário. Gara. |
| 4 Rir. Rebeca. | 4 Rer. Dirceu. |
| 5 Ai. Ciosos. | 5 Marceau. |
| 6 Odes. | 6 Ca. Eis. PAGA. |
| 7 EC. Ia. Camba. | 7 Ibo. Caras. |
| 8 Agruparias. | 8 Crestar. Ma. |
| 9 Mac. Ar. Ras. | 9 Croco. Mirem. |
| 10 Apre! Gamela. | 10 Oi! As. Baal. |
| 11 Oau. Asam. | 11 Mar. Passas. |

Provérbio: **Amor com amor se paga**

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9775

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 Maçã. Adur. | 1 Miga. Ama. Im. |
| 2 Ito. Anima. | 2 Atura. Arado. |
| 3 Guardunha. | 3 Coaras. Ador. |
| 4 Arre! Acamas. | 4 Re. Erros. |
| 5 Aa. Ás. DI. | 5 Id. Elo. |
| 6 Selar. Fia. | 6 Ua. Almada. |
| 7 Má. Rol. Ar. | 7 Dançar. Aros. |
| 8 Arar. Matara. | 8 Unhas. Ataca. |
| 9 Adoraram. | 9 Riam. Amer. |
| 10 Idos. Doces. | 10 Adiar. Sa. |
| 11 Mor. Casaras. | 11 Ba. Siaras. |

# cartaz de cinemas e teatros

**ALVALADE** 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
**OS 101 DALMATAS**
3.ª Semana

**AVIS** 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
**O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA**

**BERNA** 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 6 a.
**FLASHDANCE**
8.ª Semana

**CALEIDOSCÓPIO** 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
**FLASH GORDON**

**CASTIL** 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
men. 16 anos
**MALANDRICES CASEIRAS**

**CINE 222** 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 – Para Todos
**O KRULL**
Às 24
**GUERRA AO CRIME**

**CINE BLOCO** 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
**OFICIAL E CAVALHEIRO**
Às 24
**HERÓIS DO CÉU**

**CINE CAMÕES** 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
**MANDINGO**

**CONDES** 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
**O HOMEM DE RIO NEVADO**

**2000** 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
**MEGAFORCE**

**EDEN** 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
**OFICIAL E CAVALHEIRO**
27.ª Semana

**ESTÚDIO** 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS**
75.ª Semana

**ESTÚDIO 444** 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
**O BOM CASAMENTO**

**HOLLYWOOD** Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
**O REGRESSO DE JEDI**

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
**O HOMEM DO RIO NEVADO**

**IMPÉRIO** 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
**KRULL**
2.ª Semana

**LONDRES** 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
**CLASSE**

**MONTECARLO** 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30
N. ac. men. 16 anos
**MULHER DEPUTADA MARIDO FALHADO**
Às 24
**ROCK É ROCK MESMO**

**QUINTETO** 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
**OPERAÇÃO THOR**
Às 24
**MEU DEUS AO QUE EU CHEGUEI!**

**ÁVILA** 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
**007, MISSÃO ULTRA-SECRETA**
c/ Roger Moore

**NIMAS** 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
**CLASS**

**ODEON** 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
**O HOMEM LEÃO**

**POLITEAMA** 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
**ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA**
3.ª Semana

**PATHE** 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 16 a.
**ESMERALDAS SANGRENTAS**

**«CRIMES A SANGUE FRIO» (FILME DE QUALIDADE)**
**com GERARD DEPARDIEU, BERNARD BLIER e JEAN CARMET**
**em exibição no QUARTETO**

**QUARTETO** 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 18 a.
**OS VIAJANTES DA NOITE**
Às 23.30 – M. 18 a.
**BASQUALINO DAS 7 BELDADES**

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
**QUERELLE**
Às 23.30 – M. 18 a.
**WOODSTOCK**

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
**CLIENTE MORTO NÃO PAGA CONTA**
Às 23.30 – M. 18 a.
**A QUADRILHA SELVAGEM**

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
**CRIMES A SANGUE FRIO**
Às 23.30 – M. 18 a.
**O ÚLTIMO TANGO EM PARIS**

**ROMA** 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
**ESPIÕES POR CONTRA PRÓPRIA**

**ROXY** 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
**CHAMAVAM-LHE GÉNIO**

**SÃO JORGE** 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
**NUNCA MAIS DIGAS NUNCA**
3.ª Semana

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 12 a.
**OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO**
10.ª Semana

SALA 3

Às 14.45, 18.15 e 21.15
– M. 6 a.
**OS SAPATOS VERMELHOS**
2.ª Semana

**TURIM** 706666

**E. de Benfica, 723-A**

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– Para Todos
**OS 101 DALMATAS**

**7.ª ARTE** 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M. 12 a.
**NUNCA MAIS DIGAS NUNCA**

**STAR** 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
**A VIDA É UM ROMANCE**

**TERMINAL** 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 6 a.
**KRULL**

**TIVOLI** 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
**OS 101 DALMATAS**
3.ª Semana

**VOX** 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
Música! Alegria! Amor!
**A FEBRE LOUCA DOS ANOS 60**

**XENON** 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
**GUERRA CONJUGAL**

# outros cinemas

## Lisboa

**ALFA-1** – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
**ALFA-2** – «Os Supergénios», às 21.15 (12 anos)
**ALFA-3** – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
**APOLO 70** – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
**CITY-CINE** – «Por Favor Não Matem o Dentista», às 21.30 (13 anos)
**MUNDIAL** – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
**OLÍMPIA** – «Violações Sexuais», sessões permanentes (18 anos)
**CAPITÓLIO** – «As Mil e Uma Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
**CINEMATECA PORTUGUESA** – «Sylvia Scarlett», às 21.30 (18 anos)
**CINEESTÚDIO ACS** – «O Mistério de Overwal», às 21.30 (13 anos)
**PROMOTORA** – «Malícia», às 21.30 (18 anos)
**RESTELO** – «Jaguar», às 21.30 (13 anos)

## Linha de Sintra

**AMADORA – Cine Plaza** – «Oficial e cavalheiro», às 21.30 (18 anos). **Lido** – «O Vale perdido», às 21.30 (6 anos). **Cinestúdio** – «Flashdance», às 21.30 (6 anos). **CACÉM – Cine Estúdio Flores** – «O Varredor», às 21.30 (6 anos). **SINTRA – Carlos Manuel** – «Shaoulin desafia Ninja», às 21.30 (13 anos). **ERICEIRA – Cinestúdio** – «Vingança de uma mulher», às 21.15 (18 anos).

## Outra Banda

**ALMADA – Cine-Estúdio** – «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)

**COSTA DE CAPARICA – Slicine** – «Onde Se Meteu a 7.ª Companhia?», às 21.30 (6 anos)

**ALMADA – Academia** – «Corrida de ...ucos», às 21.15 (13 anos).

## Linha de Cascais

**CASCAIS – Oxford** – «O Xerife Indomável», às 21.30 (13 anos)

**ALGÉS – Stadium** – «As irmãs», às 21.15 (13 anos). **ESTORIL – Casino** – «Flashdance», às 21.15 (6 anos).

## Porto

**JÚLIO DINIS** – «Os Repetentes em Férias» às 21.30 (18 anos)

**PASSOS MANUEL** – «Os 101 Dalmatas» às 21.45 (6 anos)

**CHARLOT** – «O regresso de Jedi» às 21.30 (6 anos

**FOCO** – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

**OLÍMPIA** – «A Filha da Selva», às 21.30 (13 anos)

**BATALHA** – «Espiões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)

**PEDRO CEM** – «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)

**SÃO JOÃO** – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)

**LUMIÈRE-a** – «O Fabricante de Idolos», às 21.30 (13 anos)

**LUMIÈRE-L** – «O Golpe dos Enrascados», às 21.45 (12 anos)

**ÁGUIA** – «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)

**TRINDADE** – «Um Difícil Adeus», às 21.30 (12 anos)

**BEBÉ** – «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)

**TERÇO** – «O Bandido de Olhos Azuis», às 21.30 (13 anos)

**RAIONE** – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)

**ESTÚDIO** – «Não há Nada Que Não Aconteça» às 21.30 (6 anos)

**RIVOLI** – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

**VALE FORMOSO** – «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.45 (12 anos)

# farmácias

## Lisboa

**PERMANENTE**

**ALVALADE: Líbia** — Av. Igreja, 4 BC (T. 891681); **ARCO CEGO-ESTEFÂNIA: Delio** — Rua Açores, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS-DUQUE D'ÁVILA: Cosmos** — Av. João Crisóstomo, 44 C (T. 40592); **BENFICA-STA. CRUZ: Lavinha** — Rua Eng. Paulo Barros, 28 A (T.369120); CAIS DO SODRÉ: Africana — Rua Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **CHELAS: Sacramento** — Rua Actriz Palmira Bastos, Lt. 42 (T. 384904); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança** — Av. Almirante Reis, 46 B (T. 821653); **LAPA: Paiva da Costa** — Rua da Lapa, 105-107 (T. 664414); **RATO: Cunha** — Rua Escola Politécnica, 18 (T. 325 455); **SANTO AMARO: Botânica** — Rua da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **XABREGAS: Salter** — Rua Xabregas, 63-65 (T. 381185); **ALGÉS: Combatentes** — Av. Combatentes Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **BRANDOA-AMADORA: Brito** — Rua do Colégio, Lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Monserrate** — Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31 A (T. 911139).

**REFORÇO**

**AJUDA: Moura** — Tv. Memória, 55 (T. 630944); **AREEIRO: Garantia** — Av. Padre Manuel Nobrega, 5 AB (T. 887300); **CAMPO D. OURIQUE: Linaida** — Rua Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE-B. LIBERDADE: Salutar** — Rua B 75 AB-B. Liberdade (T. 683694); **GRAÇA: Morão** — Lg. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM ZOOLÓGICO: Alegria** — Est. Benfica, 180 AB (T. 780511); **LUMIAR: Douro** — Alm. Linhas Torres, 93 AB (T. 791131); **PAMPULHA-JANELAS VERDES: Lealdade** — Rua Olival, 226-228 (T. 663441); **Pç. ALEGRIA: Brites Mota** — Pç. Alegria, 33-34; **PICHELEIRA: Mariuz** — Cç. Picheleira 140 BC / Rua Prof. Mira Fernandes MAF (T. 880703); **SALDANHA: Delva** — Av. Duque D'Ávila, 125 (T. 545225); **BURACA: Vaz Martins** — Rua António Ferro, 6A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova** — Rua Açores, 11 A (T. 910305); **PONTINHA: Pimentel** — Az. dos Bezouros, Lt. R 8 (T. 991328); **PRIOR VELHO: Matos** — Tv. Prioras (T. 2519939).

## Outra banda

**ALMADA: Castro Rodrigues** — R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA PIEDADE: Cerqueira** — L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques** — Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Carlos** — Av. do Mar, 34-A — Quinta de St.º António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão** — Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Santa Marta** — R. Dr. Manuel P. Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **AMORA: Fonseca** — R. Ribatejo, 2-A — Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Alves Velho** — L. Camões, 27 — Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes** — R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA: União Moitense** — Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão** — R.Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETUBAL: Nova** — R. General Gomes Freire. Permanente; **Rosado Pinto** — P. do Bocage, 98. Até às 22 horas.

## Linha de Sintra

**AMADORA: Helénica** — Rua Garcia, 372 (T. 933613). Permanente; **Girassol** — R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos** — R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia** — L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça** — Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte** — R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina** — Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo** — Até às 22 horas; **SINTRA: Gomes da Silva** — L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** — (T. 9290088).

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE: Pedro Gomes — B.º 25 de Abril, Lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria** — R. Salvador Allende, Lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Sálvia** — Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

## Linha de Cascais

**TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCAMDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085), Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas.

## Porto

**DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS**

**CLÉRIGOS**, R. dos Clérigos, 36; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **MARTINO, SUC.**, P. Marquês de Pombal, 122; 2MOURA, R. do Bonfim, 582-A-B; **RAMOS**, P. do Exército Libertador, 91.

**DE DIA E TODA A NOITE**

**CAMPOS**, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646, Areosa; **MAFALDA**, R. Monte Catino, 444.

## Coimbra

**VILAÇA**, R. Ferreira Borges, 132 (T. 22043); **OLIVAIS**, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 72901).

# teatros

## Lisboa

**VILLARET** – «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
**MARIA VITÓRIA** – «Quem Me Acaba o Resto?!», às 21.30 e 22.45 (16 anos)
**TEATRO DA GRAÇA** – «O Rufia na Escada», às 21.45 (13 anos)
**PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO** – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
**ABC** – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
**VARIEDADES** – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)

## Porto

**TEP** – «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)
**SÁ DA BANDEIRA** – «Ao que Nós Chegámos», às 21.30 (13 anos)
**COLISEU** – Festival de Circo, às 21.30 (6 anos)
**PALÁCIO DE CRISTAL** – Circo Hamar, às 21.30 (6 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

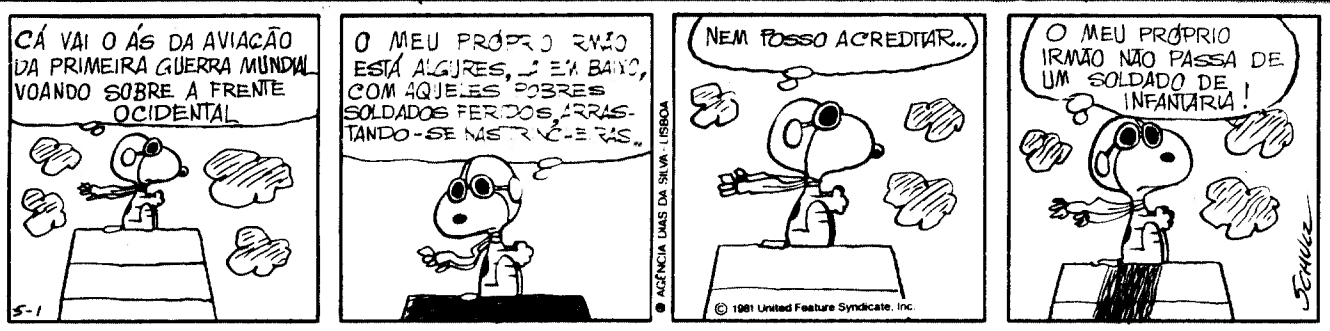
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321194/5 - 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1 688/82

Endereço Telegráfico DIÁRIA
Telex 12353 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20094/5

DISTRIBUIÇÃO: INTERPRESS
Rua de Maria, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322304-320764




**MARÉS DE HOJE**
PREIA-MAR BAIXA-MAR
03.05 **04.00 m** 08.45 **01.20 m**
15.28 **03.80 m** 20.53 **0102 m**

**Dia 4**

03.45 **04.00 m** 09.22 **01.20 m**
16.06 **03.70 m** 21.28 **01.20 m**

**TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS**

| | |
|---|---|
| V. CASTELO | 9º |
| BRAGANÇA | 5º |
| V. REAL | 6º |
| PORTO | 10º |
| COIMBRA | 9º |
| C. CARVOEIRO | 14º |
| PORTALEGRE | 6º |
| LISBOA | 9º |
| ÉVORA | 7º |
| BEJA | 7º |
| FARO | 7º |
| SAGRES | |
| P. DELGADA | 11º |
| FUNCHAL | 15º |

## últimas

**VINTE MORTOS E 191 FERIDOS,** 75 dos quais em estado grave, é o balanço provisório da «Operação Ano Novo», levada a cabo nas estradas portuguesas pela Brigada de Trânsito da GNR entre o meio-dia de sexta-feira e as doze horas de hoje. Dos vinte mortos nove eram motociclistas. Entretanto, a situação no Aeroporto da Portela está praticamente normalizada, após uma paralisação quase total de várias horas devido ao nevoeiro. O primeiro avião a aterrar naquele aeródromo em 1984 foi um «Boeing» da TAP, que chegou às 14 e 30 de ontem, proveniente de Paris, e depois de uma escala em Pedras Rubras.

**ENGOLIU O HAXIXE** para se subtrair à prisão, o metalúrgico Amadeu Gomes Agrelos da Silva, de 28 anos, morador na Rua de Santa Catarina, no Porto, quando procedia à venda daquela droga. No entanto um agente policial que estava de atalaia, interveio a tempo de ainda lhe encontrar uma certa quantidade na manga do casaco. Aliás o detido já tem largo cadastro como traficante de droga.

**SOB AMEAÇA DE FACA** mais um indivíduo foi vítima de assalto e roubo junto à Estação da CP da Trindade, no Porto, local onde tais actos estão a ser frequentes. Desta vez coube o azar a José Luís Tavares Ramos, residente na Rua de Liège que se viu rodeado de dois indivíduos e em poucos segundos ficou sem um fio de prata e o pouco dinheiro que tinha consigo: 150 escudos. A queixa apresentada na 7.ª esquadra da PSP permitiu a rápida captura dos assaltantes.

## Taxista assassinado

Quando regressava a casa, cerca da uma e meia da madrugada de hoje, o taxista Guilherme Moreira da Silva, de 51 anos, que vivia no lugar do Monte, Mosteiró, Vila do Conde, pagou com a vida uma dívida de 50 contos que teria para com Domingos da Silva Cardoso, de 53 anos, também taxista, do lugar de Vila Boa, em Guilhabreu, que o esperava. De acordo com informações recolhidas junto da GNR de Vila do Conde, a vítima foi atingida com dois tiros no peito, disparados à queima-roupa por Domingos Cardoso que, entretanto, fugiu, refugiando-se em casa, onde seria detido pouco tempo depois.

Na altura da captura, o agressor tinha em seu poder a arma do crime, uma pistola indocumentada, com uma bala ainda no carregador. Instado pelas autoridades, Domingos Cardoso referiu, então que há cerca de seis meses que aguardava o pagamento dos 50 contos.

A vítima foi levada pelo próprio filho para o Hospital de S. João, no Porto, mas quando chegou já era cadáver. O agressor será apresentado ao princípio da tarde de hoje nos Juízos de Instrução Criminal de Matosinhos.

*Novo regime de crédito já aprovado*

# Casais jovens passam a ter acesso mais fácil a habitação própria

O Governo criou, por decreto-lei um subsídio familiar para acesso à habitação própria permanente, no âmbito da nova legislação sobre crédito à habitação.

O novo diploma do Ministério do Equipamento Social determina a concessão de um subsídio, no valor de oito, cinco e três por cento sobre a prestação mensal a pagar pelos mutuários, a aplicar respectivamente ao agregado familiar que tenha por rendimento anual bruto até 550 contos, de 550 a 700 contos e de 700 a 900 contos.

O valor do subsídio será deduzido na prestação mensal a pagar pelo mutuário, devendo aquele ser reajustado em função das variações do rendimento anual bruto do agregado.

Esta é uma das inovações introduzidas na legislação sobre crédito à habitação aprovada pelo Governo no dia 30 de Dezembro e enviada já para publicação no «Diário da República».

Trata-se, segundo comentário feito à ANOP por uma fonte próxima do ministro Rosado Correia, autor do projecto da **principal legislação da política integrada de habitação do Governo.**

Entre outros pontos importantes e alguns deles inovadores, esta legislação aumenta as bonificações dos juros de empréstimo, mantém o carácter progressivo das amortizações e, principalmente, abre o sistema de crédito ao acesso dos casais mais jovens e aos agregados familiares de menor dimensão.

O decreto-lei cria quatro classes de fogos de acordo com o valor máximo da habitação, avaliado pela instituição de crédito.

Assim, os fogos são classificados na classe A (até 2800 contos), B (de 2800 a 4000), C (de 4001 a 5000) e D (superior a 5001).

A bonificação de juros, um dos incentivos financeiros do diploma, em termos percentuais será para a classe A de 5,25 (3,75 a cargo do Banco de Portugal e 1,5 da instituição de crédito), para a classe B de 3,75, para a classe C de 1,5 por cento.

Os prazos dos empréstimos variam consoante as classes dos fogos: 25 anos para a classe A, 20 para a B e 15 para as duas últimas.

### Empréstimos até 95% do custo total

A portaria que regulamenta o referido decreto determina, ainda, o valor percentual do empréstimo em função da garantia, sendo de 95 para os fogos da classe A, 85 para a B, 75 para a C e 60 para a D.

As prestações mensais de reembolso e o pagamento dos correspondentes juros serão calculados de harmonia com o regime de progressividade crescente, e com os seguintes coeficientes de progressão anual: 12 por cento no caso da classe A e 15 por cento para as restantes classes, no primeiro período de vida do empréstimo, que poderá atingir os cinco anos, através de acordo entre a instituição de crédito mutuário.

As prestações são constantes durante cada período de 12 meses e crescem em cada novo ano do prazo do empréstimo em função do saldo devedor do empréstimo, do juros e do prazo do empréstimo.

A nova legislação, no âmbito da política integrada da habitação, da responsabilidade do ministro Rosado Correia, é aplicável a todos os pedidos de empréstimo para aquisição, construção, recuperação, beneficiação ou ampliação de habitação própria permanente que, à data da sua entrada em vigor, não se encontrem ainda aprovados pelas instituições de crédito intervenientes.

O referido diploma autoriza a Direcção-Geral do Tesouro a fazer inscrever no Orçamento do Estado dos anos futuros as verbas necessárias à concessão do subsídio familiar.

Este regime de crédito deixa de vigorar após 31 de Dezembro de 1985, sem prejuízo da sua aplicabilidade a todos os contratos de empréstimo celebrados pelas instituições especiais de crédito até aquela data.

No preâmbulo do decreto-lei afirma-se que este tipo de crédito tem por base «o estabelecimento de esquemas de acesso que possibilitem uma distribuição mais equitativa dos encargos com a habitação e uma repartição mais uniforme do esforço das famílias com o alojamento».

Refere, também, que «outro aspecto que se pretendeu contemplar foi a abertura do sistema para acesso de agregados familiares de menor dimensão, como é o caso dos casais jovens, substituindo-se como critério de atribuição de subsídios o rendimento «per capita» pelo rendimento anual bruto.

### O regime de auto-acabamento

O regime de habitação de auto-acabamento, aplicável aos fogos construídos ao abrigo dos programas de habitação social também é contemplado pela nova legislação.

No preâmbulo do diploma afirma-se que com este novo regime se pretende «tornar o prazo mais rentável do investimento do Estado no sector da habitação social, diminuir os prazos de construção e melhorar as condições de acesso à habitação por parte dos agregados familiares de menores rendimentos».

A portaria que regulamenta o referido decreto-lei determina que os edifícios construídos ao abrigo dos programas de habitação social deverão ser projectados, contendo todas as peças que permitam definir as habitações a construir nos termos do regulamento geral das edificações urbanas em vigor, de modo a possibilitar a sua aprovação camarária.

O decreto-lei delega aos municípios e aos organismos tutelares de «habitação social em regime de auto-acabamento» a emissão de uma «licença de utilização de habitação de auto-acabamento» cujo titular será responsável pela sua conclusão de acordo com o respectivo projecto.

O titular da referida licença deverá requerer ao município local, após a conclusão do fogo, a passagem de uma licença de utilização definitiva, que não poderá ser transmitida antes de decorridos três anos.

A fiscalização da conclusão das habitações de auto-acabamento e a emissão da respectiva licença será da competência dos municípios.

O documento afirma que com as habitações construídas em regime de auto-acabamento «pretende-se alcançar um tipo de construção de custos controlados, acessíveis às camadas mais desfavorecidas».

# "Pravda" critica acordo das Lajes

Continuação da pág. 1

estão previstas para breve incluindo nelas acesso a «bases militares e aeroportos civis» bem como a obtenção de autorização para a aterragem de bombardeiros estratégicos nas Lajes.

O artigo refere, finalmente, que «a parte de leão» do montante pago a título de compensação pelo arrendamento das Lajes será gasto na aquisição por Portugal de armamento americano. Este destina-se a reequipar as Forças Armadas portuguesas, que, no quadro da NATO, são consideradas como reforço do dispositivo militar que actuaria na Europa central em caso de confronto com a União Soviética.

Da parte do Governo português – Ministérios da Defesa e dos Negócios Estrangeiros – tem sido negado que a passagem de armas nucleares por território nacional esteja incluída nos acordos com Washington e afirmado que a utilização das Lajes em caso de crise será examinada de acordo com a situação existente.

### Padres açorianos também criticam

Em documento, ontem divulgado, a propósito do Dia Mundial da Paz, um grupo de padres dos Açores considera que a Igreja Católica «não tem sido tão enérgica na condenação da guerra e da corrida aos armamentos», como, por exemplo, na defesa da vida pré-natal.

Os sacerdotes, que se assumem como «grupo de reflexão e acção pastoral», referem que é um «sintoma preocupante» o facto de a Igreja ter «como hábito acomodar-se em tarefas menores de consumo interno ou em cruzadas de índole duvidosa».

Defendem também que os Açores devem conduzir uma política de não-alinhamento, «não prostituída» a interesses financeiros, e criticam o acordo recentemente firmado entre Portugal e os Estados Unidos para a utilização da base das Lajes da Terceira.

«Assume foros de escândalo mundial a presente corrida aos armamentos por parte dos Estados Unidos e União Soviética, quando vastas regiões do globo vêem morrer milhões de pessoas à fome» — salienta o documento.

## Pároco quis acabar a festa com tiros de caçadeira

No lugar de Gonça, freguesia de S. Torcato, concelho de Guimarães, houve «mosquitos por cordas» durante a noite de passagem de ano, com o padre da terra – Cipriano da Cunha – a tentar impor a sua vontade, através de dois tiros de caçadeira. Como é usual nas recônditas freguesias do Norte e Centro do País, quase todas as iniciativas passam forçosamente pelo padre. Gonça não é excepção e um grupo de paroquianos avistou-se com o senhor abade para obter autorização para levar a efeito uma pequena festa de passagem de ano, no adro da igreja. Obtida a autorização, foi então montada uma amplificação sonora, a qual, por vontade do reverendo, devia ficar silenciosa a partir das 20 e 30. Só que era noite de S. Silvestre e o pessoal fez questão que o locutor de serviço – João Cardoso – prolongasse a música até à meia-noite.

Faltaria sensivelmente uma hora para que o «velho» se fosse embora e entrasse o «novo», quando o senhor abade surgiu de espingarda caçadeira, disposto a silenciar quem perturbava o seu descanso. Sem mais aquelas, o cura disparou dois tiros, indo um atingir em cheio os altifalantes e o outro a cabina de som, onde se encontrava João Cardoso, que, no entanto, saiu ileso.

Os ânimos exaltaram-se e um paroquiano lembrou então ao senhor abade que o melhor seria guardar a arma, pois podia sair «chamuscado» da festa. Ciente de que a par do conselho não havia margem para dúvida, sobre a disposição que animava as suas «ovelhas», o «pastor» de Gonça recolheu a penates, enquanto os paroquianos retomavam a iniciativa, queimando as girândolas que haviam comprado para festejar condignamente a passagem do ano.

Ontem, e cumprindo uma promessa feita na ocasião, a Comissão de Festas apresentou queixa contra o padre, por ameaça com arma e danos, no posto da GNR de S. Torcato.